

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

PRINCÍPIOS E VALORIZAÇÃO DO JUDÔ NA VIDA COTIDIANA
DE MESTRES DA REGIÃO DE MOGI DAS CRUZES

Gilmar Barbosa de Souza

São Paulo
2010

Princípios e valorização do judô na vida cotidiana
de mestres da região de Mogi das Cruzes

Gilmar Barbosa de Souza

Dissertação apresentada à Escola de
Educação Física e Esporte da
Universidade de São Paulo, como
requisito parcial para obtenção do
grau de Mestre em Educação Física.

Orientadora Profa. Dra. Katia Rubio

AGRADECIMENTOS

Este estudo me faz sentido porque faz entender parte do caminho que percorri. Gostaria agradecer a todos que participaram desta construção, apesar de não cabê-la. Para representar todos que mereceriam, escolho todos os mestres e colegas do judô e da universidade. Neles tive exemplos de integridade, hombridade, moralidade, ética, respeito, primando pelo crédito ao próximo. Espero que este trabalho seja uma demonstração da minha gratidão.

Esse processo só foi possível graças a minha família, minha noiva em especial, que compartilhou todos os caminhos que percorri desde a minha infância até neste estudo. Sem eles eu não seria capaz de ter feito o que fiz. Estiveram sempre ao meu lado, independente dos resultados. Deixo as desculpas pelas ausências e o obrigado pela compreensão.

Diante da impossibilidade de citar todos que influenciaram do processo de criação deste estudo, me limito a agradecer àqueles que participaram da elaboração dele; os colegas membros do Centro de Estudos Sócio-culturais do Movimento Humano e o Grupo de Estudos Olímpicos, e o Grupo de estudos em Lutas, Artes Marciais e Modalidades de Combate, principalmente o professor Emerson Franchini, Fábio Cardias e Alexandre Velly Nunes, que acompanharam nos dois grupos, parceiros de idéias, discussões e de materiais.

Sensei Katia Rubio, o respeito que tenho por você não é apenas hierárquico, é proporcional a sua importância e ao respeito que você presta a mim e aqueles que lhe cercam. Esse foi o motivo que me fez buscar nossa aproximação. Aos *Sensei's* Marcos Garcia Neira e Cristiano Roque Antunes Barreira deixo mais do que o agradecimento por aceitarem esse desafio, que sequer eu, assim como muitos outros *judokas*, sabia da dimensão que esse trabalho alcançaria. Tenho orgulho em ter tido vocês ao meu lado.

Todos vocês estão sempre em minhas meditações. *Domo Arigato Gozai Mashita!*

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	8
1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
1.1. Objetivo	14
1.2. Participantes.....	14
1.3. Critérios de seleção	14
1.4. Método história de vida	15
1.5. Procedimentos.....	18
2. JAPÃO – BRASIL: APROXIMAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS	18
2.1. Cultura NipoBrasileira: Similaridades	19
2.2. Imigração Japonesa no Brasil	21
2.3. Perseguições.....	23
2.4. Mogi das Cruzes.....	25
2.5. Japoneses em Mogi das Cruzes	28
3. JUDÔ: O CAMINHO DA SUAVIDADE	31
3.1. O caminho do guerreiro	31
3.2. A vida de Jigoro Kano	34
3.3. A elaboração do judô.....	37
3.4. Métodos de treinamento	38
3.4.1. Randori	39
3.4.2. Mondo	39
3.4.3. Kogi.....	39
3.4.4. Kata	40
3.5. Proposta Seiryoku Zenyo	41
3.5.1. Arte marcial.....	41
3.5.2. Treinamento físico.....	42
3.5.3. Treinamento intelectual.....	43
3.5.4. Educação moral.....	43
3.5.5. Vida diária	44
3.6. Prosperidade mútua: Jita kyohei	44
3.6.1. Nível inferior ou marcial	45

3.6.2.	Nível intermediário ou cultivado do físico e intelecto/mente.....	46
3.6.3.	Nível superior ou do bom uso da energia pessoal no social.....	46
3.7.	O judô e o Movimento Olímpico Internacional.....	47
3.8.	O judô contemporâneo.....	51
4.	JUDÔ BRASILEIRO.....	55
4.1.	Lutadores enviados pelo Kodokan	57
4.2.	Primeiros registros.....	58
4.3.	Grupos de imigrantes.....	60
4.4.	Organização institucional	61
4.5.	Mestres da região de Mogi das Cruzes	70
Katsutoshi Naito	72	
Tokuzo Terazaki.....	74	
Shojiro Higuchi.....	77	
Benishi Egoshi	77	
Atualidade na região	78	
5.	PRESENÇA E VALOR DO SEIRYOKU ZENYO	81
Paschoal Naito	83	
Sethiro Namie.....	92	
Roberto Moretti.....	100	
O cotidiano e os valores na vida dos mestres.....	110	
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS	120	
Fontes eletrônicas	124	
ANEXOS	127	
Termo de consentimento livre e esclarecido.....	127	

RESUMO

Princípios e valorização do judô na vida cotidiana de mestres da região de Mogi das Cruzes

Autor: Gilmar Barbosa de Souza

Orientadora: Profa. Dra. Katia Rubio

O judô tem como marco a criação da escola Kodokan em 1882, idealizado por Jigoro Kano, com a intencionalidade educativa como referência norteadora, segundo os métodos de treinamento mental e físico. Buscava o desenvolvimento físico, intelectual, moral para o uso na vida cotidiana, com uma proposta que invertia a ordem dos elementos constantes nos combates guerreiros onde o processo se torna mais valoroso do que o resultado e, o produto mais significativo é aquele que se colhe em conjunto. Estes sentidos são expressos pelos princípios *seyrioku zenyo*: melhor uso da energia e *jita kyoei*: auxílio e prosperidade mútuos. No Brasil o judô veio trazido por imigrantes japoneses e foi difundido em diversos contextos, interesses e práticas, entre elas a transmissão e preservação cultural e a relacionamento social. Diante destes aspectos este estudo tem por objetivo discutir e analisar a presença destes princípios na vida cotidiana de mestres de judô, a partir de suas memórias, que participaram da difusão da região de Mogi das Cruzes e foram alunos de pioneiros do judô no Brasil. Para tanto é utilizado o Método história de vida. Os dados apontam para presença dos princípios propostos, destacando-se elementos cotidianos valorizados por eles, destacando; as origens familiares; a iniciação desafiadora; o treinamento rigoroso; a crença no esforço; o orgulho constante; a imagem idolatrada dos mentores e; a marcialidade. Diante de situações como o caráter de mudança imposto pela sociedade; o processo de esportivização que a arte sofreu e; as perseguições políticas e ideológicas.

Palavras-chave: Jigoro Kano, Esportivização, Imigração japonesa.

ABSTRACT

Judo's principles and valuation in daily life of master of Mogi das Cruzes

Author: Gilmar Barbosa de Souza

Adviser: Profa. Dra. Katia Rubio

Judo is marked by the creation of the Kodokan school designed in 1882 by Jigoro Kano, with the intentions guiding educational reference, according to the methods of mental and physical training. He sought the physical, intellectual, moral, for use in everyday life, with a proposal that reversed the order of the elements contained in the fighting warriors where the process becomes more valuable than the result, and the most significant product is one that is harvested together. These directions are expressed by the principles *seyrioku zenyo*: better use of energy and *jita kyoei*: aid and mutual prosperity. In Brazil judo came brought by Japanese immigrants and was broadcast in various contexts, interests and practices, including the transmission and cultural preservation and social relationship. Given these aspects the study aims to discuss and analyze the presence of these principles in everyday life master of judo, from his memoirs, who participated in the diffusion region of Mogi das Cruzes and students were the pioneers of judo in Brazil. For this is the method used life history. The data indicate the presence of the principles proposed, especially evidence valued by them everyday, highlighting, family background; initiation challenging, rigorous training and the belief in the effort, pride constant image idolized mentor, the martial. Faced with situations like the character of change imposed by society, the process of Sportization that art has suffered and, the political and ideological persecution.

Keywords: Jigoro Kano, Sportization, Japanese Immigration.

INTRODUÇÃO

“Judô não é meramente uma arte marcial, mas o princípio básico do comportamento humano. É um equívoco afirmar que o judô termina no dojo”. Jigoro Kano

A idéia inicial deste estudo era analisar os aspectos culturais envolvidos com a origem e o desenvolvimento do judô brasileiro, especificamente regional. Estas leituras iniciais sobre os estudos sócio-culturais referem-se justamente às diversidades existentes entre grupos sociais, o que permitiria identificar e analisar diferenças entre as práticas sociais originais e as contemporâneas, entre Japão e Brasil, de forma descritiva e analítica, para que fosse possível compreender como esse processo se deu.

No início, percebi como era grande o desafio de escrever o que se vive sem opinar, buscando a imparcialidade, com disciplina oriental, militar, até descobrir que em alguns tipos de estudo o pesquisador se torna parte integrante da pesquisa, resguardando elementos que tornam esse processo mais do que apenas um relato de experiências. Foi isso o que descobri com os estudos culturais, onde a interação entre o autor e seu objeto de estudo são uma única peça de um contexto que só didaticamente se separa. Nessa perspectiva teórica as motivações pessoais se mesclam à tentativa de responder questões e inquietações fundamentais da vida do pesquisador ou do que o cerca. Nessa construção o que está em jogo para o pesquisador não são as respostas encontradas, mas a interpretação dos fenômenos envolvidos.

Levei muito tempo para compreender a pergunta que norteava esta pesquisa, considerando sempre minhas possibilidades, potencialidades e bagagem teórica. Agora, tento - sem a prepotência de responder - entender e

sistematizar de forma acadêmica e metodológica parte de minha própria história de vida. Selecionando, trazendo e discutindo os elementos que constituíram minha formação esportiva e conseqüentemente, minha própria identidade. Deixo claro que faço uso da afirmação de Geertz (1989) de que para esse tipo de estudo é necessário estranhar o familiar e tornar familiar aquilo que é estranho.

Dentro dessa perspectiva de estudo e análise parto de referências que julgo fundamentais para a contextualização do estudo. Começo pelo termo *prática* do judô, ao invés de *modalidade*, comumente utilizado para categorizar o judô. Primeiro porque ao usar o termo modalidade revelar-se-ia, prioritariamente, a interpretação esportiva do judô. Seria enfatizada a competição, o resultado, o treinamento e as instituições. Segundo, porque este termo *prática* pode abarcar também o conceito de prática social. Nos estudos em Educação Física geralmente a palavra “prática” demonstra alguma ação motora voluntária, consciente, intencional, dirigida, sistematizada. Já neste estudo, pretendo descrever as atividades que estão além dos tatames e são conseqüências indissociáveis da prática física.

Obviamente o judô não deixa de ser praticado competitivamente, nem de ser influenciado pelo fenômeno esportivo contemporâneo, onde os resultados são tomados como fundamentais para a modalidade. O resultado no judô é tão fundamental como em outras práticas, motoras ou não. Jigoro Kano descreveu sua preocupação com o sucesso e o desempenho em seu maior preceito, traduzido como “melhor uso da energia”. Nesse sentido, algum sucesso no judô me motivou a permanecer nele. Eu buscava um sucesso relativo, minha saúde.

Minha prática no judô teve início aos nove anos por recomendação médica e escolha minha para melhorar minha saúde que estava debilitada devida a um acidente com queimaduras aos três anos de idade, seguida por quatro cirurgias plásticas. Acompanhei meus colegas de classe até a academia que ficava no centro de Mogi das Cruzes. Meu primeiro *judogi* foi presente de aniversário. Sofri bastante no começo com a frequência das quedas: parecia que eu estava apanhando. Cheguei a parar, mas depois retornei e decidi não apenas aprender,

mas treinar e ficar sempre ao lado dos melhores alunos da academia. Assim, me destaquei logo, porém mais pelo esforço do que pela habilidade ou técnica. Lembro que desde o início as lesões eram constantes e acumulativas. Competia mesmo assim.

Tive a sorte de ter como *sensei* o professor Paulino Namie, que transitava entre as atividades atléticas e a maestria. Por ser formado em Educação Física, um dos poucos da época, aprendi muito com ele e a definição da área que atuo se deve em boa parte, aos ensinamentos dele. Não apenas com relação à Educação Física, mas como também os valores que permeiam minha vida.

Desde cedo o judô me deu a sensação de pertencimento a um grupo social, marcadamente composto por descendentes de japoneses, muito embora eu seja um afrodescendente. As transmissões culturais recebidas naquela comunidade foram para mim tão ou mais significativas do que minha herança genética, pois são assim facilmente identificadas, tornando parte fundamental da minha identidade. Infelizmente, na sociedade contemporânea, o maior símbolo da descendência afro está contido na superfície do corpo, denotando apenas aparência, a pele negra. Por mais de um século a cor da pele foi motivo de preconceito e de exclusão, gerando diferentes tipos de discriminação em um grupo social que afirmava a inexistência de preconceitos.

Não me lembro de ter passado por preconceito étnico em decorrência da cor da pele ou de condições financeiras ao longo da minha vivência com o judô. Lembro-me apenas de um fato quando, nos meus primeiros meses de aula, quando ainda era faixa branca, fui rejeitado por um colega mais graduado e experiente (faixa laranja), durante um treinamento. Sua rejeição decorria do fato de sermos de níveis diferentes e para ele era uma situação indigna ter que lutar com alguém inferior e não pelo fato de eu ser negro. Depois disso, não me lembro de nenhuma situação em que me julgassem incapaz e passei a observar que eu era julgado não pelas aparências, mas por aquilo que sabia ou não sabia, pelo que eu era ou não capaz de fazer. Tal procedimento classifica o judô como esporte, ou seja, no esporte o que vale é a regra para todos e a busca da

manifestação das habilidades. Assim foram duas décadas de convívio entre descendentes da comunidade nipônica, sem preconceitos, ao contrário, de respeito e admiração pelo que fiz e como fiz. O que não é sinônimo de consentimento, pois o respeito deveria voltar-se também àqueles que não demonstram o mesmo repertório motor. Lamentável saber que isso não me preparou para a realidade fora dos tatames. Mas, percebo a relação com a vida acadêmica, onde muitas vezes, somente os pares são respeitados.

Por volta dos 14 anos, entre as faixas roxa e marrom, cheguei a me desestimular com os insucessos. Decidi me dedicar mais ao judô e abandonei outras atividades que me destacava. Naquele momento já estava em um nível de competição que era preciso escolher as prioridades. Passei a treinar também em outros lugares, como na sede da Federação Paulista, no Projeto Futuro do Ibirapuera e na cidade de Bastos. Naquele ano, rompi o ligamento do joelho esquerdo, na semifinal da seletiva para o Campeonato Panamericano Júnior. Enquanto me recuperava, me dediquei aos estudos pré-vestibulares. Nos três anos seguintes estudei em conceituados colégios, com bolsas de estudo, com o intuito de que precisaria cursar uma boa universidade para contribuir com o meu grupo e entender a minha realidade.

No ano de 1999 ingressei no curso de Educação Física na Unesp de Presidente Prudente, onde ganhei “bolsas de estudo” com pesquisa sobre ensino e aprendizagem de judô para crianças, foram três. Lá a Prefeitura me deu o apoio necessário para o meu desenvolvimento como atleta e a contrapartida era que eu representasse a cidade. Fui treinar com o técnico, Nelson Morimoto, *sensei* com quem aprendi não apenas novas técnicas, mas também que o judô possuía um grande poder de aproximação entre as pessoas, sendo um profissional do judô.

Atingi o auge do meu condicionamento físico, técnico e psicológico. Ganhei quase todas as competições que disputei, tanto no interior como na capital. Entretanto, nessa época rompi o ligamento do outro joelho, o direito, o que me levou a fazer duas cirurgias e só voltei a competir dois anos depois. Consegui voltar a competir e me senti satisfeito, porém, incapaz de fazer melhor. Decidi

parar de competir, voltei a Mogi das Cruzes e segui minha carreira de educador entre aulas, treinamentos e competições de judô com crianças e adultos.

No primeiro ano como profissional em Mogi das Cruzes realizei um sonho montando um *dojo* (arena) permanente na escola estadual onde estudei quando criança. Dois anos depois, a Universidade de Mogi das Cruzes me convidou para coordenar projetos esportivos, também com judô, para crianças de orfanato e da comunidade. Posteriormente, Associação Cultural *Bunkyo*, fez outro convite para coordenar aulas para crianças da comunidade encaminhadas pela prefeitura municipal. Deixei ambos após o ingresso no mestrado. Atualmente sou professor efetivo da escola estadual “Profa. Branca Baumann do Amaral”, destinada a primeira a quarta séries do ensino fundamental, onde o eixo lutas e o *dojo* é o preferido entre os alunos.

De fato busquei o mestrado para compreender um fenômeno que em princípio parecia ser o motor de minha existência, mas que ao longo do curso das disciplinas e da construção da metodologia descobri transitar entre a identidade dos praticantes, a minha própria e a do judô de maneira geral. Procuro dessa forma, adentrar não nas técnicas utilizadas para ensino-aprendizagem dessa arte, mas sim no universo cultural que suporta essa prática já centenária no Brasil. Esses tipos de trabalhos são ainda minoria e espero contribuir com a análise de uma amostra do judô brasileiro sediado em Mogi das Cruzes.

A motivação inicial desse estudo envolvia as tradições e as formas de transmissão das mesmas por meio das aulas e treinamentos de judô, como também pelos eventos – competições (*shiai*), exames (*dangai*), cursos (*gueiko*), treinamentos especiais com outros grupos (*keiko hajime*). Os procedimentos adotados nesses eventos foram sempre parecidos, com a presença constante da hierarquia, da cordialidade, do respeito ao próximo. Exemplos disso é a reverência que se fazia diante da mesa de honra (*joseki*) constituída por autoridades e professores de graduação acima do quinto grau (*kodansha*), ou ainda, desde o processo de organização do evento, no transporte dos materiais, tatames (emprestados pelas academias), no auxílio aos alunos mais jovens da academia (*kohai*), paradoxalmente sendo imparcial na arbitragem, no placar ou na súmula. Quem fazia o evento eram

os próprios alunos, voluntariamente, pois se acredita que a ordem do mestre é desnecessária e que o aluno incorporaria o tal desejo (*jita kyoei*) no cotidiano da academia, auxiliando os demais colegas, que logo se tornariam parceiros. Procedimento esse, provavelmente, semelhante ao que ele próprio aprendeu, auxiliado por um colega mais velho e mais graduado (*sempai*), voluntariamente. Considerando que a competição de 1933, realizada em Suzano tinha a intenção nacional, as demais competições não deixavam de ter o mesmo caráter. Portanto, o descrito ocorria desde competições locais a nacionais. Os eventos não se definem ainda como competições, pois as demais práticas que ainda existem e eram maiores anteriormente eram continuavam o final do evento, não apenas com os tatames retirados da quadra, mas principalmente com confraternização que ocorria.

Este estudo se atrela a minha vida tanto por meio do método como pelo tema. O método “história de vida” gera uma sensação de catarse, uma vez que ao me defrontar com a história dos mestres e de outros praticantes, observo minha própria história de vida. O tema “princípios e valores” possibilita, a partir das minhas experiências, apontar os tratamentos que adoto neste estudo

Deixo claro que, para mim, *sensei*, do japonês, pode ser traduzido como aquele que ensina, ou aquele que deve ser seguido. Não apenas professores são chamados de *sensei*, como também outros cargos respeitáveis como médicos, ou mesmo um simples idoso. Portanto, se compreende que a educação se envolve diretamente com o respeito e não é tarefa exclusiva da escola. No judô a função de educar está além do cargo de quem o ocupa. Hierarquicamente os mais novos acompanham os meus experientes, independente da idade, assim como esses últimos tem a missão de orientar os primeiros. Vários são os termos que envolvem a relação hierárquica entre seus participantes. O termo “mestre” foi aqui adotado para evitar confusões entre a concepção de que ao professor caberia ensinar e ao aluno aprender e a função do ensino deveria ser realizada por profissionais legalmente habilitados para uma educação formal. Em japonês, utiliza-se o termo *judoka* para se descrever aquele que se dedica a estudar o judô, não apenas a quem o pratica. Sendo comum se encontrar o termo judoísta.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.1. Objetivo

Objetivo deste estudo é discutir e analisar a presença dos princípios do judô, *seyrioku zenyo* e *jita kyohei*, na vida cotidiana a partir das memórias de mestres de judô que participaram da difusão da região de Mogi das Cruzes e foram alunos de pioneiros do judô no Brasil. Sendo eles:

1.2. Participantes

Paschoal Naito, filho e discípulo de Katsutoshi Naito, que foi o primeiro presidente da primeira entidade organizadora do judô Brasileiro (*Zen Haku Ju Ken Do Renmei* ou *Jukendo*).

Sethiro Namie, discípulo de Shojiro Higuchi, que era membro do consulado japonês, e companheiro de Benishi Egoshi, e introdutores do judô em Mogi das Cruzes.

Roberto Moretti, discípulo de Tokuzo Terazaki, então vice-presidente da segunda entidade organizadora do judô Brasileiro (*Zen Haku Yudanshakai*).

1.3. Critérios de seleção

Estes quatro mestres japoneses precursores mencionados foram alunos do instituto Kodokan no Japão e acredita-se que teriam influências significativas na compreensão da relação entre o judô praticado no Japão, o judô praticado no Brasil logo quando chegou e se desenvolveu e o atual judô brasileiro.

A escolha dos professores de judô da região de Mogi das Cruzes se justifica pelo fato deles terem participado da organização de entidades com diferentes perfis associativos que foram desde a realização de eventos de caráter culturais, passando pela criação da *Zen Haku Ju Ken Do Renmei* ou, simplistemente como costumava ser chamada, *Jukendo* (Associação Brasileira de Judô e *Kendo*)

até o advento da fundação da Federação Paulista de Judô e conseqüente sistematização da organização da prática do judô regional.

Para tanto será utilizada a metodologia às “histórias de vida” a partir da narração de mestres de judô que participaram desse processo de formação institucional.

1.4.Método história de vida

O principal material que serviu de referência para este estudo foi o livro “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, de Bosi, originado de sua tese em 1973, publicado pela primeira vez em 1979 e com versão mais recente de 1994. Nele a autora acaba por reconstruir a história da cidade de São Paulo, ao registrar as memórias de idosos. Para ela, o entrevistado é o narrador de sua própria história. Segundo ela, o livro não é sobre memória nem sobre velhos, mas sim um encontro entre ambos.

Segundo a autora (1994), toda memória pessoal é também social, familiar, grupal, e por isso ao recuperá-la é possível captar os modos de ser do indivíduo e da sua cultura. Hobsbawn foi importante personagem para o entendimento das transmissões culturais por meio das tradições e memórias da sociedade. Para ele (1990), a memória não é um mecanismo de gravação, mas de seleção, que constantemente sofre alterações.

No esporte o método de história de vida foi utilizado no esporte por Rubio (2003 e 2006), sendo esses seus estudos ferramentas essenciais para esta análise. Na ocasião a autora buscou traçar o imaginário esportivo brasileiro a partir de entrevistas com atletas medalhistas olímpicos brasileiros. A partir daí, foi possível, segundo a autora (2006), afirmar que toda prática esportiva desenvolve um conjunto de valores, regras e atividades denominadas “cultura da modalidade”.

O trabalho de Rubio (2006) ao aplicar o método em um contexto mais próximo da proposta deste estudo, utilizando o esporte, se torna referência para este estudo, no que se refere à metodologia, além de se torna também ponto de

partida para a análise de peculiaridades envolvidas com o judô, ou seja, os estudos culturais no judô. Ainda segundo a autora, a diversidade de fatores envolvidos em uma prática esportiva, que também é cultural, possibilita sugerir a análise dos fatos e as interpretações através das histórias de vida. Afirma ainda que a importância da discussão sobre histórias de vida se dá em função dos relatos orais terem se constituído desde o final do século XIX como uma técnica qualitativa por excelência. Isso porque eles permitem ao pesquisador por meio do som e do tom da fala do entrevistado, da sutileza dos detalhes da narrativa e das várias facetas do fato social vivido, ter acesso aos conteúdos de uma vida que pode ser tomada como individual, mas que carrega consigo elementos do momento histórico e das instituições com os quais manteve relação.

O método é baseado em uma entrevista aberta, onde as interpretações dos fatos vividos são tratadas como dados de pesquisa. Segundo Bosi (1994), por meio da entonação da voz, das repetições, da preocupação, bem como das demais sensações que o entrevistado demonstra durante as filmagens. Geralmente atrelando determinados fatos a outros.

Os estudos sobre a história de vida (Bosi, 1994; Rubio, 2003; Souza, 1997) mostram que esse método possibilita definir o envolvimento de uma pessoa em uma cultura de um grupo social, uma vez que toda memória pessoal é também social, familiar e grupal.

A história oral é um registro que se faz por meio de entrevistas e colhe a experiência de um único indivíduo ou de diversas pessoas de uma mesma coletividade. De acordo com Queiroz (1988) essa metodologia permite que a experiência dos narradores favoreça a compreensão de tradições e mitos, narrativas de ficção e crenças existentes no grupo. Ela opera com os acontecimentos registrados na memória, que não obedecem a um fluxo ditado pela oficialidade do calendário, mas a importância atribuída a episódios significativos. No bojo dessas representações constitui-se o que Rubio (2003) define como imaginário esportivo.

A história de vida é uma forma particular da história oral. Emergem dessa narrativa os acontecimentos considerados significativos na trajetória da vida pessoal ou do grupo ao qual o indivíduo pertence, cabendo ao pesquisador perceber o que ultrapassa o caráter individual do que é relatado e o que está inscrito na coletividade à qual o narrador se insere (Rubio, 2006).

Souza (1997) afirma que, onde quer que as pessoas vivam suas relações, acabam construindo, a partir daí, sua consciência e identidade social e, por isso, representam o que são por meio das histórias que contam. Isso pode significar que uma narrativa repleta de detalhes representa a valorização de experiências passadas mesmo que em contextos menos favorecidos.

Essa questão foi discutida em Rubio (2003) que se buscou refletir sobre a importância da história de vida, que se apresenta na forma de relato oral, na qual um ator social narra sua existência através do tempo, associando-a a acontecimentos históricos de sua modalidade esportiva. Autora que posteriormente (2006) salienta que história de vida é uma técnica qualitativa por excelência. Isso porque por meio dela o pesquisador subtrai da fala do entrevistado, as sutilezas da narrativa.

Por sua vez Bosi (1994) aponta que a veracidade do narrador não se constitui numa preocupação para o pesquisador que utilizará dessa abordagem, uma vez que seus erros e lapsos são menos graves que as omissões da história oficial. A veracidade do narrador não fundamenta o método, pois com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história dita como oficial. O interesse envolve o que foi lembrado pelo narrador, o que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.

A escolha do método, que passa pelas histórias de alguns mestres, mas focaliza a interpretação deles, poupando julgamentos descontextualizados, possibilita também entender melhor a história de muitos outros mestres destacando elementos da história do judô na região e conseqüentemente no Brasil.

1.5.Procedimentos

Os encontros foram agendados de acordo com a disponibilidade dos três entrevistados. O local também foi de escolha dos mesmos, sendo que preferência de todos foi a própria residência. Nela foi entregue o termo de consentimento, como modelo anexo.

Com a utilização de uma filmadora e um gravador de áudio digitais, este último serviu como instrumento auxiliar caso ocorresse algum problema com o primeiro. As imagens digitais foram transferidas para o microcomputador. Sendo transcritas as falas dos entrevistados na forma literal com em suas falas.

O tempo total filmagem foi de 12 horas. Os arquivos foram gravados em 11 discos de vídeos digitais (DVD).

2. JAPÃO – BRASIL: APROXIMAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS

O judô foi criado no Japão, no final do século XIX, período em que transformações sociais e políticas do Mundo eclodiram no lá. Portanto, ele pode ser entendido como uma prática que, a partir de princípios orientais marciais, nasce moderna e se desenvolve como pós-moderna. Diante, portanto, de características que moldaram o Japão em cerca de 150 anos. Profundas mudanças em um espaço de tempo relativamente pequeno. Dinâmica que o Brasil também seguiu. E o judô, em ambos os lugares, reflete a dinâmica dessas mudanças. Pois, o judô brasileiro se apresenta num momento histórico específico: século XX e início do século XXI. Daí a intenção de buscar compreendê-lo dentro de parâmetros históricos e culturais específicos.

2.1. Cultura NipoBrasileira: Similaridades

Muitas similaridades entre Brasil e Japão motivaram o envolvimento entre os dois países. Tais similaridades associadas proporcionaram o surgimento de uma nova denominação, a cultura nipo-brasileira¹.

Similaridades como a dinâmica cultural na modernidade e a formação do povo a partir da fusão entre diferentes povos e diferentes culturas. Brasil e Japão, apesar de estarem em extremos opostos do globo, tiveram os portugueses como desbravadores: o Brasil, em 1500 e os japoneses a seguir quatro décadas depois, porém, para eles a ocupação foi seguida pela rejeição e o bloqueio do país a qualquer entrada ou saída de navios. No Brasil, com a chegada da família real portuguesa em 1808, no Rio de Janeiro, houve uma possibilidade do desenvolvimento econômico que significou a abertura para o mercado, até então inexistente, assim como a reabertura dos portos que ocorreu no Japão cerca de 60 anos mais tarde, durante o período conhecido por Era Meiji.

Essas aberturas japonesas não foram as primeiras. Estudos sobre a língua e a escrita japonesa indicam que seu território sofreu sucessivas migrações coreanas e/ou chinesas, que teriam formado comunidades maiores e com significativa identificação cultural. O povo japonês, de características raciais mongólicas, se formou como resultado das migrações asiáticas continentais. A partir de então, passou a se organizar socialmente em torno de um monarca, nos moldes de seus territórios natais. A partir do século IX o Japão procurou se libertar de sua ascendência cultural chinesa, passando a desenvolver sua própria cultura, conhecendo a partir de então, uma fase de apogeu em sua civilização.

Assim como o Brasil, o Japão teve seu desenvolvimento social e econômico a partir da divisão e da posse da terra. Segundo Araújo (1995), à medida que

¹ A grande dificuldade em redigir termos de origem japonesa é que eles não possuíam uma escrita semelhante ao alfabeto ocidental. Portanto, muitas palavras tiveram que ter sua escrita adaptada. Exemplo disso é a junção de palavras para criar uma nova, fato comum aos japoneses. Como *Ju Do* e *Ju Ken Do*, que preferi manter separado para destacar seu significado.

parcelas cada vez maiores de terras foram se concentrando nas mãos de administradores locais, os *Daimyos*, aconteceu o fortalecimento e a ascensão dessa classe social. Surgiu, então, o feudalismo no Japão. Gradualmente, os administradores começaram a repelir a interferência de funcionários provinciais e centrais, e criaram forças próprias para manter a ordem em suas áreas. Assim, o século X foi pontilhado pela desordem e disputas entre os diferentes *Daimyos*. Como consequência, os guerreiros se afiliaram a duas grandes ligas, lideradas pelas famílias Minamoto e Taira, que se diziam imperiais.

No século XVI ainda perdurava a desordem e a fragmentação no Japão, que chegou a ter, entre 1335 e 1392, duas cortes imperiais. Contudo, no século XVI, o Japão foi novamente unificado sob a administração Tokugawa. Esta unificação foi, em grande medida, alcançada pelos esforços de três generais, que criaram uma base estável para esta administração (*shogunato*), que durou até 1867. Desde 1639 o *shogunato* Tokugawa manteve uma política isolacionista em relação ao mundo exterior.

Segundo Sugai (2000), a era Meiji (1867 - 1912) significou um período de renovação da cultura e japonesa. O momento em que o sistema político-econômico entrou em crise, camponeses, samurais e chefes locais se rebelaram contra as cobranças das pesadas dívidas, obrigando o imperador a renunciar. Começava ali a modernização do país. Em menos de 50 anos, o Japão mudou de uma sociedade feudal para uma potência mundial industrializada.

Estimulado pelo mercado internacional, baseado na economia norte-americana e pelas maravilhas das técnicas e da Revolução Industrial, o governo determinou a extinção de símbolos que indicassem períodos anteriores já ultrapassados. Yukichi Fukuzawa (1835-1901) foi quem introduziu as instituições e os pensamentos ocidentais para modernização do Japão no final do século XIX. Viajou aos Estados Unidos e Europa, onde conheceu as bases da sociedade moderna (Yamashiro, 1977).

Entre 1894 e 1895, o Japão venceu a guerra contra a China e manteve a Coréia em seus domínios. Em 1904-1905 derrotou a Rússia na Guerra Russo-Japonesa, anexando, inclusive territórios que estavam em poder dos russos. Na Primeira Guerra Mundial, lutou como aliado do Reino Unido, com quem tinha assinado tratado em 1902. Nos anos seguintes, consolidou suas posições na Ásia e no Pacífico.

2.2.Imigração Japonesa no Brasil

Desestimulados pelo desenvolvimento industrializado, os japoneses buscavam melhores condições de vida e o trabalho era o caminho que permitia tal finalidade, e a agricultura poderia ser interpretada como vocação, mas o trabalho era a meta².

Em 1895 foi assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão. Um ano antes, o deputado japonês Tadashi Nemoto esteve no Brasil e recomendou o envio de japoneses ao Brasil, fato que atendia a uma necessidade do governo local, disposto a substituir a mão de obra escrava, recém liberta.

Quando os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil encontraram um país agrário e que ainda buscava uma integração nacional. O país vivia a expansão cafeeira e ainda não conhecia a industrialização. A demanda por força de trabalho para as lavouras era crescente, mas os traços de uma sociedade escravocrata encontravam-se fortemente presentes nas relações de trabalho. Após o desembarque no porto de Santos, as famílias eram novamente acomodadas em vagões de carga, e, depois de uma breve estada na Hospedaria do Imigrante, eram distribuídas pelas fazendas, ao longo do percurso. As condições de vida e de trabalho que encontraram foram severas.

² Justamente para um povo acostumado a trabalhar duro em uma terra de poucos recursos e guerrear por sua sobrevivência e de seus descendentes. As condições naturais principalmente do solo e do clima japonês sempre foram escassas. O país é formado por 6.894 ilhas, preenchidas por montanhas e, por vezes, vulcões. A formação do solo é relativamente recente, tendo sua ocupação e desenvolvimento da população possível a partir de técnicas de plantio de rizomas (tipos de arroz) feitas em duas fases; na água (hidroponia) e posteriormente no solo, utilizando assim menos terreno – técnica originária do que atualmente chamamos de Coréia, no período *Yayoi*. A produção foi tão valorizada que os samurais eram remunerados com arroz.

Ocada (2006, p. 143 e 144) referindo-se a Hatanaka (2002), aponta que os dez primeiros navios japoneses que aportaram no Brasil transportavam cidadãos de sete províncias. Segundo Ocada, com o passar do tempo, todas as províncias japonesas se integraram ao processo migratório. O autor se baseia em Sakurai (2000), a partir da análise dos dados obtidos junto a Cooperativa Agrícola de Cotia para confirmar que o trabalho na agricultura era um dos traços mais particulares dos japoneses na sociedade brasileira.

Estes números, no entanto, não condizem com o perfil dos imigrantes que entraram no país. O número de agricultores que vêm como chefes de família até 1962 é de apenas 37,9% do total. Portanto, a soma daqueles que não eram agricultores no Japão, é maior do que a dos agricultores, podendo-se deduzir daí que, apesar da exigência do governo brasileiro de que era necessário ser agricultor para se imigrar, grande parte dos imigrantes vêm se tornar agricultores no Brasil.

Considera-se como marco inicial da imigração japonesa no Brasil a chegada do navio Kasato Maru, em Santos, no dia 18 de junho de 1908 e a vinda desta embarcação deveu-se ao Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o governo japonês e brasileiro. Do porto de Kobe a embarcação trouxe, numa viagem de 52 dias, os 781 primeiros imigrantes vinculados ao acordo imigratório, além de 12 passageiros independentes. Seguiram-se outras levas sucessivas, com exceção ao período entre 1942/1952, durante e após a Segunda Grande Guerra

A imigração japonesa no Brasil foi responsável pela consolidação de diferentes colônias espalhadas pelo território brasileiro. O primeiro local de fixação dos japoneses foi organizado pelas instituições federais que capitaneavam o projeto de colonização “Monções”. Ocupando as regiões próximas de Sorocaba e Registro, os primeiros imigrantes japoneses fizeram parte de bem sucedidos projetos de colonização. A adaptação deste grupo social aos já estabelecidos ocorreu de forma contundente e foi relativamente rápida, se levarmos em consideração os outros grupos que aqui vieram ou foram trazidos.

As razões que permitiram o estabelecimento de tal forma não cabem em discussão neste momento, mas destaca-se a capacidade de organização e trabalho deles, aliado às condições que também conquistaram.

Três anos após a vinda do Kasato Maru, os primeiros lotes de terra foram adquiridos por imigrantes japoneses.

Dados do Consulado Geral do Japão em São Paulo mostram que a comunidade nipônica, o grupo de japoneses que trabalhavam no Estado de São Paulo, era de cerca de 10 mil pessoas em 1914. Vinte anos depois, era composta por 132.689 pessoas. A maior concentração de pessoas nas colônias situava-se ao longo da linha Noroeste da Companhia Paulista de Ferrovias. Desse total, 90% dedicavam-se à agricultura.

A forma como os imigrantes japoneses chegaram ao Brasil os coloca como diferentes aos que já estavam estabelecidos. O Brasil reafirma com os japoneses seu comportamento de valorizar o estrangeiro, que existe desde a vinda dos portugueses.

2.3.Perseguições

Dois tipos de perseguições ocorreram no período que compreendeu a Segunda Guerra Mundial; as perseguições que ocorreram em decorrência do governo brasileiro; e as feitas entre os próprios imigrantes japoneses.

Apesar das similaridades e de acordos anteriores durante a Segunda Guerra Mundial o governo brasileiro contrariou o Japão ao apoiar países da base dos *Aliados*, formada por Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, contra o *Eixo*, formado por Alemanha, Itália e Japão. Os civis japoneses estavam fortemente motivados imigrarem, até mesmo como forma de fuga da terra natal anos antes da Segunda Guerra, considerando que ela começou em 1939 e que os japoneses já se encontravam em batalhas desde 1937.

As perseguições e preconceitos já estavam presentes antes da Guerra pois sua eclosão era eminente, e o Brasil era governado por Getúlio Vargas, que tinha

até então a simpatia dos governantes ditadores da Europa e motivaram uma política de restrição à imigrantes. Após a entrada do Brasil na Guerra, se acirraram as políticas de restrição e policiamento das ações dos imigrantes. Esse apoio fez com que o governo brasileiro se preocupasse com uma possível organização dos imigrantes japoneses, alemães ou italianos. Escolas de língua japonesa foram proibidas, famílias foram expulsas das cidades e tiveram que se acomodar em fazendas, suas posses foram tomadas e destinadas ao fundo de proteção da guerra. A distinção do governo brasileiro aos japoneses tem seu maior momento após o ataque nipônico à base norte-americana de Pearl Harbor em 1941.

“Literalmente do dia para a noite os imigrantes japoneses passaram a ser alvo de suspeita, perseguição e preconceito. Comunidades inteiras de imigrantes que viviam nas cidades, em especial em Santos e São Paulo, receberam ordem de evacuação - em menos de 6 horas famílias foram retiradas de suas casas e enviadas a fazendas de isolamento no interior. Imóveis, dinheiro e quaisquer bens de valor dos imigrantes foram tomados para "posterior inclusão no fundo de indenização de guerra". O Banco América do Sul e o Hospital Santa Cruz, fundados pelos imigrantes japoneses, tiveram suas diretorias afastadas e passaram a ser administrados por interventores nomeados pelo governo. Reuniões com mais de 5 pessoas passaram a ser proibidas - até festas de aniversário e de casamento foram prejudicadas.”³

A segunda perseguição e que envolveu mais mortos não foi feita nem pelo governo brasileiro e nem por qualquer outro. A Guerra Mundial já havia terminado e os inimigos passaram a ser os próprios conterrâneos que não acreditavam e não aceitavam a derrota.

O livro de Moraes (2000) conta a história da resistência de alguns imigrantes à derrota japonesa na guerra, promovendo o grupo denominado *Shindo Renmei* que tinha a intenção de combater os conterrâneos que afirmavam a derrota japonesa. Logo após a Segunda Guerra Mundial, 80% dos 200 mil japoneses residentes no Estado de São Paulo acreditavam que o Japão havia vencido o conflito (Moraes, 2000).

³Fonte: *site* Imigração Japonesa.

Rogério Dezem (2000) descreve que a proporção para esse mesmo número era de 75%. Ele ainda descreve que esse grupo era denominado como *kachigumi* (“vitoristas”). Aqueles que faziam referências à derrota do Japão passaram a ser chamados de *makegumi* (“derrotistas”).

Parte desse percentual formou o grupo que foi conhecido como *Shindo Renmei*⁴. A citação literal de Evangelista (2000) ilustra melhor o que ela representou.

...a associação surgiu dentro da colônia japonesa no Brasil no ano de 1944 - mais de um ano antes da rendição do Japão - com o objetivo (oficial) primeiro de preservar a cultura japonesa e a imagem do imperador Hiroito. No entanto, com o término da Segunda Guerra e a derrota do Japão, a associação tornou-se cada vez mais radical e passou a assassinar os imigrantes japoneses que acreditassem na derrota nipônica frente aos aliados. O número de assassinados chegou a 23 e o de pessoas feridas chegou a 100. Os membros da *Shindo Renmei* falsificaram revistas e jornais internacionais para que os japoneses acreditassem que seu país de origem havia vencido a guerra.

2.4. Mogi das Cruzes

Mogi das Cruzes⁵ dos mais antigos municípios do Brasil, localizado a 50 quilômetros da cidade de São Paulo, fazendo parte da região metropolitana, e a 40 quilômetros da costa do oceano atlântico. Atualmente sua população é de cerca de 375 mil habitantes e seu território é de 721 quilômetros quadrados de extensão.

Seu povoamento teve início em 1560 quando os bandeirantes, exploradores e jesuítas utilizavam a região como caminho e hospedagem entre o litoral e a Vila

⁴*Shindo Renmei*: grupo de imigrantes que não aceitaram a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial. Significa literalmente Liga do Caminho dos Súditos (Morais, 2000).

⁵ Mogi é uma alteração de Boigy que, por sua vez, vem de M'Boigy, o que significa "Rio das Cobras", denominação que os índios davam a um trecho do Tietê. Quando a Vila foi criada em 1611, devido ao costume de adotar o nome do padroeiro, passou a ser denominada "Sant'Anna de Mogy Mirim". Fonte: *site* da Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes.

de São Paulo, recebendo o nome de Vila de Sant'anna de Mogy Mirim. O primeiro a receber essa missão foi português Brás Cubas, que enfatizou sua atuação onde hoje é a cidade de Santos. O maior responsável pelo povoamento e estradas em Mogi das Cruzes foi Gaspar Vaz. Foi elevada a cidade em 1865 (Grinberg, 1961; Mogi das Cruzes, 2009).

Mesmo após as emancipações ainda possui o maior território da região e o pólo econômico dela. É a segunda cidade com a maior reserva da Mata Atlântica, entre a Serra do Itapeti – ao norte – e a Serra do Mar – ao sul. Cortada pelo Rio Tietê que, juntamente com duas represas e diversos rios afluentes, enriquecem o abastecimento hídrico e possibilitam a agricultura na região. Razão que ainda motiva alguns distritos a solicitarem sua emancipação.

Atualmente a região de Mogi das Cruzes abrange os municípios de, Suzano, Poá, Ferraz de Vasconcelos, Itaquaquecetuba, Arujá, Santa Izabel, Salesópolis e Biritiba Mirim. Toda ela compunha a antiga Mogi das Cruzes até o século XIX. Antes disso, boa parte da atual região do Vale do Paraíba – Guararema, Jacareí, Igaratá, Santa Branca, Paraibúna, Natividade da Serra, fdfdfg São José dos Campos e Monteiro Lobato – também fez parte de Mogi das Cruzes, no Brasil imperial (Grinberg, 1961).

Essa região foi seguida pela linha férrea da Central do Brasil até o Estado do Rio de Janeiro, encomendada em 1855 inaugurada na região em 1886. Daí, a esta região, leito do Rio Tietê, atualmente conhecida por região do Alto Tietê, na época era conhecida por Região Central do Brasil.

A cidade de Suzano e sua emancipação merecem maiores descrições geográficas, pois muitos dos fatos a serem discutidos a respeito do desenvolvimento do judô regional, estadual e nacional ocorreram neste município que na época pertencia à Mogi das Cruzes. Principalmente pela presença de Katsutoshi Naito e Tokuzo Terazaki.

O desenvolvimento da linha férrea foi fundamental para o desenvolvimento urbano da cidade. Tal reconhecimento é expresso pela nomeação da estação de trem construída em 1875 com o nome de *Guaió* e, segundo Leone et al. (2009), reconstruída em 1894 por Joaquim Augusto Suzano Brandão, engenheiro responsável que receberá a primeira homenagem com o nome da estação em 1907 e no ano seguinte a então Vila Concórdia passou a também possuir o nome do mesmo engenheiro.

Segundo Leone et al (2009) a linha férrea passou a receber a linha de São Paulo a Mogi das Cruzes em 1911. O mesmo estudo descreve que desde o começo do século XX, o então bairro de Mogi das Cruzes começou a se destacar, principalmente por conta da circulação de trens, mais pessoas chegaram, entre elas muitos imigrantes, além dos japoneses, com maior ênfase a partir dos anos 30, também vieram imigrantes italianos, portugueses, espanhóis e libaneses. Promovendo o crescimento no comércio e na agricultura. Então Suzano chegou a ser o distrito Mogiano que mais mandava frutas para o Rio de Janeiro em 1937 e o maior produtor de morangos do Brasil.

Seus seis mil moradores passaram para 11 mil em 1950, ano em que se tornou o primeiro distrito em arrecadação fiscal. Porém, muitos problemas envolvendo o saneamento básico não eram atendidos e o distrito se caracterizava como um lugar atrás de seu tempo e de seu mérito.

Contexto em que ocorreu um plebiscito tendo como pré-requisito de lei estadual que tivesse uma arrecadação de imposto estipulada por eles como suficiente. Suzano arrecadou mais do que o dobro do mínimo exigido. Sendo a agricultura responsável por 45,7% dela.

Suzano se emancipou graças ao plebiscito de 10 de outubro de 1948, com reconhecimento da Assembléia Legislativa do dia primeiro de janeiro de 1949, no mesmo ano em que Poá. Juntando-se a Salesópolis, emancipada em 1857, Guararema, 1898. Ferraz de Vasconcelos e Itaquaquecetuba se emanciparam em 1953 e Biritiba Mirim em 1963.

É possível entender a animosidade entre os munícipes a partir de então. Compreendendo também a ausência do judô suzanense em referências do judô mogiano, por tanto, não em decorrência das distâncias cronológicas, mas mais enfaticamente pela forma de separação que possuiu mais envolvimento do que se pode aqui descrever.

2.5. Japoneses em Mogi das Cruzes

A Associação Cultural de Mogi das Cruzes - *Bunkyo* estima que Mogi concentre o maior número de *nikkey's* do Alto Tietê. Entre as cidades está Suzano que foi conhecida como a mais povoada pelos descendentes, com uma população entre 25 mil e 30 mil pessoas – 8% do total de habitantes do município. A região carece de dados oficiais sobre o número de *issei's*, *nissei's* e *sansei's* que moram na região.

A cidade possui a maior colônia de japoneses e descendentes entre os municípios do interior do país⁶, em números absolutos, ganhando até de Londrina, que também tem forte presença de *nikkey's*. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) possui dados referentes apenas aos *issei's* no Brasil. As informações do instituto demonstram uma queda no total de imigrantes desde o censo de 1970, quando foram contados 142.685 japoneses no País, para 52.496 em 2000. No censo de 2000, 51.445 japoneses foram registrados no Estado de São Paulo, enquanto que, nos demais Estados do País, estavam outros 1.051 imigrantes japoneses.

Um dos motivos que atraiu a comunidade japonesa para a cidade e o potencial econômico dela. Atualmente o desenvolvimento econômico da cidade se deve ao crescimento urbano e industrial, principalmente por sua localização entre a Grande São Paulo, o litoral norte, Vale do Paraíba e Rio de Janeiro. Atender e interligar grandes centros do país foi também motivo para a cidade, no século passado, ser conhecida como interiorana e com vocação agrícola. Ao mesmo

⁶Jornal Mogi News.

tempo em que atraiu imigrantes, foram eles fundamentais no nesta configuração econômica.

A participação japonesa na agricultura representou uma forte influência no desenvolvimento econômico da região. Graças aos imigrantes, Mogi das Cruzes é nacionalmente conhecida por sua produção agrícola: um “cinturão verde” nacional. A cidade é um dos principais pólos produtivos de hortaliças e legumes do país, além de frutas, ovos, cogumelos e flores. Em alguns itens, o município é líder absoluto, como na produção de folhosas (alface, agrião, rúcula, chicória, entre outras).

A agricultura é o principal ramo de atividade econômica em que os descendentes estão inseridos em todo o Alto Tietê. O país também deve aos japoneses a introdução de vários tipos de legumes, frutas e hortaliças que não faziam parte do nosso cardápio, como o nabo, o repolho, a couve-flor, o caqui, a abobrinha, além de vários tipos de cogumelos.

Uma das principais características apontadas pelo historiador Mário Sergio de Moraes (2008) refere-se à estrutura familiar adotada pelos imigrantes, que se fixaram em pequenas propriedades e contratavam poucos empregados. Como a mão-de-obra era familiar, isso facilitava na condução do trabalho e criava uma unidade e força muito grande. “As jornadas de trabalho eram longas, começavam, em geral, por volta das quatro horas e se estendiam até o pôr-do-sol, todos os dias da semana. Em períodos de colheita, o trabalho era ainda maior, chegando a 24 horas por dia. Feriados eram raríssimos, entre eles, havia o dia do aniversário do imperador”, narra o historiador.

Muitos praticantes de judô estavam entre esses agricultores. Entre os entrevistados, apenas Roberto Moretti cresceu em regiões urbanizadas – apesar de ter sido aluno do mestre Terazaki, que veio ao Brasil para trabalhar no campo, e assim o fez, ao lado de seu companheiro Katsutoshi Naito. Os outros dois entrevistados, Sethiro Namie e Paschoal Naito, também tiveram suas infâncias envolvidas com o trabalho agrícola.

Uma referência à representatividade da agricultura para a cidade e para região foi a criação da Cooperativa Agrícola de Mogi das Cruzes, que serviu de modelo para outras cooperativas agrícolas do estado de São Paulo. O mestre Katsutoshi Naito foi presidente dela por cerca de 15 anos.

As cooperativas agrícolas, formadas por agricultores, onde os produtos são vendidos conjuntamente afim de que se possa negociar o melhor preço para tais produtores. Pois se tal venda ocorresse isoladamente não teria o mesmo poder de negociação. Além das vendas, a cooperativa também pode realizar, a preços mais baixos, a compra de produtos para os agricultores, como herbicidas, alimentos para as granjas, ou mesmo alimentos diversos para que o pagamento aos agricultores fosse feito sem o dinheiro, mas com novos produtos úteis a família ou a manutenção da produção.

Na época existiam também a Outras cooperativas, Cooperativa Agrícola de Cotia, Cooperativa Central Agrícola de São Paulo, Cooperativa Central Agrícola Sul-Brasil, Cooperativa Agrícola Bandeirante Na cooperativa de Mogi havia financiamentos para os produtores, havia lojas, armazéns, onde ocorria um verdadeiro escambo entre produção e mantimentos – se podia comprar mantimentos como arroz, feijão etc. com a entrada do dinheiro conquistado com a venda do produto.

Pouco se encontra na literatura sobre a Cooperativa de Mogi das Cruzes. Novas entrevistas necessitariam ser feitas. Porém, é possível ilustrar a ação dela por meio do depoimento de Pedro Nakamura para descrever o desenvolvimento da cidade (Leone et al, 2009). Nakamura foi um dos 13 primeiros vereadores de Suzano, em 1949. Aos 20 anos “foi trabalhar na cidade em 1942, como funcionário da Cooperativa de Mogi das Cruzes, que tinha uma filial no distrito” (p.118).

“Eu era uma espécie de despachante da turma da lavoura. Era representante de um vendedor do Rio de Janeiro. Recebia a mercadoria dos produtores em consignação, despachava para outras cidades, principalmente o Rio, e depois remunerava os produtores com base na venda feita. Tinha uns 200 agricultores

que dependiam de mim. Era uma espécie de cooperativa, mas independente. Dava preço bom, faturava mais.”

3. JUDÔ: O CAMINHO DA SUAVIDADE

Este capítulo visa descrever e contextualizar de maneira geral a elaboração e a construção do judô e como, da forma proposta por seu fundador, possibilitou a interpretação do atual judô praticado na região pesquisada, buscando relações quanto à possibilidade da formação de identidades culturais.

3.1.O caminho do guerreiro

As lutas ou combates corporais estão entre as formas de manifestações corporais mais antigas que existem na história da humanidade. Documentos arqueológicos demonstram a prática anterior a 4.000 anos a.C. Trata-se de desenhos em papiro na Antiguidade com soldados egípcios, sumérios, acádios, romanos e os gregos, ou mesmo antes disso em sítios arqueológicos com pinturas rupestres (Fabre, 1997; Franchini, 2006). Rubio (2006) descreve que para os gregos as lutas eram modalidades nobres na formação do jovem e constava da programação dos Jogos Olímpicos da Antiguidade. O pancrácio (do grego *pan* – toda; *cratos* - força) era uma espécie de combate onde todos os recursos da força eram permitidos para a derrota do adversário. As lutas são modalidades clássicas e olímpicas por excelência. Além do pancrácio, pugilato (originário do boxe), luta greco-romana e pentatlo (última prova) constavam na programação olímpica antiga.

Segundo Felice, (1997) as lutas são atualmente muito praticadas nos países onde a atividade esportiva constitui fator de relevância para a formação e educação da juventude. Nesses países, sua prática é freqüentemente incluída nos programas escolares de educação física. Esse interesse pedagógico deve-se ao fato de ser uma das modalidades mais completas, pois sua prática requer o uso de boa soma de

qualidades físicas, desenvolvendo amplamente diversas habilidades motoras. Fora isso, desenvolve paralelamente a inteligência, pois exige do praticante concentração, raciocínio constante, reflexos rápidos e coordenação motora, cultivando ao mesmo tempo o corpo e a mente.

As lutas, com ou sem armas foram denominadas como artes marciais, pois em Roma eram creditadas as revelações do deus guerreiro Marte, Ares na mitologia Grega. Como nem todas as lutas tiveram origem destinada à guerra, “artes marciais” é um termo para abrigar diversas formas de luta (Cardias, 2003).

As raízes do judô estão situadas no *jujutsu*, uma arte marcial praticada pelos samurais da época feudal no Japão. E o *jujutsu*, juntamente com a esgrima (*kenjutsu*), o arco e flecha e a luta com lanças, formava parte fundamental do treinamento dos guerreiros. Também chamado de *taijutsu* e de *yawara* era um sistema de ataque corpo a corpo que incluía dobrar e torcer braços e pernas, estrangulamentos imobilizando um oponente, chutes, punhaladas e cortes perfurantes, além de defesas contra estes ataques, assim como os espetaculares arremessos que são o sinônimo do judô contemporâneo. O combate poderia ser fatal, embora os oponentes lutassem em geral desarmados. Mesmo assim, apesar de sua agressividade, o *jujutsu* destacava o equilíbrio e a flexibilidade mais do que a força bruta (Yoffie e Kwak, 2002; Kano, 1994).

As palavras *jujutsu* e judô são escritos com dois caracteres chineses. O *ju* em ambos é o mesmo e significa “suavidade⁷” ou “condução”. O significado do *jutsu* é “arte ou prática”. O *jujutsu* pode ser traduzido como “a arte delicada,” implicando primeiramente, para alcançar a vitória (Kano, 1994).

Os primeiros registros do *jujutsu* encontram-se no compilado do comando imperial japonês (Shikara Kurabe), juntamente com o sumo, porém, com o nome de *yawara*. A partir daí sabe-se que várias escolas foram fundadas com diferentes nomes, sempre de acordo com seus criadores. Mais tarde, com o desenvolvimento da classe guerreira a partir do período feudal, o *jujutsu* ganhou

⁷ Traduzido por Jigoro Kano como “gentleness” ou “giving way”.

importância principalmente nos períodos de Kamakura (1185-1336), de Muromachi (1336-1573) (Sugai, 2000). Até a última metade do século XVI o *jujutsu* não era praticado e ensinado sistematicamente, embora suas técnicas fossem conhecidas desde tempos anteriores. Durante o período do Edo (1603-1868) (regido pela família Tokugawa) tornou-se uma arte complexa ensinada pelos mestres de certas escolas. Naquele tempo, eles apresentavam sua arte como uma coleção das técnicas, sem seguir algum princípio por trás do *jujutsu* (Kano, 1994). Em 1871, um decreto proibiu o uso de armas por civis, propiciando o desenvolvimento de métodos de combate corporal.

Jigoro Kano estudou, junto a grandes mestres, as formas do *jujutsu* conhecidos como o *shinyo-ryu* e o *kito-ryu*, e pôde compreender a essência de suas misteriosas naturezas. Sentiu que estas formas de *jujutsu* tinham algo de valor para a educação contemporânea dos jovens, dando a elas três finalidades: a educação física, a autodefesa e o treinamento moral para jovens, ao mesmo tempo em que melhoravam os fundamentos do *jujutsu*.

A era Meiji (1867–1911) significou um período de renovação da cultura japonesa, marcada pela abertura dos portos em 1865. Estimulado pelo mercado internacional, baseado na economia norte-americana e pelas maravilhas das técnicas e da Revolução Industrial, o governo determinou a extinção de símbolos que indicassem períodos anteriores já ultrapassados, introduzindo as instituições e os pensamentos ocidentais para modernização do Japão no final do século XIX (Yamashiro, 1977).

O judô foi criado no mesmo período em que as transformações sociais e políticas do mundo eclodiram no Japão, sugerindo que o judô viesse a servir como uma representação da dinâmica social. A modalidade serviu como produto tipicamente oriental, principalmente no período de internacionalização do comércio do Japão, servindo como signo deste país. Tais fatos sugerem que o judô se desenvolveu de acordo com as necessidades econômicas, políticas e tecnológicas acompanhando a dinâmica da sociedade da época. (Souza, Cardias e Franchini, 2007)

3.2.A vida de Jigoro Kano

A fim de saber mais sobre o judô, é importante familiarizar-se com a vida de Jigoro Kano, seu fundador. Daí que o estudo das bases filosóficas do judô de Kano não é meramente a decifração do pensamento do judô, mas a compreensão de todo um sistema simbólico que influenciou tão profundamente a educação japonesa e a educação física (Maekawa, 1978).

A história de vida de Kano possibilita o entendimento de seu pensamento e suas ações. Jigoro Kano nasceu a 28 de Outubro de 1860, terceiro rapaz numa família de três meninos e duas meninas. Sua mãe era a filha mais velha de um rico fabricante de cerveja. Seu pai herdou os negócios da família passando a usar o sobrenome da esposa, Kano. Ele era um alto oficial do governo *shogun*⁸, na década de 1860. Com um sentido de organização e de responsabilidade social, contribuiu para a modernização do Japão na abertura dos portos do litoral oeste ao comércio estrangeiro e ao estilo ocidental. As mesmas qualidades deviam ser encontradas mais tarde em Jigoro Kano, provavelmente influenciado pelo espírito empreendedor de seu pai (IJF)⁹.

Em 1869, com a morte da mãe, Kano foi enviado por seu pai para um colégio particular, em Tóquio. Em 1873, já reconhecido como um excelente estudante, passou para um colégio onde cada disciplina era ensinada por professores europeus, sendo o idioma das lições inglês ou alemão. Lá, era freqüentemente agredido pelos colegas mais velhos e mesmo pelos seus companheiros de quarto. No ano seguinte entrou na escola de línguas estrangeiras de Tóquio e, em 1875, inscreveu-se em Kaisei uma escola reservada à elite, que mais tarde seria nomeada Universidade Imperial de Tóquio. Lá a tradição de agredir e espancar os novos estudantes também era comum (Watson, 2000).

⁸ Os *shoguns* (generais) foram os governantes do Japão durante a maior parte do tempo, de 1112 até 1868 com a restauração Meiji.

⁹ Fonte: *site* da International Judo Federation

O pensamento não competitivo de Kano se adequou a este tipo de experiência, também porque, dificilmente ele alcançaria um melhor rendimento físico, uma vez que na infância sempre foi um garoto frágil. Começou a praticar exercícios aos 15 anos (idade avançada tanto para os padrões atuais como para a época, quando já era considerado como adulto), quando ele ouviu de um antigo membro da guarda pessoal *shogun* que o *jujutsu* era um excelente método de treinamento físico, porém ultrapassado, completamente inadequado para um jovem como ele. O interesse dele pelo treinamento físico se dava em função da necessidade de melhorar sua saúde e construir um corpo forte. A partir de então, Kano passou a buscar mestres que lhe ensinassem o *jujutsu*. A Universidade de Tóquio viabilizou este intuito, pois as pessoas mais importantes de todo o Japão passavam por lá (Maekawa, 1978)¹⁰.

Kano estava firmemente decidido a aprender *jujutsu*, e assim, em 1877, encontrou um pequeno *dojo* do mestre Hachinosuke Fukuda da linha *Tenshin Shinryo* de *jujutsu*. Apesar da sua fraqueza física cedo se revelou um bom estudante de *jujutsu* e assim, em 1879, quando se organizou uma demonstração de *Budo* em honra do presidente Ulysses Grant dos Estados Unidos da América, Jigoro Kano foi um dos estudantes escolhidos por Fukuda para participar. A entusiástica reação do Presidente, afirmando que o *jujutsu* deveria ser mostrado a todo o mundo, marcou profundamente Kano.

Dias depois Fukuda morreu e Kano foi nomeado pela família do mestre como o responsável do *dojo*. Ciente da sua inexperiência e da necessidade de conduzir aquele processo, procurou por *sensei* Iso (o Mestre que foi o parceiro de *sensei* Fukuda durante a demonstração perante o presidente norte-americano Ulysses Grant) e tornou-se seu assistente.

Em 1881 morreu o Mestre Iso. No mês seguinte Jigoro Kano obteve a sua licenciatura pelo Departamento de Literatura da Universidade de Tóquio e reinscreveu-se, logo de seguida, em um curso especial anual de filosofia.

¹⁰ Os detalhes a respeito dele neste período são descritos em Kano (1994, p. 31-48).

Estando novamente sem mestre, foi obrigado a procurar um novo professor de *jujutsu*, por meio de uma carta de recomendação. Chegou a Iikubo Sensei, Mestre da linhagem *kito-ryu* de *jujutsu*, transformando-se em um estudante dessa escola. Em fevereiro de 1882, com a anuência de seu mestre, Jigoro Kano, agora com 22 anos, fundou o seu próprio *dojo*, no templo de Eishoji, e levou consigo nove dos seus mais próximos estudantes do *dojo* de *Kito-ryu*. Duas ou três vezes por semana Iikubo ia ao templo ajudar a treinar os estudantes de Kano, denominado *Kodokan*, literalmente, “a escola para estudar o caminho”. (Kano, 1994), em fevereiro de 1882, quando Kano tinha 23 anos de idade.

Kano passou então a dedicar-se à formulação de um sistema de *jujutsu* reformado fundamentado em princípios científicos, integrando o combate com a instrução mental e física. Do *kito-ryu* adota o “*katamewaza*” (técnicas no chão) e o “*atemi-waza*” (golpes em pontos vitais), mantendo as técnicas que se conformam aos princípios científicos e rejeitando todas as outras. Todas as técnicas prejudiciais e perigosas também foram eliminadas.

A sua paixão pela educação levou-o em 1885, com somente 25 anos de idade, ao lugar de Reitor de Gakushuin. Ali impôs uma disciplina estrita permitindo que os estudantes fossem para casa somente aos fins de semana, obrigando-os a executar tarefas menores e ensinando-lhes humildade. Propôs também um ato revolucionário para a época ao abrir as portas da escola aos “comuns”. O ambiente interno mudou por completo sob a administração de Kano, e não é de surpreender que os pais dos estudantes ficassem cheios de admiração pelas maravilhas operadas em Gakushuin.

Em consequência de todas essas transformações surgiu uma feroz rivalidade entre os seguidores do *jujutsu* tradicional e os adeptos do Judô. Porém, não foi necessário muito tempo para que a superioridade do judô se tornasse evidente, especialmente após o Torneio de Artes Marciais de 1886 onde, em 15 encontros com escolas de *jujutsu*, o Judô *Kodokan* venceu 12, perdeu dois e empatou um. Em 1926, o judô substituiu o *jujutsu* como disciplina oficial do programa de educação física das escolas japonesas (Watson, 2000).

3.3.A elaboração do judô

A essência do judô está contida no próprio nome. O significado e a origem da palavra judô são diferentes em muitas interpretações feitas no Brasil, divulgadas amplamente como “caminho suave”. Como descrito anteriormente, para Kano (1994), tanto o judô como o *jujutsu* são escritos com dois caracteres chineses. O “*ju*” em ambos tem o mesmo significado “suavidade¹¹” ou “condução” e “*do*” significa “princípio” ou “caminho”. Caminho é o conceito da própria existência dele, portanto, o judô pode ser traduzido como “o caminho da suavidade”. Estas interpretações podem causar modificações no significado da prática do judô, pois Kano segue descrevendo que o judô é mais do que uma arte do ataque e da defesa, é uma maneira de vida. As implicações desta interpretação para um aprendiz merecem maiores discussões.

Por possuir princípios diferentes, o judô não poderia ser confundido com o *jujutsu*. Isso porque o termo judô pode ser considerado como específico, enquanto o *jujutsu* é considerado generalista (Oimatsu, 1984) pelos seguintes motivos:

(1) o *jujutsu* era perigoso incluindo as técnicas de estrangulamento, apreensão e torções de articulações,

(2) o *jujutsu* perdeu seu valor como uma arte desde que passou a ser ensinado por pessoas desqualificadas,

(3) o *jujutsu* foi pensado como algo vulgar por causa das taxas cobradas para aprendê-lo e também das pessoas que se divertiam fazendo exibições com caráter espetacular.

Para esclarecer melhor, Kano (1994) explicou que o judô significa antes ceder para depois conquistar a vitória. Ele freqüentemente ilustrava esse princípio com o seguinte exemplo:

¹¹ Traduzido por Jigoro Kano como “*gentleness*” ou “*giving way*”.

Considere que um homem parado à minha frente tenha uma força de dez unidades, e que minha própria força seja de sete unidades. Se ele me empurrar o mais forte que consegue, com certeza serei empurrado para trás ou derrubado, mesmo que eu resista com toda força. Mas se em vez de me opor a ele, eu abrir caminho na extensão que ele empurrou, desviando o corpo e mantendo o equilíbrio, meu oponente perderá o equilíbrio. Enfraquecido por essa posição instável, será impossível ele usar toda sua força, que terá caído para trás em três unidades. Como mantive o equilíbrio, minha força permanece nas sete unidades. Agora que sou mais forte que meu adversário e posso derrotá-lo usando apenas metade de minha força.(p. 16,17)

Souza, Cardias e Franchini (2007) afirmam que tão ou mais importante do que compreender como se submeter um adversário a essa situação é entender como este princípio físico, baseado em uma técnica de defesa pessoal, pode ser interpretado para o desenvolvimento intelectual e moral.

O mesmo estudo ainda firma que em síntese, para o mestre, o método utilizado pelo judô se baseia em que todo tipo de energia deve ser utilizada da melhor forma (*seiryoku zenyo*), objetivando-se o bem estar e o benefício mútuo (*jita kyoei*) e a prática regular e persistente auxilia na compreensão desta teoria. Adiante este princípio será mais amplamente discutido.

3.4.Métodos de treinamento

Kano (1994) expôs um método de treinamento do judô no qual se desenvolvem simultaneamente o físico, o intelectual e o moral sugerindo quatro itens: o *randori* (prática livre), o *kata* (formas), o *mondo* (perguntas e respostas) e o *kogi* (leituras).

Para Oimatsu (1984), os dois primeiros são relacionados diretamente à técnica e a etiqueta no *dojo* e à atitude da prática bem como a vida social, e relacionados diretamente à vida social bem como a uma atitude social.

3.4.1. Randori

Significa prática livre e tem por objetivo o desenvolvimento físico e mental por meio da exploração das técnicas. Porém, para Souza, Cardias e Franchini (2007), motivados pelo processo de esportivização, atualmente a maior parte dos locais onde o judô é ensinado utiliza apenas o *randori* como método de treinamento. Quando ensinado dessa maneira é dada exagerada ênfase aos movimentos resultando em outra característica e objetivo que podem ser a submissão do adversário, a vitória, a competição.

3.4.2. Mondo

Esse é um sistema de atitude reflexiva que envolve perguntas relacionadas diretamente com a técnica desenvolvida e aplicada no ambiente de convivência de treinamento, além de se expressar à atitude prática do aprendiz e do iniciado. Relaciona-se também com a etiqueta e à vida social no *dojo*, onde se espera que sejam cumpridos os rituais (Souza, Cardias e Franchini, 2007).

3.4.3. Kogi

São as leituras incluídas nas aulas de duração longa e que têm como finalidade a compreensão aprofundada dos preceitos do judô que tratam tanto da técnica como das lições da prática. Para Souza, Cardias e Franchini (2007) a relação das leituras envolve a história do desenvolvimento do judô, dos fundamentos, do valor do treinamento, do esporte como uma ciência, das teorias da educação física e de outros tópicos. Isto é executado e forma planejada, lógica e sistemática em um período de longa duração.

O mesmo estudo, entretanto lembra que para que o praticante domine os processos básicos é preciso que a teoria lógica e sistemática seja compreendida, e para tanto isso deve ocorrer dentro de um curto tempo. Neste sentido, ao selecionar o material da leitura deve-se ser cuidadoso para que:

(1) Ele esteja ajustado de acordo com o nível do desenvolvimento dos estagiários e de sua maneira de vida, e;

(2) Seja sensível à compreensão dos estagiários e aos seus sentimentos.

3.4.4. Kata

É entendido como um padrão de seqüências de técnicas e é até hoje muito utilizado por diversas artes marciais. Recentemente tem sido utilizado na realização de promoção de faixas, principalmente as pretas. A hierarquia representada por faixas com cores distintas foi uma proposta que também serviu como uma representação da tradição hierárquica nipônica. Kano resgatou o uso de faixas, posteriormente adotadas por outras modalidades, facilitando o agrupamento dos praticantes de acordo com o nível de habilidade. Na época apenas se distinguia faixas brancas e pretas (Souza, Cardias e Franchini, 2007).

Atualmente é cada vez mais freqüente a utilização de graus (*dan*) nas faixas coloridas, determinadas por professores, instituições ou federações, porém, não há ainda uma normatização para a existência delas, diferentemente das outras características do judô, ou mesmo algum padrão para essa atribuição. Isto possibilita que a avaliação subjetiva do professor seja influenciada por interesses na permanência do aluno naquele grau em que ele se encontra. Atualmente, os professores têm utilizado as faixas como controle de avaliação dos alunos, sendo algumas vezes, sendo essa a principal motivação dos praticantes, pois as competições não conseguem envolver a todos devido a diversos fatores, como por exemplo, a dificuldade em agrupá-los. Pode-se interpretar que a prática por si só, gerenciada pelo professor, deveria ser a principal motivação do praticante (Souza, Cardias e Franchini, 2007).

3.5.Proposta Seiryoku Zenyo

Jigoro Kano, afirmou que o judô tem como essência o *seiryoku zenyo*¹², que seria, segundo ele próprio, o princípio básico de todo o judô. A promoção desta essência é ainda uma resposta à época de ocidentalização dos valores sociais japoneses, que estavam ameaçados por uma lógica cultural européia.

Seiryoku zenyo é uma idéia da cultura japonesa, utilizada por Kano, como princípio geral da sua arte, o judô. Esta idéia foi aplicada por ele na experiência física das técnicas da luta e defesa pessoal. Este princípio substituiu e ampliou a teoria japonesa de *ju yoku go o seisu*¹³, insuficiente para explicar o judô. Mas, o princípio de *seiryoku zenyo* foi explorado e extensamente divulgado por Kano para se envolver os planos físico, psíquico-pessoal e social. Assim, nesta perspectiva e de forma didática, pensou em aplicá-lo no treinamento intelectual, no treinamento da educação moral e no treinamento da arte/caminho marcial do judô.

Para Kano (2006), o espírito de *seiryoku zenyo* é o próprio judô, porém, para Souza, Cardias e Franchini (2007) esse princípio e sua aplicabilidade parecerem diminuir a cada dia. O que justifica o resgate aqui da proposta original. Para tal, relacionam-se ao *seiryoku zenyo* os seguintes temas; (1) arte marcial, (2) treinamento físico, (3) treinamento intelectual, (4) educação moral, (5) vida diária.

3.5.1. Arte marcial

Arte marcial moderna, para Kano, é quase o mesmo que defesa pessoal, pois como afirmou, o judô no plano marcial é defesa contra ataque. Defesa contra ataque é também o princípio do caratê e do *aikido*, formulados originalmente por, respectivamente, Gichin Funakoshi e Morihei Ueshiba. Quando da “esportivização” do caratê por Masatoshi Nakayama, e do *aikido* por Kenji Tomiki, o ataque para atingir a vitória colocou o princípio de defesa em segundo plano, tal como aconteceu com o judô esportivo.

¹² Máxima eficiência, uma abreviação do termo japonês *seiryoku saizen katsuyo* (melhor uso da energia pessoal em diversos aspectos da vida). Esse princípio tem origem confuciana e/ou menciana.

¹³ Suavidade controla a dureza.

Kano afirmava que *seiryoku zenyo* é o judô moderno, ou seja, a força física e mental deve ser pensada de forma eficiente em termos de defesa contra ataque. Parece que a defesa é priorizada antes do ataque porque se subentende que a violência e o apelo de agressão física partiriam do outro.

Com a educação física inclusa junto ao aspecto marcial, Kano apontou que observadores afirmaram que a marcialidade do judô teria perdido em aplicabilidade na defesa pessoal, o que, segundo Kano, não aconteceu. Pelo contrário, com a utilização de *seiryoku zenyo* no aspecto marcial associado ao educacional físico, o judô contemplaria o aspecto físico com objetivos mais claros e a concentração de energia necessária em alcançar a maestria marcial. Do marcial ao educacional físico estaria Kano propondo a aplicação de *seiryoku zenyo* na educação física de sua época, tal como veremos abaixo.

3.5.2. Treinamento físico

Se o conceito e a praticidade de *seiryoku zenyo* parecem ter sido bem sucedidos no aspecto marcial, Kano pensou que o mesmo poderia ocorrer em outros aspectos, como na educação física. Pois com a utilização de um melhor uso da energia pessoal, com objetivos claros a serem alcançados, o desenvolvimento de um corpo forte e saudável viria a, mais uma vez de forma confuciana, servir melhor a sociedade. Aqui há, uma vez mais, uma aproximação com o ideal olímpico, que pauta o desenvolvimento harmonioso do ser humano para promover a paz social, para preservação da dignidade humana.

O judô seria uma forma adequada adotada como educação física por ter como princípio o *seiryoku zenyo*. Também poderia divulgar melhor o espírito nacional japonês, sem ser enfadonho, como considerava Kano ser a educação física sueca e dinamarquesa, como também a americana, especialmente a forma da luta *wrestling*, que observou de perto. Kano vislumbrou em seu princípio uma possibilidade de retomar o espírito nacional japonês através de uma prática física e ampliá-la a outros aspectos da vida humana. Dentre elas ele pensou aplicar ao aspecto mental, como apresentado a seguir.

3.5.3. Treinamento intelectual

Para Kano, a aplicação de *seiryoku zenyo* no treinamento intelectual ou mental deveria ser considerada de duas formas: a aquisição de conhecimento-informação e a força mental para o julgamento ao envolver aspectos racionais e emocionais. Ainda assim, mesmo que a aquisição de conhecimento ou informação e o poder de julgamento possam parecer faculdades distintas, ele apontou que deveríamos buscar um ponto de conexão entre ambas para que se fortifique uma a outra.

Se no *jujutsu* o interesse era melhorar técnicas de luta na guerra, no judô, o treinamento intelectual e mental sempre foi priorizado, caracterizando-se como um “*do*”, um caminho de auto-aperfeiçoamento via conhecimento e julgamento moral. Kano reconhecia que muitos praticantes de judô não se importavam com este aspecto e privilegiavam a prática da técnica física, ou *waza* (técnica).

3.5.4. Educação moral

A Educação Moral para Kano está relacionada com a aquisição de conhecimento. Como visto acima, aspectos morais deveriam ser cultivados a partir de ganhos intelectuais e crescimento emocional. O valor da força de vontade é outro aspecto apontado pelo fundador do judô como faculdade fundamental na aplicação de *seiryoku zenyo* para atingir a meta estabelecida de forma eficiente.

Apenas a moral cultivada de forma intelectual e emocional poderia sustentar melhor os julgamentos morais para o bem e para o mal, nos planos pessoal e social. Assim, *seiryoku zenyo* deve ser aplicado a qualquer aspecto da vida social e quando se refere a grupo de pessoas, deve-se não somente administrar os conflitos pessoais, mas evitar os confrontos e ajudar o crescimento do outro. E, uma vez mais, observa-se a proximidade com os princípios olímpicos uma vez que se apregoa a luta contra qualquer forma de discriminação racial, religiosa, política e de gênero.

A educação moral é a base fundamental para a aplicação social de *seiryoku zenyo*, pois Kano acreditava que as virtudes de um podem complementar a do outro. O trabalho em conjunto, traria vantagens que o trabalho solitário não pode alcançar. A partir desta aplicação social de *seiryoku zenyo*, Kano estabeleceu o conceito de *sojo sojou jita kyoei*, ou *jita kyoei* (prosperidade mútua entre os pares humanos). *Jita kyoei* e o ideal olímpico de não discriminação são para Souza, Cardias e Franchini (2007) complementares e possibilitam um diálogo intercultural entre Ocidente e Oriente.

3.5.5. Vida diária

Para Kano, o judô é a aplicação de *seiryoku zenyo* como princípio de suas idéias e da prática de judô para além do *dojo*, sendo este princípio o verdadeiro judô, idealizado e desenvolvido por ele.

A doença, a infelicidade, a desarmonia seriam frutos do mau uso da energia pessoal na vida diária¹⁴. A saúde, a felicidade, os sucessos seriam frutos naturais de uma boa canalização da energia psicofísica e social. Ao final, *seiryoku zenyo* não difere dos princípios religiosos budistas e cristãos, a busca da felicidade na terra, de forma prática, como aponta Kano (2006: 86):

(...) aqueles que praticam judô e seguem o princípio de *seiryoku zenyo* têm sempre um espírito calmo, aproveitam a vida e são produtivos. A mais avançada vida mental pode ser alcançada somente quando as pessoas absorvem ferrenhamente este princípio (...).

3.6. Prosperidade mútua: Jita kyoei

Assim, o princípio de *seiryoku zenyo* é a grande contribuição de Kano à sociedade de sua época e à atual. Ele próprio analisou suas idéias com a proposta de renovação dos Jogos Olímpicos de Coubertin, já em 1894. Não só suas idéias se harmonizavam com as idéias do Olimpismo moderno, mas também concluiu que os sistemas religiosos como o budismo, o cristianismo e o

¹⁴ Com uma profunda relação com o budismo que não cabe neste estudo.

confucionismo, apontavam todos para o mesmo ideal de melhoramento da sociedade. Kano pensou que o melhoramento pessoal somente não teria sentido, mas que contribuições individuais à sociedade eram o objetivo mais nobre de cada ser humano, *judoka* ou não. A partir da aplicação social do *seiryoku zenyo*, Kano estabeleceu o conceito de *jita kyoei* (prosperidade mútua entre os pares humanos).

Tendo a prosperidade da sociedade como meta e o judô como meio Kano pensou três níveis de treinamento do judô com aplicação de *seiryoku zenyo* e desenvolvimento do *jita kyoei* logicamente, sendo eles: marciais, do cultivo intelectual/mental e moral pessoal e da energia pessoal em benefício da sociedade. Souza, Cardias e Franchini (2007) ressaltam que cada um dos três aspectos do judô, proposto pelo seu idealizador, encontram-se atualmente esquecidos ou mesmo desconhecidos pelos praticantes.

3.6.1. Nível inferior ou marcial

O nível chamado inferior, ou básico ou fundamental, está relacionado com o puro aspecto de defesa pessoal do judô. Mas em que pese ter nascido como arte marcial, o propósito do judô foi ampliado por Kano para além do treinamento de defesa contra ataque, para além dos tatames.

Quando se divide o judô em três níveis, nota-se que ele não pode limitar-se ao treinamento para a luta (Kano, 2006, p. 95). As preocupações de Kano foram pensar nos avanços dos aspectos marciais do judô. Dentre tanto, ele reflete sobre a integração do judô com outros caminhos marciais como o *kendo* e o *naginata* e mesmo estilos ocidentais como o boxe e o *savate*, francês. Também relembra a importância do treinamento como defesa pessoal contra as armas, e se possível desde criança, quando deveriam usar espadas de borracha, infláveis ou de pano, ao invés do bambu, por questões de segurança. Quando este nível passa a ser a maestria e rotina de um *judoka*, ele deve avançar para outros níveis, e o segundo nível ou o nível intermediário cuidaria então do cultivo do físico e da mente, tal

como a seguir. Mesmo a marcialidade pode ser entendida como meio para se alcançar a prosperidade da sociedade.

3.6.2. Nível intermediário ou cultivado do físico e intelecto/mente

Se no primeiro aspecto de defesa pessoal passa-se, além da luta, a preocupar-se com aspectos educacionais físicos, aí adentra-se naturalmente no segundo nível do judô. Neste nível o *judoka* tratará de cultivar não só o físico corporal, mas o mental-psíquico, indissociando o aspecto psicofísico. Aqui há a preocupação com a expansão da consciência e dos princípios de *seiryoku zenyo* para além do *dojo*.

Os aspectos intelectuais, a educação moral e as questões do pessoal na vida diária, vistos acima, são integrados ao treinamento do indivíduo, e aí temos a aplicação psicológica dos princípios do judô como caminho de vida. Já aqui, o conceito de “*do*” pode ser utilizado, mas ainda não em toda sua integridade. O verdadeiro “*do*” do judô será concretizado, segundo Kano, quando a maestria alcançada nos níveis um e dois estiverem a serviço da humanidade.

3.6.3. Nível superior ou do bom uso da energia pessoal no social

O bom uso da energia cultivada no marcial e no psicofísico em sociedade é o grande mérito que Kano atribui ao judô, ao tê-lo criado e desenvolvido até sua morte. Sua vida dedicada à promoção do esporte e ao judô se justifica por ele acreditar no melhoramento da humanidade, e isso é promover a responsabilidade social de uma prática, ou seja, colocá-la a serviço da humanidade. Sua crítica parcial ao esporte de competição e sua relutância em não aceitar o judô meramente como esportivo justifica-se na sua crença oriental de que uma prática pode vir tornar-se um caminho de vida e o princípio do caminho que ele adotou foi *seiryoku zenyo*.

Este princípio expressava o resumo de tudo que Kano vislumbrou de melhor na sua ameaçada cultura, no seu orgulho japonês, em que pese as

pressões de modernização de base ocidental impostas pela Restauração Meiji, enfim, o Japão ainda tinha algo a oferecer ao mundo.

Kano foi antes e acima de tudo um educador, com interesses políticos e diplomáticos, e até onde se propôs a pensar e modernizar o antigo *jujutsu*, como resposta às exigências de modernização do Japão, ele conseguiu dar estruturação e sistematização a um princípio básico para desenvolver o seu sistema marcial, o judô.

Seu princípio adotado foi claramente *seiryoku zenyo* e a sistematização deste e sua aplicação às dimensões física, pessoal e social, sendo esta última a meta final e ideal de alcance de qualquer *judoka*, seja o atleta olímpico, o amador entusiasta ou o simples praticante, ou o ser humano em geral. Se o judô vem a colaborar com a educação, o resgate, a restituição e a associação destes valores merecem toda a atenção e estudo.

3.7.O judô e o Movimento Olímpico Internacional

O Movimento Olímpico, por meio do Comitê Olímpico Internacional tem como principais objetivos organizar os Jogos Olímpicos e normatizar as modalidades disputadas, muitas delas recém criadas e sem um conjunto de regras internacionais. Na sua criação, o Comitê Olímpico Internacional foi constituído por representantes de várias nacionalidades indicadas pelos participantes do encontro de 1884, quando Coubertin divulgou sua idéia de resgatar os Jogos (Rubio, 2006).

Diferentemente da maioria dos membros integrantes do Comitê Olímpico Internacional, o Japão, em 1909, recebeu o convite de Coubertin, indicando Jigoro Kano, que seria o primeiro representante da Ásia no Comitê, durante a 10ª Sessão (Franchini, 2002; Japan Olympic Committe, 2007). Kano já tinha uma posição política no Japão, na academia seu cargo máximo foi ser reitor da Universidade de Educação de Tóquio, atualmente, Universidade de Tóquio.

Tornou-se o primeiro presidente do Comitê Olímpico Japonês em maio daquele ano (Japan Olympic Committee, 2007), tendo contribuições fundamentais ao desenvolvimento do esporte e do Movimento Olímpico no Japão.

Kano acompanhou cinco edições dos Jogos Olímpicos (desde 1912, em Estocolmo, até 1936, em Berlim). Em 1911 fundou a Federação Esportiva do Japão (*Japan Amateur Sports Association*). Posteriormente foi responsável pela candidatura de Tóquio aos Jogos Olímpicos de verão, sugerindo que Sapporo deveria ser sede dos Jogos Olímpicos de inverno, ambos em 1940, eventos que não se realizaram. Porém, um comitê japonês criado especificamente para organizar ambos os eventos declinou da candidatura de ambos em 1938¹⁵, influenciado tanto pela guerra contra a China iniciada em 1937, como também pela morte de Kano em 1938.

Mesmo permanecendo no Comitê Olímpico Internacional, em 1921, Kano desistiu da sua posição de chefe da Federação Esportiva do Japão porque ele não concordava com a política de encorajamento de atletas japoneses em participar em competições internacionais¹⁶.

Anos depois Kano teria dito a Coubertin que o judô era inapropriado para participar dos Jogos Olímpicos porque não era um esporte e sim uma escola para a vida, e que ele embora não fosse contra competição (especialmente o *randori* – treino livre), ele era contra campeonatos, pois degradava as pessoas ao se dar total ênfase a vitória (Loka e Cook, 1998), característica própria do *jujutsu* e não preservada por ele.

A um de seus pupilos, Kazuzo Kudo, quando questionado se o judô estaria nos próximos Jogos Olímpicos em Tóquio porém, disse que “se o COI pedisse, o Japão consideraria um convite”¹⁷

¹⁵ Fonte: *site* Japan Olympic Committee.

¹⁶ Japan Times, September 9, 1922, apud Svinth, 2001.

¹⁷ Andy Adams, 1970, Jigoro Kano, *site* judoinfo. Reunindo escritos de Kazuzo Kudo, faixa preta, 10º grau, diretor do *Kodokan*, em seu livro *Dynamic Judo*.

Kano teve opinião crítica ao princípio do esporte que visa o resultado em forma de vitória, mas reconhece, ao buscar os Jogos Olímpicos para o Japão, o valor relativo das práticas esportivas, mesmo não querendo que o judô viesse a se tornar mais uma delas. Quanto ao aspecto esportivo Olímpico, Kano (2006, p. 57) faz a seguinte observação:

A razão pela qual eu trabalhei para a popularização do esporte por mais de vinte anos e meu esforço em trazer os Jogos Olímpicos para o Japão é inteiramente porque eu reconheço seus méritos. Contudo, nesses tempos, quando muitas pessoas estão entusiasmadas com esporte, eu também gostaria de adverti-las dos efeitos adversos dos esportes (modalidades esportivas). Eu também peço que as pessoas mantenham em mente os objetivos da educação física, para desenvolver um corpo bom que seja útil para ele/ela mesmo/a e para sua vida diária, e estar certo de considerar que o método de treinamento esteja de acordo ou não com o conceito de *seiryoku zenyo*.

No dia 4 de maio de 1938, aos 78 anos, menos de um ano após a morte de Coubertin, Jigoro Kano morreu de pneumonia no navio Hikawa Maru, retornando da 38ª Reunião do Comitê Olímpico Internacional, realizado no Cairo (Egito). Em função de todos os acontecimentos desencadeados em função da Segunda Guerra Mundial o Japão só sediaria os Jogos Olímpicos em 1964, quando o torneio de judô foi disputado como demonstração, sendo incluído na programação oficial em 1972, em Munique.

Mesmo com o judô não oficializado como modalidade olímpica, Kano viajou quatorze vezes ao exterior para promovê-lo como educação psicofísica. O aceite como modalidade olímpica de demonstração em 1964 implicou reafirmar o seu potencial como atividade educativa (Kashiwazaki, 2005).

O crescimento do judô devido ao seu envolvimento no Movimento Olímpico tem repercutido bastante tanto entre outras modalidades como entre instituições de diversas naturezas. Atualmente, 187 países compõem a Federação Internacional de Judô, número significativo se considerarmos que 200 países compõem o Comitê Olímpico Internacional e 190 membros a Organização das

Nações Unidas. Assim, no universo desportivo, o judô goza de grande alcance público em diversas classes sociais (Kashiwazaki, 2005).

Verifica-se que das vinte e oito modalidades olímpicas de verão, sete estão relacionados às artes marciais modernas, incluindo a modalidade de tiro. Encontram-se nessa categoria os ocidentais *wrestling* e esgrima, considerados olímpicos desde 1896, o arco e flecha ocidental desde 1900, o boxe inglês desde 1904, o judô desde 1972 e o *taekwondo* desde 2000. As duas últimas modalidades são as únicas lutas orientais representantes no movimento (Comitê Olímpico Internacional, 2006).

Segundo Franchini (2006) a participação feminina no programa dos Jogos Olímpicos atuais tem tido bastante destaque, motivado pela possibilidade de ganho em um maior número de medalhas. Quando incluído como modalidade de demonstração em 1964, havia apenas três categorias de peso, masculino. Atualmente são disputadas sete categorias de peso entre os homens e sete entre as mulheres. Entre mulheres, a disputa ocorre como demonstração desde 1984, e oficialmente desde 1992. O judô foi a primeira modalidade de luta corpo-a-corpo entre mulheres nos Jogos Olímpicos, abrindo precedentes para a maior participação feminina em outras modalidades.

Ainda segundo o autor, tais fatos têm gerado a atenção de países que buscam melhorar seu posicionamento no quadro de medalhas. Diferente da maioria das modalidades, o judô, além do boxe, possibilita a disputa por duas medalhas de bronze, aumentando o computo final da quantidade de premiações. Ainda quanto ao número de medalhas, no judô, e posteriormente no *taekwondo*, as mulheres disputam a mesma quantidade que os homens, diferente das outras modalidades de combate presente nos Jogos Olímpicos. Exemplo disso, nos Jogos Olímpicos em Sydney (2000) 44% das medalhas japonesas provieram do judô.

3.8.O judô contemporâneo

O judô praticado atualmente pode ser interpretado com essencialmente esportivo, considerando-se que grande parte de suas atividades a cerca do mesmo destinam a este tipo de organização, baseada na competição e na institucionalização. Tal fato pode acarretar em uma possível desvalorização de seu processo em detrimento do resultado ou do mercado, tendo como referência as propostas de Jigoro Kano. Esse processo pode ser descrito como esportivização para descrever o processo de transformação em uma atividade competitiva, institucionalizada e, mais recentemente, profissionalizada. Representando a valorização dos resultados e do mercado e destacando a competição como principal forma de organização. (Franchini e Del'Vecchio, 2008; Nunes, 2008)

Esse problema não é recente. No Japão, a competição existia entre os guerreiros japoneses como forma de treinamento ou mesmo como desafios mortais. Com a necessidade de existirem regras que colocassem ambos competidores em condições igualitárias, novos critérios surgiram para a determinação da vitória. Dentro do *jujutsu* e do judô do século XIX o critério fundamental era a submissão ou desistência do adversário, que pode ser entendido como uma regra.

De forma paradoxal, Jigoro Kano utilizou a competição para divulgar seu estilo. Em 1886 a Polícia Metropolitana de Tóquio realizou uma competição entre judô e *jujutsu* para determinar qual arte marcial seria superior em uma luta real, tornando-a oficial. O Kodokan venceu 12 lutas¹⁸, perdeu uma, empatou duas (Kano, 1994).

Com o sucesso pela eficácia do estilo criado e a conseqüente implementação dele na polícia e em escolas, o judô logo ganhou a condição de estilo que representava o Japão internacionalmente. Em seguida, encaminhou

¹⁸ A mais conhecida luta foi com Shiro Saigo, que se tornaria um mito japonês eternizado no livro *Sugata Sanshiro*, de Tsuneo Tomita e filmado por Akira Kurosawa em 1942, com o mesmo nome e também conhecido no Brasil como *A saga do judô*.

outros lutadores para competirem e demonstrarem a sua supremacia aos principais países da época. Inclusive Mitsuyo Maeda, que chegou ao Brasil em 1914.

O sucesso esportivo comparado com o comportamento marcial apresenta muitas similaridades. Entre elas estaria a comparação da luta com a guerra, o empenho, a disciplina, a atenção, ou mesmo o propósito de defesa que não deveria ser desconsiderado em função do ataque ao adversário, caracterizando o respeito ao próximo ou o *fair play* contemporâneo.

A criação de instituições, como as federações, foi determinante para a interpretação esportiva do judô. Porém, inicialmente, grande parte das instituições pretendia organizar a prática e a difusão do judô. A padronização era uma preocupação constante para que a qualidade fosse preservada. Assim, o instituto Kodokan, que foi sediado em um pequeno templo budista, transformou-se; desde 1983 encontra-se em um prédio de doze andares, envolvido por uma “montanha russa” de um parque temático. Passou a promover eventos e viagens para tal. Como exemplo; a criação do *kata*, como forma de treinamento; a adição de outro sistema de treinamento baseado numa nova seqüência de golpes (*go kyo*) por Kyuzo Mifune (Kano, 1994); a vinda ao Brasil de delegações para acompanharem o desenvolvimento do judô – comandada por Naito, em 1940 e, por intermédio do mestre Tatsuo Okoshi, em 1953 e em 1958.

Os eventos realizados nesses intercâmbios, não apenas no Brasil, destacavam a supremacia japonesa, pois mesmo com grandes diferenças físicas, a técnica e o treinamento deles se sobrepunham. Entre os outros países destacam-se, Inglaterra, França e Alemanha, grandes potências no período entre as Guerras que se interessavam tanto em treinar seus militares como também disseminar a marcialidade ao seu povo por meio das aulas de Educação Física.

Estes desafios, as apresentações e o apoio institucional somaram-se aos esforços do Comitê Olímpico Internacional para a iminente entrada do judô nos Jogos Olímpicos, intencionada para ocorrer em 1940, em Tóquio. O adiamento

dos Jogos significou o adiamento da entrada do judô no evento e conseqüentemente, o seu crescimento esportivo. Crescimento que teve seus principais fatos após a Segunda Guerra Mundial; em 1947 ocorreu a primeira competição internacional, entre França e Inglaterra; em 1948 foi fundada a União Européia de Judô e a União Pan-americana em 1952. A Federação Internacional surge em 1951, realizando o primeiro campeonato mundial em Tóquio em 1956.¹⁹

A demonstração do judô nos jogos Olímpicos ocorre em 1964, em Tóquio. Seu ingresso definitivo nos jogos ocorreu duas edições depois, em 1972, em Monique. As mulheres entraram em 1988, como exibição e definitivamente em 1992. Essa participação significou a primeira modalidade asiática nos jogos e a participação das mulheres representou a disputa por uma condição semelhante ao dos homens nas lutas, que até então não havia.

Desde então, entre Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, as regras do judô foram alteradas buscando-se atrair maiores públicos para acompanhar estes eventos. As competições locais seguiram as mesmas regras adotadas nos grandes eventos, em geral, sem haver adaptação alguma. As categorias de peso foram ampliadas, já que no primeiro campeonato mundial somente havia três pesos, atualmente existem oito²⁰, além das competições por equipes e absolutos. O tempo de luta, que no primeiro Campeonato Mundial foi de dez minutos para cada combate, foi reduzido para que mais lutas ocorressem em menor tempo e o os leigos às técnicas voltassem suas atenções para a dinâmica da luta – atualmente o tempo é de cinco minutos para os homens e quatro para as mulheres. A pontuação e os critérios de desempate foram ampliados com o passar dos anos, o que fez com que grande parte dos competidores buscassem alcançar apenas os critérios de desempate (*koka*), como o número de faltas (*shido*) ou o maior número de ataques (bandeira ou *hantei*), e não mais a meta

¹⁹ Fonte: *site* da International Judo Federation

²⁰ A categoria super-ligeiro, homens abaixo de 55kg e mulheres abaixo de 44kg, não ocorrem em competições mundiais. A categoria “absoluto” representa a disputa sem a distinção de peso, lembrando das tradições da modalidade; a partir de 2009 passou a ser realizada em um evento a parte do Campeonato Mundial, com outra data e outro local. A competição por equipes ocorre em eventos nacionais e internacionais, mas no mundial é feita em evento a parte, não pertencendo aos dos Jogos Olímpicos.

final para alcançar o *ippon* por projeção, imobilização ou desistência. Afastando-se da proposta de Kano de busca pela perfeição, expressa como *ippon shobu*. No campeonato japonês não foi aceita a inserção do *koka*, a exemplo da negação da utilização do *judogi* azul, internacionalizado em 1998. Franchini e Del'Vecchio (2007) apontaram as preocupações com a modificação da regra e utilização do *judogi* azul e a transformação do judô.

Em 2007, dias antes da realização do Campeonato Mundial no Brasil, a Federação Internacional de Judô sofreu profundas mudanças com a entrada do presidente Marcus Vizer, buscando modificar a dinâmica das competições, em lugar do sul-coreano Yong-sung Park, em uma gestão que simbolizou a mudança da administração asiática e tradicional para a europeia profissionalizada. As competições foram transformadas em “circuitos” de “Copas do Mundo” e quatro “*Grands Slams*” no modelo adotado pela Federação Internacional de Tênis. Foi excluída a menor pontuação, entre as quatro possíveis (*koka*), quando o adversário é projetado com pequenas partes do corpo, coxa, quadril ou ombros. Essas alterações tinham a intenção de deixar as lutas mais dinâmicas e manter a imagem tradicional, técnico e habilidoso que o judô tinha.

O caminho percorrido pelas instituições, como a valorização do resultado esportivo e a busca por maiores desafios ou cifras, pode influenciar a decisão e a carreira de muitos atletas. Exemplos disso são dois japoneses medalhistas olímpicos que abandonaram suas carreiras como atletas de judô para se dedicar às artes marciais misturadas: *Mixed Martial Arts* ou MMA. Foi o caso de Hidehiko Yoshida, medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Barcelona e do judoca Satoshi Ishii, campeão em Pequim. A federação internacional proíbe a participação em eventos de atletas que tenham competido por nesse tipo de evento. Não foi a primeira vez que os atletas judoístas buscaram fama, maiores ou maiores rendas. Como descrito no capítulo a respeito da introdução do judô no Brasil, muitos lutadores utilizaram o judô como método de subsistência em apresentações ao público, além de utilizarem os combates programados contra desconhecidos como forma de mostrar a suposta superioridade do estilo proposto por Kano.

4. JUDÔ BRASILEIRO

Descrever o judô brasileiro é tarefa que ultrapassa a identificação da chegada e do desenvolvimento dele no Brasil. Pois, o judô brasileiro não se assemelha ao de outra nação. É miscigenado como sua população, possuindo tanto influências japonesas na sua origem, como também se desenvolvendo diante de problemas sociais que o país sofreu ao longo do século XX. Mas, para entendê-lo é necessário organizar algumas interpretações e descrições dos materiais encontrados na literatura.

Franchini e Dornelles (2006) descrevem que o desenvolvimento do judô brasileiro pode ser entendido a partir de duas correntes de professores. A primeira sem finalidade comercial, onde vizinhos praticavam, geralmente por curiosidade, sendo constantes os aspectos ritualísticos; a segunda com finalidade comercial, tendo como principal referência a cidade de Manaus onde as apostas alcançavam altos valores, despertando o interesse dos “barões da borracha”. Essa distinção é apenas didática, pois os grupos relatados conviveram em comunidade. Porém, ao analisar mais profundamente, percebe-se que surgem também alguns grupos liderados por professores que poderiam pertencer a ambas as classificações, ou mesmo nenhuma delas. Fazendo-se necessária uma terceira categoria; a daqueles que divulgavam o judô, mas pensaram em fazê-lo de forma auto-sustentável, com estrutura privada.

Em ambos os casos a imigração foi fator comum. Sobre a importância da imigração japonesa e a contribuição para o desenvolvimento do judô brasileiro, destaca-se a publicação de Calleja (1979), onde segundo ele “tal fato ocorreu de forma desordenada e sem nenhum planejamento”, denotando uma interpretação de que o judô deveria ser disseminado, talvez enquanto produto, limitando-se a uma mera modalidade esportiva. E justamente a forma como o judô chegou ao Brasil, que fez com que ele se desenvolva de forma única, com tentativas de preservação de seus ideais e praticando-o como forma de preservação da cultura japonesa, de educação e, em eventos, revendo seus semelhantes. Esta publicação, apesar de não oferecer novidades aos interessados, serve de

referencia para a distinção da divulgação do judô para além das reportagens da época.

Portanto, faz-se aqui a sugestão de que as origens do judô brasileiro podem ser atribuídas segundo os interesses e os métodos associados a tal origem. Os interesses sempre se envolveram com a divulgação do sistema do *Kodokan*, ainda que alguns não tivessem passagem por lá ou ainda não divulgassem a instituição, acima de tudo divulgavam o sistema adotado. Com relação aos métodos, os mais conhecidos por meio da literatura baseada em livros de memórias e jornais e revistas da época, foram (a) as apresentações, às vezes circenses, por meio de desafios arranjados; (b) Os outros métodos foram reunidos por alguns autores – supracitados – em um grupo de imigrantes, como se todos se assemelhassem em seus interesses e formas de atuação prática envolvendo o judô, bem como se outros imigrantes competidores pudessem se distinguir destes, por quaisquer razões que fossem.

Relacionando-se tal classificação aos estudos olímpicos, poderia se utilizar os termos *profissional* e *amador* para se descrever o grupo que via a possibilidade de lucro ou auto-suficiência com o judô diante de outro grupo que defendia a prática de forma voluntariada e ainda, com recursos próprios.

É aceitável classificar estes imigrantes entre aqueles que tinham a prática da luta como sustento e aqueles que sobreviriam do ensino de judô. Não cabe a este estudo identificar quais seriam os imigrantes que se envolveram com estas formas, ainda que apenas os principais. Porém, o estudo possibilita identificar novas considerações acerca dos processos de divulgação do judô. A divulgação do judô por diversos imigrantes deve-se principalmente ao desenvolvimento urbano e agrícola do estado de São Paulo, na época. Fazendo necessário maior destaque na revisão de estudos publicados sobre o judô deste estado.

O principal trabalho publicado a respeito da história do desenvolvimento do judô no estado de São Paulo é a Edição Comemorativa da revista *Kiai*, referente aos Quarenta Anos da Federação Paulista de Judô (FPJ, 1998). Apesar do

material não possuir perfil acadêmico, é rico em entrevistas com amigos, familiares e outros colegas de mestres que passaram pelo estado. O que pode envolver a parcialidade nos fatos é agravado pela falta de relação entre os próprios fatos, pois o material foi produzido por um coletivo de autores que nem sempre pertencem ao meio judoístico. Segundo este material, os pioneiros desta prática foram os imigrantes, responsáveis pelo desenvolvimento do judô praticado na *Kodokan*, possibilitando a continuidade deste sistema no interior do estado.

4.1. Lutadores enviados pelo Kodokan

Grande parte das informações a respeito da história do judô limita-se a descrever que ele foi trazido ao Brasil por Mitsuyo Maeda (mais conhecido como Conde Koma), no ano de 1914, que fazia demonstrações e combates pelo país (Virgílio, 1986; Sugai, 2000; Suzuki, 1986). Não atribuindo a ele o desenvolvimento, a divulgação ou a expansão do judô no Brasil. Sua contribuição ocorreu em virtude das apresentações que fazia na época. Seu posterior reconhecimento ocorreu por três principais motivos; o fato de ter sido delegado pelo Kodokan para a difusão do judô fora do Japão, juntamente com outros professores que caminharam para outros destinos; a divulgação que este conquistou ao passar por outros países – Reino Unido e Espanha e posteriormente América do Norte - antes de chegar ao Brasil, a partir da divisa entre Uruguai e o estado do Rio Grande do Sul, chegando à cidade de Belém, estado do Pará. Virgílio mostra que Maeda criou uma importante academia em Belém do Pará, sendo freqüentada por último por integrantes da família Gracie, onde montou uma academia e divulgou o judô à família Gracie, que posteriormente desenvolveria duas práticas semelhantes às dele; *brasillian jiu-jitsu* e vale-tudo.

Mitsuyo Maeda ficou conhecido no Brasil por conta de suas diversas apresentações pelo Brasil, inclusive com cobertura dos jornais da época, o que comprovam sua fama. É importante ressaltar que o esporte contemporâneo estava em seu início no Brasil, e a luta atingira uma condição de importância e

interesse. Elas eram realizadas em circos e teatros, onde desafios eram agendados e até mesmo o próprio público era desafiado.

Rildo Heros Barbosa de Medeiros (1999) foi o autor que mais se dedicou a pesquisa sobre as passagens de Mitsuyo Maeda no Brasil, havendo várias divergências sobre isso até então. Porém, sua versão foi baseada em pesquisas foi aceita pelo Instituto *Kodokan*, no Japão. O autor descreve a chegada de Maeda ao Brasil a Porto Alegre em 14 de Novembro de 1914, fazendo uso da cópia do passaporte dele cedido pelo presidente da Associação Paramazônica Nipako de Belém²¹ Gotta Tsutsumi. Para chegar até o norte do Brasil, ele teria percorrido o caminho de Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, São Luiz, Belém e finalmente em Manaus em 18 de dezembro de 1915.

O grupo japonês, em Manaus, fazia demonstrações de técnicas de torções, defesa de agarres, chave de articulações, demonstrações de armas japonesas e até mesmo desafios ao público.

Soishiro Satake foi companheiro de viagem e de combate de Maeda desde sua saída do Japão em 1904. Na mesma época em que Takagi Saigo também fazia apresentações pelo Brasil, em São Paulo principalmente, mas retornou ao Japão após não encontrar sucesso. Para Virgílio (2002) Satake teve um papel fundamental no desenvolvimento do judô no Brasil, pois lecionou por muitos anos e fundou a primeira academia de judô em um clube brasileiro, no Atlético Rio Negro de Manaus.

4.2.Primeiros registros

Se Maeda e Satake tiveram diferentes méritos pela difusão do judô no Brasil, Virgílio (2002) cita um possível primeiro praticante a lutar no Brasil, chamado Sack Miura, que, porém não representou um difusor do judô no Brasil. Trata-se de Sakuzo Miura, jornalista que chegou ao Brasil em 1909 (Kiai, 1998, cita a data de 1903), fundando o jornal destinado a comunidade nipônica, *Nippak*

²¹Deveria ser com grafado como *Nippaku*.

Shinbun. A repercussão dele no Brasil e seu seqüente registro não foi tão expressivo quanto a passagem e os desafios de Mitsuyo Maeda (Conde Koma), relatados em muitos jornais da época. Só foi possível encontrar maiores informações que confirmassem a existência de Miura após a divulgação de trabalhos em comemoração ao centenário da imigração japonesa no Brasil. José Yamashiro (site da Fundação Japão²²) descreve brevemente sobre este que seria o primeiro praticante de judô a chegar ao Brasil:

Sack Miura desembarcou no país em 1909, não de qualquer "maru" de imigrantes, mas sim do navio-escola brasileiro Benjamin Constant, que passara pelo Japão em viagem de treinamento de guarda-marinhas. Consta que Miura fora salvo pelo navio de nossa Marinha de Guerra, quando o barco pesqueiro em que trabalhava naufragou no Pacífico. Era um tipo de samurai aventureiro. Lutava judô. Falava, além do japonês, inglês e alemão e aprendeu o português. Na direção do jornal combatia tudo que lhe parecia abuso de autoridade ou incompetência dos representantes diplomáticos, como o embaixador e o cônsul-geral. E fustigava o seu maior concorrente, diretor do *Jiho*. Seu estilo direto, contundente e ferino agradava muitos leitores. Mas criou inimigos ferrenhos. Conseqüência: foi expulso do território nacional duas vezes (1927 e 1939). Seus inimigos arquitetaram denúncias de que se tratava de elemento perigoso aos interesses nacionais. Na primeira vez, amigos conseguiram a revogação do decreto de expulsão. Na segunda foi parar no Japão onde ficou preso até o fim da guerra. Libertado, faleceu vítima de subnutrição.

Virgílio (2002) ainda cita outro praticante contemporâneo de Miura; Takezo Mamizuka, que lecionou judô na polícia do Estado de São Paulo²³ e depois montou uma escola de línguas para nipobrasileiros, onde posteriormente empregou o imigrante pedagogo e mestre de judô Sobei Tani, que se tornaria seu genro. Pelos poucos registros que se tem da época se pode entender que Sakuzo Miura e Takezo Mamizuka, foram os primeiros praticantes de judô a lutar no Brasil e os primeiros a lecioná-lo.

²²Fonte: *site* da Fundação Japão

²³Uma epopéia. Capítulo Educação, cultura, religião-segmento Educação dos filhos no Pós-guerra, 1992, p.554.

4.3. Grupos de imigrantes

A afirmação já comum na literatura brasileira de que o judô foi introduzido por Mitsuyo Maeda é contestada primeiramente por Calleja (1979), ao afirmar que tal introdução ocorreu sem nenhum planejamento pelos imigrantes que aqui vieram. A hipótese da difusão por imigrantes foi desenvolvida de forma mais detalhada por Drigo (1999), ao ilustrar a expansão do judô entre as colônias japonesas, fazendo uso de entrevistas com dois mestres, Luiz Tambucci e Uadi Mubarak, que estão entre os primeiros ocidentais a praticarem judô. Porém, ambas as intenções descrevem uma interpretação esportiva da prática do judô. Ao se afirmar o momento e atribuir a um ou mais personagens a introdução do judô no Brasil, interpreta-se que a expansão é uma meta, comportamento propício a esporte e ao pensamento pós-moderno e, a intenção dos imigrantes era utilizar o judô como bem cultural japonês. O judô que foi praticado por Mitsuyo Maeda possuía objetivos diferentes aos do judô praticado por alguns imigrantes japoneses, pois o mesmo e outros tiravam subsistência a partir da demonstração e do ensino do judô, diferentemente do grupo de imigrantes que se espalharam pelo interior do Brasil. Desse grupo heterogêneo pode-se destacar dois subgrupos; aqueles que não aceitavam qualquer outra forma de desenvolver o judô que não fosse o voluntariado e aqueles que acreditavam que o judô precisava de recursos para se desenvolver e se consolidar no novo país.

Considerando-se a importância de diversos imigrantes japoneses que desembarcaram no Brasil é necessário o reconhecimento daqueles que, mesmo não tendo sido os primeiros, foram fundamentais para a expansão e a consolidação do judô no Brasil, possibilitando a configuração do judô brasileiro. Alguns deles se tornaram mais facilmente reconhecidos por conta da representação institucional que tiveram. Não sendo a intenção deste estudo fazer justiça à atuação de tantos outros importantes praticantes e professores que se empenharam para a difusão e para o desenvolvimento do judô brasileiro.

Antes de haver alguma organização institucional o judô no Brasil se desenvolveu a partir de pequenos grupos que com o passar do tempo se tornariam maiores e se uniriam para a constituição das Federações, sendo a Federação

Paulista de Judô (FPJ) a primeira delas, fundada em 1958. A razão de haver outras entidades anteriores a FPJ estava envolvida com a origem, com os métodos e os fins dos respectivos grupos.

4.4. Organização institucional

Alguns dos imigrantes lutadores e difusores do judô no Brasil não eram adeptos ao judô do Kodokan, eram praticantes de combates corporais (*jujutsu*) que foram caracterizados no Japão como estilos ultrapassados e sem sucesso, dada a soberania do judô no final do século XIX. Naquela época, tanto no Japão e até no Brasil, o judô foi nomeado e descrito como o *jujutsu* de Kano, ou o judô Kodokan, já que esta denominação já havia sido utilizada antes de Kano. Utilizar as técnicas ou mesmo as regras do judô não significaria praticar o judô do Kodokan, pois a essência dele é, para Kano (2006), o *seiryoku zenyo* e o *jita kyoei*, descritos no capítulo anterior. Alguns mestres que chegaram ao Brasil vinham do Kodokan e buscaram manter os ideais de lá, mesmo sem o contato. Outros mantiveram contato com outra entidade envolvida com interesses militares²⁴.

A revista *Kiai* (1998) descreve que o um dos mais importantes professores foi Tatsuo Okoshi chegou ao Brasil em 1924. Takagi Saigo antes dele, mas como não obteve bons resultados em São Paulo, retornou para o Japão (*Kiai*, 1998; Virgílio, 2002). Para esta revista, ele foi o fundador e primeiro diretor técnico da associação dos faixas-pretas do Kodokan, além de fundador e primeiro diretor técnico da FPJ.

Outros dois professores contribuíram no desenvolvimento do grupo que ficou conhecido como Kodokan da capital; Seissetsu Fukaia, que chegou ao Brasil em 1927 e Sobei Tani, em 1931. Estes três mestres tiveram o apoio de outros mestres e *sensei's* que chegaram ao Brasil posteriormente, mas já eram mestres consagrados no Japão. Estes três não foram os primeiros *judoka's* (estudantes de judô) a entrar no Brasil – talvez, o primeiro a se manifestar tenha sido Sakuzo

²⁴ O *jujutsu* era o combate corporal japonês, assim como o *bujutsu* era o combate com espadas, entre outras formas de ataque e defesa utilizados pelos samurais, portanto, os combates tinham a intenção militar.

Miura –, também não foram os maiores lutadores – os jornais da época enfatizavam a chegada e a estadia dos lutadores com porte físico menor e com golpes misteriosos venciam grandes lutadores sem maiores esforços, Mitsuyo Maeda e Soishiro Satake – e também não foram os primeiros instrutores – Soishiro Satake se dedicou a isso logo quando parou de competir. A menção a eles deve-se a três razões; além das instruções, formaram um grupo consistente que pode nortear as ações para a fundação de associações, até o advento da FPJ e da Confederação Brasileira de Judô; o reconhecimento do Kodokan como única correspondente no planeta em visita oficial de uma comissão em 1940; a continuidade de muitos alunos e instituições – Fukaia foi o responsável por instalar o judô no Esporte Clube Pinheiros, Tani teve alunos que tiveram expressivas as ações de difusão do judô, como seus filhos Fumio, Koki, e Go Tani, além dos irmãos Shiozawa.

A descrição de um Kodokan da capital se deve pela existência de outras possibilidades de se interpretar e prática o judô ou mesmo o *jujutsu*. Para este estudo também é importante destacar que existiu o Kodokan do interior, comandada por Katsutoshi Naito e sediado na cidade de Mogi das Cruzes, no então distrito de Suzano. Posteriormente, outras academias relacionadas ao Kodokan surgiram na região, sendo seus responsáveis Tokuzo Terazaki, Shojiro Higuchi e Benishi Egoshi.

Katsutoshi Naito chegou ao Brasil em 1928 e fundou uma academia em sua chácara. Seus alunos eram principalmente agricultores, muitos deles também imigrantes japoneses ou filhos deles. Como Naito já era mestre conhecido no Japão e respeitado no Kodokan, coube a ele a presidência da Associação Brasileira de Judô e *Kendo (Jukendo)*, com apoio da comunidade japonesa. A descrição dele e dos demais companheiros da região de Mogi das Cruzes merece um capítulo específico.

Ainda com relação às outras possibilidades de prática de judô, era comum a separação e a distinção entre esses grupos. O que não significa que esses grupos tinham a mesma proporção, principalmente a Budokan da família Ogawa e

a academias da família Ono, que eram mais numerosas. Existiam outras academias e grupos espalhados por São Paulo e pelo Brasil que eram menores que os anteriores, mas não eram pequenos. Eram distribuídos principalmente onde havia imigrantes japoneses, desde as regiões de Registro, a sudeste, Presidente Prudente, oeste do estado.

A Associação Budokan foi criada em São Paulo, pelo mestre Ryuzo Ogawa, que chegara ao Brasil em 1934, com a idade de 54 anos, a graduação de 8º *dan* e um diploma de mérito por ter lecionado para o filho do Imperador Mutsu Hito empreendeu um trabalho organizado e esclarecedor, contando com a colaboração de outros idealistas. Esse grupo fundou a Associação Budokan, que atuava em sintonia com as diretrizes emanadas do Japão e passou a organizar campeonatos e competições segundo regras definidas (Wanderley, 2001). Ao chegar ao Brasil Ogawa lecionou judô para a comunidade japonesa no município de Registro, em 1934, e quatro anos após fundou a Academia Ogawa. Em 1946, após as instabilidades causadas pela Segunda Guerra elaborou um sistema que lembrava a Escola Budokan do Japão, denominando-a Associação Budokan, fundou sua primeira filial de uma grande série atualmente espalhadas por todo país, somando-se dezenas de academias (Kiai, 1998). A partir de 1948, a Associação Budokan passa a realizar torneios anuais com a presença de suas filiadas, marcando a expansão do judô passo a passo em todo o território nacional (Franchini e Dornelles, 2006). A palavra *budokan* significa literalmente escola para o *budo*, que por sua vez é o caminho marcial.

Outro grupo independente foi a academia dos irmãos Ono, que promoveu filiais por estados do Brasil, liderada por Yasuichi e Naoishi Ono. Eles chegaram ao Brasil em 1928, um ano antes de Naito e quatro anos após Okoshi, começando a divulgar o judô na mesma época que eles, em 1932. Sua forma de contribuição para o desenvolvimento e expansão do judô brasileiro não pode deixar de ser valorizada, observando-se a forma da apresentação na revista.

“[Yasuichi Ono] Abriu uma quitanda com o dinheiro que ganhou na luta (de desafios de “vale-tudo”) e em 1932 montou sua primeira academia no porão de

uma casa. Depois, partiu para uma segunda, um pouco melhor. Aí, não parou mais: abriu a terceira. Com o passar do tempo, novas academias foram abertas na capital e no interior, (...) Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e Paraná” (Kiai, 1998, p. 10).

Baseando-se nestas leituras, entende-se que os maiores méritos dos mestres Ogawa e Ono foram; a expansão do número de praticantes e de academias, a qualidade técnica, o rigor marcial e a conseqüente divulgação do judô. Esses procedimentos foram fundamentais para a expansão do judô em todo o país.

No entanto, nota-se que os mestres representantes da Kodokan da capital questionavam os métodos das escolas que não fossem da mesma representação. Estes líderes atuavam voluntariamente e quem não assim fizesse não poderia ser aceito como semelhante, pois havia o receio de que os objetivos fossem a marcialidade, a valorização da vitória ou o lucro com a prática e o ensino, procedimentos e fins que, segundo Jigoro Kano, estavam relacionados ao antigo *jujutsu*. Visão essa dos professores Okoshi, Naito e Fukaia, que estiveram mais próximos à Jigoro Kano e vislumbravam preservar aqui as idéias de lá.

A revista *Kiai* descreve Okoshi como responsável pelo Kodokan da capital, ao lado de Seisetsu Fukaia, Sobei Tani, e indiretamente apoiado por Naito e Terazaki. Não se percebe uma liderança única ou polarizada. Muitos dados são apresentados de forma confusa em diversos depoimentos (*Kiai*, 1998 e Virgílio, 2002, são coletâneas de depoimentos que não são analisados entre si). Não há descrição das fontes dos depoimentos. A revista apresenta o ponto de vista de entrevistados relacionados a ele, porém eles não são descritos, mesmo assim deixa claro alguns pontos de vista. Ao afirmar que ele, Okoshi, é quem foi responsável pela reunião dos diferentes grupos envolvidos com o desenvolvimento do judô paulista; *Kodokan* da capital e *Kodokan* do interior, *Budokan* e irmãos Ono. Porém, na página seguinte (p.08), destinada a Katsutoshi Naito, demonstra e ilustra justamente o contrário. Descreve que Okoshi tinha justamente a opinião contrária a junção desses grupos, acreditando ser o

Kodokan o legítimo. Okoshi era totalmente contra as escolas dos irmãos Ono e do professor Ogawa. Entretanto, Naito via o trabalho deles a mesma linha de trabalho do *Judo Kodokan* e ao tentar apaziguar os ânimos, dizia:

“o que eles fazem é igual ao que fazemos. Eles começam com o *ukemi*²⁵ e trabalham muito o lado disciplinar e o respeito como nós. Assim, mesmo sendo uma forma diferente, automaticamente eles também difundem o nosso judô” (Kiai, 1998, p. 09, sem citação de autor)

A inspiração de Naito pode ter sido o próprio Jigoro Kano, que deu demonstração de apoiar as diferentes formas de se alcançar objetivos como esses. Pode-se citar como exemplo a participação dele no Comitê Olímpico Nacional e Internacional, a fundação do primeiro time de beisebol no Japão.

Ainda na revista (Kiai, 1998, p. 09), com uma entrevista que provavelmente foi feita com Katsuhiko Naito, falecido em 2007:

Naqueles tempos de pioneirismo, Naito dizia que o judô não poderia ser utilizado como meio de vida e só poderia ser ensinado sem se cobrar coisa alguma dos alunos. O Dr. Okoshi também via a coisa assim. Por outro lado, os *senseis* Ono e Ogawa fizeram do judô um meio de vida e de subsistência. Na verdade, a maioria das brigas da época eram decorrentes deste ponto de vista.

Não fica claro quando Ono e Ogawa participam dos eventos promovidos pela *Ju Ken do*, nem se haviam outros eventos isolados entre a *Kodokan*, mas percebe-se que a expansão do judô brasileiro ocorre de forma acentuada a partir desta reunião, pois a união dos grupos consolidados e expandidos pelo país significaram uma multiplicação de praticantes considerável.

Coube a Naito a presidência da Associação Brasileira de Judô e *Kendo* (*Zen Haku Ju Ken Do Renmei* ou *Jukendo*). A fundação da *Jukendo* ocorreu em 1933, ano de aniversário de 25 da imigração japonesa. Porém, a primeira

²⁵Tipos e sistema de amortecimento em quedas; sendo elas, para frente com ou sem rolamento, para os lados e para trás. Devido aos riscos de lesões, é tratado como o primeiro fundamento a ser ensinado ao iniciante, juntamente com a etiqueta por meio de saudações. Mas, sua prática possui uma interpretação além. Incorporando-se para a vida cotidiana a idéia de que é necessário saber cair para saber levantar.

competição conhecida como campeonato nacional ocorreu em 1936, no Teatro Colombo, localizado no bairro do Brás, mas não se tornou oficial.

A oficialização dependeu de legislação nacional vigente. O Conselho Nacional de Desportos, as academias teriam que se adaptar às normas da hierarquia esportiva do Brasil, passando então a usar a denominação de Associação de Judô ou Judô Clube e, concomitantemente filiar-se a uma federação para a obtenção do alvará de funcionamento.

A maior parte dos eventos de judô era organizada sobre a supervisão Governo do Estado de São Paulo Departamento de Educação Física do (DEF), sediado no Conjunto Poliesportivo Baby Barione. Mas, com a responsabilidade da Federação Paulista de Pugilismo, que regia legalmente todos os eventos envolvendo lutas no estado, sendo Katsutoshi Naito o diretor designado para o judô. Posteriormente vinculando nacionalmente o judô a Federação Brasileira de Pugilismo, que atualmente se denomina Confederação Brasileira de Boxe.

Segundo o site da Confederação Brasileira de Boxe a entidade foi criada em 1933 com a denominação de Federação Carioca de Boxe e dois anos depois foi alterado para Federação Brasileira de Pugilismo, em 1941, pela lei número 3199 agregou a Federação Paulista de Pugilismo e outras três. “durante vários anos administrou os esportes de lutas (...) até que as modalidades fossem se organizando”. Em 1998, em adequação à lei Pelé a denominação foi alterada para Confederação Brasileira de Boxe (CBB, 2009).

A legislação exigia que uma federação deveria ser composta por, no mínimo três clubes sociais e poliesportivos. A maior e mais consolidada parte do judô no estado era composta com associações e centros de instrução específicos para o judô, com características tradicionais, às vezes administradas por famílias ou amigos. Coube ao Esporte Clube Pinheiros, tendo o mestre Fukaia como responsável, o Clube Atlético Paulistano, com o mestre Hikari Kurachi, e o Clube Linense à fundação da FPJ.

A FPJ foi fundada em 17 de Abril de 1958 e o primeiro presidente foi José Lúcio Moreira de Franca (de 1958 a 1967), advogado e aluno do mestre Ono, seguido por Katsuhiko Naito (de 1968 a 1973 e 1978 a 1983), filho de Katsutoshi Naito. A criação da FPJ simbolizou as mudanças e adequações do judô da época. A forma de organização baseada em critérios para competições, promoções de faixas, cargos, adequações às leis vigentes foram importantes marcos para o desenvolvimento do judô paulista e brasileiro. A entrevista com o *sensei* Uadi Mubarak (Drigo, 1999), é o material que melhor ilustra tal fase.

Cidades mais antigas que tiveram Judô: Campinas, Rio Claro, Araçatuba, Marília, Avaré. (...) Cada academia ia participar do campeonato paulista, não havia eliminatória. Cada academia do Estado podia inscrever dois. Depois criaram as eliminatórias, por ter aumentado o número de participantes, com o aumento das academias. Devido a esse aumento a F.P.J. achou por bem, no tempo do Naito, fazer as eliminatórias, criaram as regiões e cada região mandava dois da eliminatória para o campeonato paulista e foi criando mais classes. De primeiro era apenas sênior, agora tem juvenil, pré-juvenil, infantil e outras classes e assim o judô expandiu. Foi um trabalho muito bem feito pelos professores de judô e por isso hoje ele está em alta.

O primeiro campeonato brasileiro oficial ocorreu em 1956, motivados também pela programação do primeiro campeonato mundial, realizado em Tóquio, em que o Brasil participara após o segundo campeonato panamericano realizado em Cuba, a primeira participação da equipe brasileira em competições internacionais (FPJ, 2009).

O estado de São Paulo teve participação fundamental no desenvolvimento do judô brasileiro, principalmente por ter recebido muitos mestres japoneses como também a participação do grupo de imigrantes. A colônia japonesa, presente em maior número nesse estado, tanto apoiou a expansão do judô como também foi por meio dele e de seus eventos que a comunidade *nikkey* se reunia e preservava valores culturais da terra de origem. São Paulo é um estado populoso, constituído fundamentalmente por imigrantes de diversos países e de diversos outros estados. Essa diversidade cultural presente no estado fez seus reflexos na

configuração do judô brasileiro. Fora do estado de São Paulo o judô se desenvolveu de forma mais gradativa. O estado do Rio de Janeiro teve fundamental participação na configuração do judô atual, porém passou por uma expansão completamente diferente da paulista, considerando-se a difusão pelos imigrantes.

Se a Federação Paulista surgiu em 1958, a do Rio de Janeiro seguiu o caminho e surgiu sete anos após, em 1965. A fundação da Confederação Brasileira de Judô teve o apoio de ambas e ocorreu quatro anos após a realização do Campeonato Mundial de 1965. Até então, como citado, o judô era regido pela Confederação Brasileira de Pugilismo.

O desenvolvimento do judô no Rio de Janeiro é descrito por Wanderley (2001) fazendo uso de quatro grandes fatos que se envolveram a partir de um estilo de luta; a incorporação da disciplina na Escola Nacional de Educação Física, participação do mestre Yoshio Kihara, o intercâmbio de professores com a Budokan e a passagem de Tokuzo Terazaki pelo estado. Segundo o professor Wanderley (2001) cita Vinícius Ruas Ferreira da Silva (1999), contemporâneo dessa época, a prática, naquela ocasião, poderia ser resumida como uma luta que visava conduzir o adversário ao solo e estrangulá-lo, levando o nome de jiu-jitsu. Esse combate, desenvolvido quase que de forma intuitiva e inspirado no *jujutsu* ou no judô, foi introduzido no Departamento de Lutas da Escola Nacional de Educação Física em 1939. Posteriormente, houve a contratação do professor Yoshio Kihara (7º dan) e mais tarde dos professores Augusto Cordeiro e Rudolf Hermanny. Segundo o autor, em 1952 havia ainda muita discussão se a denominação da atividade devia ser judô ou jiu-jitsu.

A definição de qual método seguir, judô ou jiu-jitsu, foi atribuída por Wanderley (2001) a Ryuzo Ogawa, que segundo o autor, foi responsável pela a origem do judô naquele estado. Tal participação ocorreu porque em 1952 e 1953, o professor Cordeiro viajou à São Paulo e assistiu algumas competições organizadas pela *Budokan*. “*Ficou encantado com a técnica, disciplina e respeito infundidos por um desporto que foi criado com a intenção primeira de educar e*

enobrecer os seus praticantes, dentro, portanto, do grande objetivo da Educação Física de promover a solidariedade humana.”

Coube a Tokuzo Terazaki a consolidação do judô no Rio de Janeiro, tanto como método como também institucionalmente, por meio de cursos, aulas e exames de graduação. Wanderley (2001) afirma que a participação de Tokuzo Terazaki significou para o Rio de Janeiro a mudança do judô *Budokan* para *Kodokan*, apesar de Terazaki ter participado ativamente de eventos pela *Budokan*, aparentemente, no momento em que colaborava com o desenvolvimento do judô do Rio de Janeiro ele estava novamente vinculado ao Kodokan.

A relação entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro possibilitou a criação de duas outras entidades que antecederam a Confederação Brasileira de Judô: a Associação Nacional dos Faixas-pretas, ou *Zen Haku Yudanshakai*, e posteriormente a Federação Nacional de Judô, com caráter mais amplo de atendimento a outras graduações. Ambas as entidades foram presididas por Katsutoshi Naito e Tokuzo Terazaki foi o vice. Motivadas pelo aumento do número de adeptos do judô no Brasil e, sem ainda um sistema de organização definido. Wanderley (2001) as descreve:

Uma das finalidades da Associação, e que ficou bem clara na solenidade, era comprovar a realidade dos títulos de "faixas pretas", para que não pudessem ostentá-la quem não estivesse verdadeiramente capacitado para tal. Do seu quadro social, pelo menos, só poderiam fazer parte os "faixas pretas" legítimos, ou seja, aqueles que provassem o seu direito de usar o título.

Outros estados²⁶ tiveram o desenvolvimento do judô envolvendo as duas formas, expandida por imigrantes japoneses ou apoiadas por grupos, principalmente a *Budokan*.

A fundação da Confederação Brasileira de Judô ocorreu em 1969, tendo o Rio de Janeiro como sede. Anos depois da realização de muitas competições

²⁶ O atual presidente da Federação Paranaense de Judô é Luiz Hisashi Iwashita, ex-aluno de Benishi Egoshi em Mogi das Cruzes, que ilustra a importância e a expansão do judô praticado na região do Alto Tietê.

nacionais²⁷, pois até então, as competições eram oficiais e ocorriam sob supervisão da Confederação Brasileira de Pugilismo. Seu primeiro presidente foi Augusto Cordeiro. Sergio Adib Bahi foi um importante presidente, pois o ex-presidente da FPJ chegou à vice-presidência da Federação Internacional de Judô e a presidência da União Panamericana de Judô. Os últimos três presidentes tiveram gestões caracterizadas pela reeleição tendo estados menores como base de apoio. Joaquim Mamede de Carvalho e Silva permaneceu por 20 anos na direção e sua gestão foi marcada por outros fatores além da permanência; o boicote dos atletas da seleção brasileira em disputar competições internacionais entre os Jogos Olímpicos de 1988 e 1992 e as seqüentes acusações de irregularidades pelo Tribunal de Contas da União²⁸. Sua sucessão foi feita por seu filho, Joaquim Mamede Júnior por três mandatos consecutivos. O atual presidente é Paulo Wanderley Teixeira, ex-presidente da Federação Espiritosantense de Judô tem sua gestão marcada pelos investimentos nas equipes nacionais de judô com patrocínios privados e verbas públicas por meio do Comitê Olímpico Brasileiro, tendo como auge o Campeonato Mundial realizado em 2007 no Rio de Janeiro.

4.5. Mestres da região de Mogi das Cruzes

Na região de Mogi das Cruzes o judô se desenvolveu de forma mais semelhante a teoria da difusão atribuída aos imigrantes (Calleja, 1979; Drigo, 1999; Kiai, 1998) – não havendo a finalidade comercial, onde vizinhos praticavam geralmente por curiosidade, e sendo constantes os aspectos ritualísticos (até hoje) – em detrimento da outra corrente onde os lutadores se apresentavam como única forma de subsistência. Descrita por Franchini e Dornelles (2006)

²⁷ A *Zen Haku Ju Ken Do Renmei* ou *Jukendo*, fundada em 1933 tinha um caráter e uma intenção nacional mas, sua expansão não foi efetiva. Intuito esse das Federações estaduais e da CBJ.

²⁸ “Em 1981, com a mudança de presidente, Mamede foi convidado para o cargo de diretor técnico. O dirigente chegou a presidência e cumpriu dois mandatos. Como o estatuto da CBJ não permitia mais uma reeleição, ele resolveu inscrever Joaquim Mamede Júnior, seu filho para concorrer. Em 1991, Mamede Junior obteve o primeiro de seus três mandatos. Seu pai passou então a ocupar o cargo de superintendente.” *Jornal Folha de São Paulo*, caderno Esporte de 16 de março de 2001.

Considerando que os lutadores que se apresentavam tiveram publicações constantes de suas apresentações e que a literatura já fez uso delas, o intuito deste capítulo é apresentar mais detalhadamente e relacionar os imigrantes que difundiram o judô no interior de São Paulo, exclusivamente na região de Mogi das Cruzes, pois pouco se produziu a respeito deles e da consequência de suas ações.

A revista *Kiai* (1998) descreve alguns dos principais imigrantes difusores do judô no estado. Para ela os pioneiros desta prática foram os imigrantes que se espalharam pelo interior de São Paulo, dividindo a organização do judô em Kodokan e Budokan. Para o propósito deste estudo e relacionando-se a Mogi das Cruzes, se destacam os mestres Katsutoshi Naito, Tokuzo Terazaki, Shojiro Higuchi, Benishi Egoshi. Os dois últimos não possuem descrições na revista nem em outra literatura. Sobre eles, a revista (p.08) apresenta um resumo das competições realizadas no final dos anos 30, possibilitando uma interpretação tanto do início como da importância da representação do judô na região de Mogi das Cruzes. Destaque para a apresentação dos professores Higuchi e Egoshi, enquanto residentes em São Paulo, antes de partirem para Mogi das Cruzes durante a Segunda Guerra Mundial.

No ano de 1936, a cidade de Suzano conquistou o campeonato que, na época era denominado de Campeonato Brasileiro. Este fato incomodou bastante o grupo do kodokan da capital paulista, liderado por Okoshi. Era a época do ju-kendo, uma mistura de judô com *kendo*. No ano seguinte, Suzano ganhou novamente e em 1938 o professor Fukaia fez de tudo para que Suzano não faturasse o tricampeonato, montando inclusive uma importante seleção na capital, composta por professores: o primeiro era Matsumoto, Egoshi o segundo e Higuchi o terceiro.

A seguir são descritas as principais atividades envolvidas com o tema investigado. No decorrer do estudo a participação e o envolvimento deles são ilustrados pelos entrevistados.

Katsutoshi Naito

Naito nasceu na cidade de Hiroshima em 25 de fevereiro de 1895. Começou a praticar judô em Formosa, quando órfão passou a ser criado pela tia. Foi aluno de Jigoro Kano desde 1915, onde conquistou o segundo *dan* quando mudou para Tóquio para continuar seus estudos com a graduação em agricultura.

Em 1918, após o final da Primeira Guerra Mundial o Governo Imperial japonês oferecia como prêmio a todos os estudantes que se destacassem viagens ao exterior, a fim de que eles se aperfeiçoassem, Naito embarcou para os Estados Unidos, na Costa do Pacífico, na cidade de San Francisco para trabalhar em uma fazenda e em seguida em outra, em Washington. Ele ingressou no curso de Agricultura, na Pennsylvania State College, em 1920. Como não conseguiu encontrar colegas para treinar judô, ingressou na equipe de Luta Olímpica, ou Wrestling, que já possuía equipes para competições de nível lá, apesar de não ser muito conhecida no Japão daquela época, tornando-se campeão da Liga Oeste Americana. Formou-se em agronomia em 1924. Partindo dos Estados Unidos, foi para os Jogos Olímpicos daquele mesmo ano, onde conseguiu a 3º colocação na Luta Olímpica, estilo livre.

Ao se formar em 1924 conseguiu, por cartas, se inscrever pelo Japão para a disputa da luta, às vésperas dos Jogos Olímpicos de Paris. Conseqüentemente, introduziu esta modalidade esportiva no seu país. Em sua viagem seguiu num barco da delegação americana, diante inclusive de seu algoz nos Jogos. Mesmo em uma modalidade em que não era especialista, conquistou a terceira colocação, sendo o terceiro medalhista olímpico japonês e único daquela edição. Quando retornou ao seu país, Jigoro Kano, que já era membro do Comitê Olímpico Internacional e Ministro da Educação no Japão, lhe conferiu o quarto *dan* de faixa-preta.

Convidado para trabalhar em Formosa com refinamento de açúcar, atualmente Taiwan, que na época era ocupada pelo Japão. Sua atuação especializada em agricultura de empresas privadas o trouxe ao Brasil em 1928, pela empresa conhecida por Takushoku como Diretor Geral do Departamento de

agricultura da Companhia de Colonização América do Sul, subsidiária da Companhia Kanebo, que mais serviços fez no Brasil, situada em Belém, no Pará.

Decepcionado com a forma e condições em que seus conterrâneos eram tratados, decidiu retornar para a vida agrícola na promissora cidade de Mogi das Cruzes. Em 1931 mudou-se para Mogi das Cruzes, no então distrito de Suzano, onde construiu a sua academia de judô, no bairro de Rio Abaixo, na Rua Rosa Umehara Manabe, para os ensinamentos do judô para a comunidade vizinha, de agricultores em sua maioria. O prédio atualmente é um condomínio.

Suas influência e liderança conhecidas desde o Japão lhe proporcionaram o convite para comandar a associação brasileira para o judô e o *kendo* criada no ano de aniversário de 25 anos da imigração japonesa, 1933. Simultaneamente ocupou o primeiro cargo de diretor de judô, na Federação Paulista de Pugilismo, para que os eventos estivessem na legalidade vigente.

O reconhecimento de sua atuação no Brasil veio com uma comissão criada enviada pelo *Kodokan* que, em 1940, ao analisar as instalações e os feitos, conferiu o título de *Sukai Dojo*, que significa Academia Desbravadora (Virgílio, 2002).

A necessidade pelo estabelecimento de critérios para a promoção de faixas, que na época eram apenas em *dan's* sobre a faixa-preta, fez com que ele e seus colegas organizassem a *Yudanshakai*, associação nacional dos faixas-pretas que até hoje existe, mas apenas na região de Mogi das Cruzes e que organiza o estilo de forma competitiva é a FPJ, restando a ela apenas alguns eventos.

Seu destaque na agricultura local também lhe conferiu o cargo de presidente da Cooperativa Agrícola de Mogi das Cruzes.

Em 1964, durante a realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio, Naito foi convidado a acompanhar o evento e recebeu diversas homenagens enquanto esteve por lá. Entre elas, a produção de uma rádio novela pela rádio *NHK*²⁹ que foi intitulada “a volta da medalha”, referindo-se a medalha olímpica que

²⁹ NHK; *Nippon Hōsō Kyōkai*, em inglês *Japan Broadcasting Corporation*, que pode ser traduzido como *Corporação de Radiodifusão Japonesa*

permaneceu no Brasil, mas tinha como enredo o romance do casal que atravessou o planeta diante de muitas adversidades.

Após sua morte, em 1969, sua medalha foi doada ao museu nacional de Tóquio, onde está exposta ao lado do diploma assinado por Pierre Coubertin.

Em 5 de maio de 1995 a universidade da Pennsylvania prestou uma homenagem no centenário de seu nascimento com uma placa de bronze de dois mil dólares postada no corredor.

Entre seus sete filhos, sendo duas mulheres, o primeiro, Katsuhiko Naito, nasceu ainda no Japão e é o único com nome ainda em japonês. Katsuhiko, faleceu em 2006, sendo comum encontrar confusões de interpretações com o nome de seu pai, em textos e entrevistas, pois ele também teve atividades significativas no desenvolvimento do judô brasileiro. Participou da fundação da FPJ em 1958, sendo o vice-presidente de Lucio Moreira Franco, presidindo a segunda a quinta gestão, totalizando 10 anos na direção da mesma. Foi também presidente da Confederação Brasileira de Judô. Bancário formado em direito, não quis continuar a lecionar judô na academia de seu pai, pois se dedicava exclusivamente a administração do judô. Durante sua gestão transferiu a administração para o atual prédio, que passou a ser próprio; criou o Centro de Aprimoramento Técnico, para treinamentos das equipes que representariam a entidade; e descentralizou a administração em regiões, conhecidas como Delegacias (Kiai, 1998).

Tokuzo Terazaki

Terazaki veio como imigrante ao Brasil em 1929 e colaborou como voluntário na região Amazônica por meio de convênios entre empresas japonesas que iniciaram a exploração da região. Desembarcando na Amazônia, devido às condições precárias de saúde e a perda de sua filha, em 1933, transferiu-se para São Paulo, onde procurou apoio de Naito, seu companheiro de judô que residia em Suzano. Terazaki colaborou com Naito com a organização da *Jukendo*.

Após a Segunda Grande Guerra Mundial, aumentou o número de adeptos do judô no Brasil, que resultou na organização da Associação dos Faixas-Pretas (*Yudanshakai*), sendo Naito o seu primeiro presidente e Terazaki vice-presidente. Diante da crescente demanda gerada pelos novos praticantes, não apenas aos faixas-pretas, observou-se a necessidade de se organizar um sistema mais amplo de ensino e aperfeiçoamento do judô, sendo então fundada a Federação Nacional de Judô, cuja presidência também foi de Naito e a vice-presidência de Terazaki.

Em 1937, após a compra de um terreno e apoiado financeiramente pela comunidade nipônica radicada lá, Terazaki construiu sua academia, inaugurada em 1952. Na época era a maior da América Latina, com disposição para hospedagem e uma estrutura que lembrava o primeiro prédio do Kodokan. Recentemente este prédio teve seu reconhecimento e é um patrimônio tombado.

Segundo Wanderley (2001) neste período, Terazaki foi convidado a efetuar demonstrações de judô pela Marinha de Guerra do Brasil e sua atuação foi uma das causas da introdução do judô no Exército. Ele então criou sua própria academia e tempos depois ela foi considerada a maior da América do Sul. Seus discípulos foram abrindo academias no Rio de Janeiro e o movimento propagou-se rapidamente entre a Polícia Estadual e o Exército, atingindo uma centena de academias entre Rio e São Paulo.

Em 5 de dezembro de 1961, o Diário de Notícias noticiou a inauguração da Associação dos Faixas Pretas do Rio de Janeiro, cuja sede estava localizada em São Paulo. A festa de inauguração ocorreu, segundo o citado jornal, na Academia Portuária, que era dirigida pelo professor Masimo Ogino. Estiveram presentes, além do professor Tokuso Terasaki (7º dan da *Kodokan*), os professores Nagashima, Ogino, Antônio Melo, José Melo, Antônio Vieira, Togashi, Fábio Ludi Maier e Masatada Togashi, presidente da colônia nipônica de Santa Cruz, e mais 500 judocas alunos dos professores citados. Os professores receberam, das mãos do professor Terasaki, certificados e diplomas de graus.

Posteriormente ele recebeu várias homenagens e prêmios pelos serviços prestados à Polícia Militar do Estado do Rio, à Academia Militar das Agulhas

Negras, à Federação de Judô do Rio, à Polícia Rodoviária, além da “Medalha do Governador do Estado de São Paulo. Terazaki faleceu em onze de fevereiro de 1975. Suas atividades são melhor destacadas em Virgílio (2002).

Entre seus principais alunos pode-se destacar aqueles que atuaram como mestres em outras academias; Roberto Moretti – que vinculou-se com Benishi Egoshi e o sucedeu; Roberto Davi – que fundou o Judô Clube de Suzano; Davi Ramos Trinca – que lecionou junto com Roberto Davi; e Massutomo Teramoto – que sucedeu Terazaki.

Roberto Davi teve grande destaque pois representou a seleção brasileira. Nasceu em 24 de julho de 1941, em São Paulo, vindo para Suzano em 1948. Segundo sua irmã, Sueli David Costa. “Ele até aprendeu a falar japonês, pois quando chegamos a Suzano havia muitos japoneses”, contou. Aos 16 anos, faixa marrom, foi vice-campeão paulista. Aos 17 anos, já faixa-preta, sagrou-se campeão paulista e brasileiro. Aos 18, conquistou o 2º grau de faixa preta e repetiu os títulos. Conseguiu o 3º grau da faixa preta com 19 anos, além dos títulos de campeão carioca e brasileiro. Nos anos seguintes, garantiu destaque nos mesmos campeonatos. Em 1964, aos 22 anos, chegou ao 4º grau da faixa preta e aos 23 anos, além dos títulos, também foi eleito o “Atleta do Ano” no Campeonato Mundial de Judô. Ministrou aulas em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Por onde passou recebeu honrarias, como “O Globo de Judô”, no 2º Torneio promovido pelo jornal O Globo; campeão militar pela Aeronáutica; e “Menção Honrosa”, no Rio de Janeiro, quando se comemorou o Dia da Independência, em 1973. De volta a Suzano, deu aulas na academia Terazaki e enfim fundou sua própria academia, a Associação Suzano Judô Clube, onde hoje funciona a Casa da Cultura. Morreu jovem, aos 34 anos, em um acidente. “Ele foi com mais alguns amigos pescar no estado do Mato Grosso. Montaram um acampamento e, em um temporal, uma árvore próxima foi atingida por um raio. A árvore caiu em cima da barraca onde estavam, atingindo Roberto”, relatou Sueli.

Dá seu nome ao Ginásio Poliesportivo Municipal, inaugurado em 1º de maio de 1980. Atualmente, no local, esta sendo construído um complexo poliesportivo³⁰.

Shojiro Higuchi

Este é o professor com menos informações alcançadas, pois teve sua documentação ocultada durante a Segunda Guerra Mundial. Era embaixador do Japão no Brasil e durante a Segunda Guerra saiu da capital paulista para residir em Mogi as Cruzes, no bairro de Cocuera. Foi o introdutor do judô onde hoje é Mogi das Cruzes, já que Naito se instalou em Suzano. Enquanto esteve em São Paulo competiu ao lado do mestre Okoshi. Em Mogi das Cruzes, além de introduzir o judô na Sociedade Agrícola de Cocuera, lecionava a língua japonesa no mesmo local. A afirmação da Sociedade Agrícola de Cocuera é de que ele teve que sair da cidade, sem que se soubesse o seu paradeiro, portanto todos os documentos sobre ele foram destruídos.

Benishi Egoshi

Poucas informações são registradas a respeito de Benishi Egoshi. Na biografia dele presente na prefeitura municipal de Mogi das Cruzes descreve que ele aos 17 anos, recebeu o diploma de faixa-preta no *Kodokan*, Aos 18 anos, recebia a faixa-preta de segundo grau e chegou ao Brasil com 19 anos. Participou, brilhantemente, em vários Campeonatos Brasileiros de Judô, vindo a sagrar-se Campeão Brasileiro dos anos de 1936 a 1938 por meio das competições da *Jukendo*. À época, venceu o já famoso. Hélio Gracie, que na época ainda era um dos expoentes do judô. Em 1940, fixou residência em Mogi das Cruzes, vindo de Marília, não mais participando de campeonatos.. Segundo o documento da prefeitura Municipal sobre sua biografia;

“(...) ele formou uma nova mentalidade esportiva [na academia], crescendo com a escola centenas de jovens, num ambiente sadio, no qual Egoshi era não só o mestre, mas também o amigo confidente leal e sincero, o conselheiro de todas as

³⁰ Fonte: Danielle Yura, Diário de Suzano.

horas. O Professor Egoshi tornou-se um símbolo desse magnífico e salutar esporte que é a defesa pessoal, dando aos seus posteriors a sábia lição da humildade e sabedoria. Egoshi era um exemplo do esportista completo, de uma fé inquebrantável, confiando no futuro esportivo de nossa cidade. Nasceu no Japão em 2 de Março de 1914, faleceu aos 54 anos, em nossa cidade, em 28 de Agosto de 1968 deixando na recordação de todos a lembrança de tão nobre esportista.”³¹

Enquanto competidor, entre suas lutas é destacada a lendária vitória sobre Hélio Gracie, quando este ainda participava de competições de judô. Sua academia, foi denominada por ele como Centro de Instrução de Judô Egoshi. Sem sede própria, sua escola passou por diversas mudanças, mas sempre teve apoio de amigos e de instituições. A primeira instalação foi no prédio da Cooperativa Agrícola de Mogi das Cruzes. Posteriormente, se transferiu para o Clube Kosmos, voltado para o atendimento da colônia japonesa da região. Logo Egoshi se mudou de lá, pois somente aceitavam *nikkey's*. Após a estadia na sede do Lions Clubs, com seu falecimento, os amigos custearam o aluguel de um imóvel no centro da cidade e assumiram as aulas. Entre esses amigos, destacam-se Roberto Moretti e Seiko Kato. O primeiro formou-se em Educação Física e representou novos questionamentos e perspectivas para o judô da cidade. Em 1988 o vereador Sethiro Namie elaborou o projeto de lei que instituía sua academia como bem público, sendo ela atualmente, parte das atividades esportivas oferecidas pela Prefeitura.

Atualidade na região

Atualmente a cidade de Mogi das Cruzes possui duas academias vinculadas a FPJ. Porém, outras instituições existem sem o vínculo com a federação, principalmente em escolas públicas e privadas.

Primeira academia da região, construída por Katsutoshi Naito, foi transferida para um Clube Agrícola Boa Vista, no bairro de mesmo nome na cidade, com ele ainda em vida mas debilitado, em um momento em que sua

³¹ Informações retiradas na sede da prefeitura municipal de Mogi das Cruzes, onde mantém as biografias dos homônimos às ruas municipais.

propriedade foi vendida para a construção de um condomínio. Seus alunos tiveram a incumbência de prosseguir com as aulas mas, a dispersão do grupo fez com que o clube mantivesse a academia por pouco tempo. Enquanto que seu filho mais velho, Katsuhiko Naito ocupou-se com sua profissão e presidência da FPJ.

A academia de Tokuzo Terazaki existe ainda com a denominação de Centro Recreativo Terazaki ainda no mesmo prédio histórico, hoje existe uma campanha da prefeitura para o tombamento do prédio. O professor responsável é ex-aluno do mestre Celso Toshiaki. É mantida por uma associação de amigos.

A representação da prefeitura em escolas de iniciação esportiva e em competições como os Jogos Regionais pertencem ao Judô Clube de Suzano, fundado por Roberto Davi, falecido no final da década de 70, quando assume Roberto Ramos Trinca, permanecendo com apoio de seus dois filhos, Marcelo e Marcos Trinca, sendo apoiado pela prefeitura municipal e com parcerias com o clube União Suzano Clube. Atualmente o responsável é Alexandre Katsuragi, que alcançou os principais resultados em competições para a cidade. De lá, o atleta com resultados mais expressivos não permaneceu na cidade e buscou outros clubes; Alexandre Lee disputou os Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, sendo reserva nos Jogos de Sidney e Pequim, em 2000 e 2004, respectivamente.

Em Mogi das Cruzes, a primeira academia foi formada por Higuchi em Cocuera e continuada por Sethiro Namie. Na época em que esteve a frente da academia, ela era referência de bons resultados esportivos. Seu principal aluno foi Goro Saito, que representou o Brasil no Campeonato Mundial após ter sido o primeiro brasileiro a estagiar no Japão, custeado pelo grupo de *judokas* região. Tal intercâmbio foi importante para que novas técnicas de treinamento surgissem na região.

Na década de 1980, quando as atividades da Câmara Municipal eram intensas, Sethiro foi substituído no *dojo* por seu filho, Paulino Namie. Em 1988 Namie, como vereador, criou o projeto de lei que transformava o “Centro de Instrução de Judô Egoshi” em “Escola Municipal de Judô Benishi Egoshi”, se

unindo a boa parte dos alunos da Sociedade Agrícola de Cocuera. Atualmente a academia é subvencionada pela Prefeitura Municipal e administrada pela Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, representada em competições oficiais pela Associação dos Servidores Municipais de Mogi das Cruzes e localizada no Centro Esportivo e Recreativo do Bairro Socorro, pertencente à Prefeitura.

Entre os amigos de Egoshi e Namie, Hugo Ramos teve atuação fundamental para o desenvolvimento do judô da região. Formou-se Educação Física pela Universidade de São Paulo em 1940 e sua contribuição significou uma ampliação das possibilidades do judô da época. Hugo foi posteriormente inspetor do Departamento de Educação Física do Estado e Diretor de Judô do mesmo – onde organizava os Jogos Abertos do Interior - além de delegado da FPJ na região. Importante personalidade na cidade por diversos feitos, como a formação do curso de Educação Física da Universidade de Mogi das Cruzes, ele dá nome ao Ginásio Municipal de lá. Assim como em Suzano, o Ginásio Municipal homenageia um *judoka*.

Outra entidade judoística da cidade é o Judô Clube de Mogi das Cruzes fundado por Yokichi Kimura que nasceu em Hokkaido e chegou ao Brasil, na cidade de Registro em 1933. Em 1957, se mudou para Mogi das Cruzes e suas atividades no comércio da cidade com uma loja de calçados.

Kimura permaneceu na academia de Egoshi mesmo após o falecimento dele, em 1968, criando sua própria academia em 1972. Argumenta (Kiai, 1998) que o progresso e o aumento da população o despertaram para a necessidade de Mogi das Cruzes ter uma academia de judô. No texto, não há menção da existência de outros locais para a prática do judô, como a própria escola citada. Mas, deixa implícito que a academia que Kimura pretendia era baseada em outro modelo organizacional. Assim, com alguns alunos e familiares uniram suas forças para, em 1972, fundarem o Judô Clube Mogi das Cruzes, que atualmente possui parcerias com várias instituições de ensino, oferecendo a prática do judô em colégios e encaminhando alunos e atletas para a sua sede, podendo participar de competições oficiais.

Com atuação do vereador e *judoka* Rinaldo Sadao Sakai, o Judô Clube Mogi das Cruzes, no ano de 1998, foi reconhecido como entidade de utilidade pública, título conferido pela Câmara Municipal e Prefeitura local, em decorrência do trabalho oferecido à população.

Yokichi Kimura foi um importante responsável pelo desenvolvimento do judô independente financeiramente, apesar de não ser lucrativo, ser auto-suficiente. Seus netos Renato Yoshio Kimura e Roberto Joji Kimura efetivaram a transformação de uma “associação” em academia de ginástica com uma gestão profissional. Atualmente, Yokichi Kimura é 9º *dan* (*kodansha kyu-dan*), o maior grau do judô brasileiro, acompanha as aulas e competições de judô.

5. PRESENÇA E VALOR DO SEIRYOKU ZENYO

Segundo Bosi (1994), por meio da entonação da voz, das repetições, da preocupação, bem como das demais sensações que o entrevistado demonstra durante as filmagens. Geralmente atrelando determinados fatos a outros. Esses meios não foram enfatizados nesse estudo. Após várias revisões se percebeu que os entrevistados não organizavam suas interpretações a partir da entonação da voz. Percebeu-se a preocupação dos três entrevistados em auxiliar o estudo com explicações sobre como os fatos narrados eram representativos para a época, sempre contextualizando. Mas, dois temas são considerados para que tal preocupação ocorra; não existiram estudos sobre isso.

Para discussão e análise, as entrevistas são primeiramente apresentadas na forma de uma breve descrição biográfica dos entrevistados, seguida pelos principais temas abordados por eles, tendo a presença e a valorização dos princípios judoísticos como tema e a história de vida como ponto de partida. Posteriormente, foram analisadas as interpretações dos entrevistados a respeito destes princípios na vida cotidiana deles próprios, sendo que tais interpretações estão contidas em suas falas, sem necessariamente ser abordada tal questão.

Para organização da análise seguiu-se a classificação da proposta de Jigoro Kano, o *seiryoku zenyo* – arte marcial, treinamentos, educação moral e vida diária, além da proposta *jita kyoei* e seus respectivos níveis.

Como foi apresentado no capítulo 3.5 – *Proposta Seiryoku Zenyo*, o judô é, para Jigoro Kano a aplicação prática do princípio *seiryoku zenyo*³² e este princípio é ao mesmo tempo a essência do judô, dando o sentido de integração e unidade entre ambos.

A teoria tradicional japonesa de *ju yoku go o seisu*³³ foi interpretada por Kano por experiências físicas e o *seiryoku zenyo* seria a didática desta teoria, um método de educação física ou ainda, uma educação pelo físico, justificando que o ensino do judô é um ensino para a vida.

Baseando-se nessa prática e nesse intuito, a perspectiva cultural é percebida quando se considera que o “ensinar” (do latim *insignire* – dar significado) possui o interesse em produzir identidades, que se constituem a partir de determinados lugares, contextos e necessidades. Já que, segundo Kano (2006), este princípio seria uma resposta à época de ocidentalização dos valores sociais japoneses, que estavam ameaçados por uma lógica cultural européia. Nessa perspectiva, é entendida a produção de identidades e o ensino de valores a partir dos significados culturais do judô e do *seiryoku zenyo*.

Ao descrever a proposta *seiryoku zenyo*, adota tal ordem e as apresenta (Kano, 2006) sem mencionar ordem de importância ou organograma, porém é possível entender que tal ordem em que são apresentadas simboliza a ordem de importância que ele próprio dá a cada uma delas. Portanto, seriam as intenções maiores a educação moral, a vida diária e o nível superior com bom uso da energia pessoal no social.

³² Máxima eficiência, uma abreviação do termo japonês *seiryoku saizen katsuyo* (melhor uso da energia pessoal em diversos aspectos da vida), ou ainda: melhor uso da energia – seja ela física ou não – em benefícios de todos.

³³ Suavidade controla a dureza.

Serão discutidas a seguir as narrações e as interpretações dos mestres analisando-as a partir da proposta de Kano, enfatizando-se a presença dos princípios judoísticoss e sua valorização e as intenções maiores da prática do judô, como descritas acima.

Paschoal Naito

Paschoal Naito é mestre de judô e filho de Katsutoshi Naito, descrito como um dos primeiros difusores do judô no Brasil. Sua narração envolveu depoimentos a respeito de seus aprendizados atribuídos ao cotidiano da academia e do convívio com seu pai. Ao ser questionado sobre sua história de vida e a história de vida de seu pai, demonstra envolvimento com a vida dele atrelando os fatos vividos por ele a partir de sua perspectiva, em uma imagem idealizada, o que era esperado. O que surpreende é a apresentação de um mestre que não é apresentado na literatura. Paschoal falou pouco sobre a importância de seu pai para o Japão, para os Estados Unidos e para o Brasil.

Ele considera ter convivido por pouco tempo com ele e a diferença de idade ter sido grande. Paschoal nasceu em 1945, quando seu pai, Katsutoshi, nascido em 1895 (já tinha 50 anos) falecendo em 1969 aos 74 anos (quando Paschoal tinha 24). Mesmo assim, afirma ele que tiveram um bom período de convivência.

Na chegada, enquanto instalava a filmadora, sentado a sala, Paschoal havia separado um álbum de fotos tiradas no Japão quando ele alguns familiares foram entregar alguns objetos solicitados pelos japoneses. Entre eles, a medalha e o diploma olímpico, obtidos em Paris, 1924. Nas fotos notava-se um espaço considerável em homenagem a Katsutoshi no museu de Tóquio, que ocupa uma parte do ginásio de esporte. Mesmo enquadrado na parede, é possível se perceber no diploma a assinatura de Pierre di Coubertin. Ao apresentar o álbum e fazer sua leitura sobre o assunto, Paschoal demonstrou grande conhecimento sobre o significado dos Jogos Olímpicos para os japoneses bem como o papel de Coubertin *“nos Jogos gregos da antiguidade reativados por ele, mas acho que você deve saber melhor do que eu”*. Felizmente um dos irmãos, que reside em

outra cidade, ainda guarda uma cópia do diploma, mas o documento não havia despertado interesse por ele até então.

Katsutoshi Naito encontrou em Mogi das Cruzes, no então distrito de Suzano, a tranquilidade que não encontrara nem no Japão, nem em Taiwan ou mesmo nos Estados Unidos da América. Além de, aqui, poder conviver com as diferenças e com a valorização do trabalho, atuando justamente na área que ele tanto gostava: agricultura. Era um hortifrutigranjeiro: trabalhava com lavoura e granja. Sua atuação, seu conhecimento e prazer nessa área proporcionaram-lhe a presidência da Cooperativa Agrícola de Mogi das Cruzes por cerca de 15 anos, atividade essa que, segundo seu filho, era a que mais sentia prazer. Este tipo de atividade traria influências determinantes para a caracterização da região, que atualmente é conhecida como o cinturão verde da grande São Paulo. Katsutoshi viajava todos os dias para trabalhar em Mogi, sede da Cooperativa que atendia a região. Paschoal lamenta não existirem mais as cooperativas ou sistema semelhante.

Eu acho muito bom, principalmente pra lavoura, essa cooperativa. Eu acho que deveria voltar. [havia] compra de equipamento compra de tratores “né” ia ver a aonde tinha produção de milho mais barato para fazer ração de ave “né” farelo e fornecia para todo mundo. Ele fazia pesquisa de mercado “né” .Ia atrás do mercado para ver se o preço praticado estava bom “né” ia nas indústrias conversar com o dono para fornecer produtos agrotóxicos, herbicidas, fungicidas. A área dele exatamente então esses produtos eram importados dos Estados Unidos ele falava bem fluentemente o inglês então ele atuava bem nas importações dos produtos “né”, através da cooperativa. Então, a cooperativa, eu acho uma coisa muito boa e acho que deveria existir.

A descrição da cooperativa agrícola de Mogi das Cruzes foi feita na apresentação dos imigrantes em Mogi. As cooperativas agrícolas possuem profunda relação com o caráter associativo dos imigrantes japoneses. A atuação de Katsutoshi Naito na cooperativa ilustra a liderança, a experiência na área e o prazer que ele tinha em atividades rurais e colaborativas serão fundamentais para compreender a atuação dele no judô, principalmente por meio da *Jukendo*.

Primeiramente por ter sido a primeira atividade que Paschoal menciona, afinal, era a maior imagem que teve de seu pai em decorrência do “pouco” tempo juntos e da fase menos atlética de seu pai. Ambas as atividades, judô e cooperativa, estavam presentes além do cotidiano; estavam em casa, pois lá era a granja, lavoura e academia. Os trechos a seguir referem-se primeiro a cooperativa, na seqüência, sobre a academia.

Nossa, ele chegava nervoso em casa ele escutava muito. O pessoal não compreendia... uma discussão danada em casa e minha mãe sempre foi... “né”, ele botava pano quente...[risos]. Muita gente queria ser... Queria aproveitar a cooperativa para fins lucrativos “né”, e queria o lugar dele muito, muito é uma política “né”. Mas ele gostava mesmo. A gente ouvia falar que até quando a cooperativa estava em situação ruim, ele não pegava o salário dele, convertia em outras coisas e ficava dois, três meses sem receber. Minha mãe não achava bom isso “né” (risos).

Em outros momentos da entrevista, ela descreve o perfil exigente de sua mãe - pedagoga e professora de piano. Enquanto ficou sem salário, sua renda foi sua produção. A memória de Paschoal está relacionada a imagem que tinha de seu pai, não apenas um mestre, mas um amante pelo que fazia.

Era assim meu pai o perfil dele era assim “né”. Mesmo no trabalho ele não sabia pegar proveito daquilo “né”. Não sabia ganhar dinheiro nunca soube ganhar, ele trabalhava por amor aquilo que ele estava fazendo.

Por estas ações se pode perceber como o cotidiano ilustra a proposta de Kano de “educação moral” e “vida diária”. Não por elas somente mas, porque elas se assemelham as atividades administrativa, feitas no judô, que serão descritas a seguir. Katsutoshi “(...) *não sabia ganhar dinheiro (...)*”, pode trazer também o sentido de uma meta desvalorizada por ele – assim como o *jujutsu* valorizava a vitória – já que o princípio fundamental do *judo* seria a valorização do processo, razão do termo *do* estar presente em apenas uma das artes. Com relação ao “(...) *trabalhar por amor aquilo que ele estava fazendo*”, ilustra também que suas demais atividades não profissionais, como o judô, deveriam ser amadoras, ou seja, por amor. Praticar judô ou lecioná-lo por amor poderia ser o maior critério

estabelecido por ele para respeitar ou aceitar seus companheiros. Essa discussão aparece nas demais narrativas.

Paschoal começou a praticar judô aos sete anos de idade. Apesar de ser filho de um professor, não teve tratamento diferenciado com relação à outros praticantes. Seu pai dizia que essa era a melhor idade para a iniciação ao judô. “(...) desde os sete anos. Ele permitia sempre que mais que sete anos, não menos que isso.” Chegou à faixa-preta e treinou até por volta dos 25 anos de idade. Assim como não houve diferenciação na iniciação, também não houve privilégio mesmo após anos de prática. A diferenciação que foi descrita por ele, por exemplo na promoção à faixa-preta, ilustra a preocupação de seu pai com o conteúdo em detrimento da aparência.

Meu pai não queria dar a faixa pra gente de casa, então a gente achava meio ruim “né”, porque todo mundo usando faixa-preta e só agente treinando com faixa branca. Então ele falava: “*Você é de casa, você vai ficar por último*”. Mais aí tinha um tal de “*Ju Ken Do Renmei*”, *ju* é judô, associação de praticantes de judô e de *kendo*, foi fundido. E meu pai era presidente dessa entidade, e eles fizeram questão de mandar a faixa preta pra mim. E disseram: “*Oh seu Naito seu filho já está suficientemente treinado pra receber a faixa-preta*”. E assim que eu consegui! E todos os irmãos passaram por isso também.

Na época era comum a expressão de que se podia “reconhecer o sítio de um japonês pela beleza de suas plantações e pela miséria de sua casa”³⁴, o que atrelaria ao comportamento de seu pai, elementos do pensamento japonês.

Paschoal presenciou um fato histórico que parece presente em sua memória apesar dele, na época ser tão jovem. A reinauguração da academia foi um marco que merece destaque, pois ela já era reconhecida pelo *Kodokan* como academia desbravadora, já que foi feita em condições adversas, como a Guerra, construída em taipas. A nova construção simbolizou a expectativa de que crescimento se tornasse maior ainda. E esta percepção foi narrada por Paschoal, que na época tinha entre três e quatro anos, preparando-se para ingressar num

³⁴ Fonte: *site* Imigração Japonesa.

grupo seletivo, o que pode ser entendido como também, um ritual de iniciação, não na prática dos exercícios mas, na representação deles para a sociedade.

Foi uma festa grande, distribuição de *manju* - um tipo de comida japonesa, lá no Japão é assim, em toda inauguração de casa eles atiravam... sabe aquele *moti* - aquele bolinho de arroz socado. Então foi uma festa muito grande, muita gente... e o Brasil inteiro teve lá, governador, prefeito, mas não tem foto registrada! Infelizmente! Foi em mais ou menos em 48, 49 por aí. Até era aquela academia de sapé “né”, de “pau a pique” e ficou por todos esses anos no mesmo lugar³⁵. A gente tinha uma chácara em Suzano e a academia ficava dentro da chácara da gente, ficava no alto, meu pai sempre gostava de um lugar bem arejado.

A entrada de Paschoal em um grupo homogêneo tomou novas proporções e sentidos com a realização de eventos conjuntos, com *Jukendo*. Não eram apenas disputas que ocorriam. Como também, não eram eventos para o judô ou para o *kendo*, ou para a comunidade japonesa, era na verdade uma celebração com interesses sociais e culturais, baseados nas transmissões das tradições e dos princípios valorizados aos descendentes – como o próprio Paschoal – tendo aquelas práticas como pretexto;

Tinha vezes que era junto, a competição, a comemoração de fim de ano estava todo mundo junto. E normalmente no ano novo fazíamos Festa e se fazia demonstração pra quem quisesse ver. Parece que queriam até com caráter também mais acho que não deu muito certo.

Esses momentos de convívio possuem tentativas de preservação e valorização. Mas nem todos os momentos da época permanecem com o mesmo significado. As perseguições eram comuns na época e ocorria tanto entre os imigrantes como entre os brasileiros. As condições que seus companheiros tiveram são motivos destacados por ele, provavelmente para valorizar as práticas opostas.

³⁵ As fotos da academia antiga e da reformada, estão anexadas ao final do estudo, no capítulo FIGURAS.

E era na época da guerra, muitos não tinham acreditado que o Japão tinha perdido a guerra...E a gente ouvia muito, *kachigumi* era a turma que achava que tinha vencido a guerra. Então tinha uma outra turma que era o contrário que ... *Não! Japão não perdeu!* E muitas vezes cometiam até assassinato. Esse grupo que dizia que o Japão tinha ganho a guerra ia nesse outro grupo aí e matava, não admitiam. E vi isso por aqui, em Mogi, em Suzano, mais para o interior de São Paulo, onde a comunicação era mais difícil. Eu tinha amigos que o pai não matriculava o filho na escola brasileira e tinha muita escola japonesa, e ensinava língua japonesa, e inclusive eu participei disso aí também freqüentei essa aula. Então eles não matriculavam o filho na escola dizendo que o governo japonês vinha buscar, um absurdo! Então eu tinha amigo com 12, 13, 14 anos que não tinha matriculado na escola, no grupo escolar, naquela época. E começaram a estudar com 13 anos e desistiam daquela idéia de que o Japão vinha buscar eles, absurdo! Pouca gente, mas tinha.

A intenção de retornar ao Japão foi apresentada na revisão de literatura, no capítulo que descreve a imigração. A fala de Paschoal ilustra a conseqüência desta intenção e pode se relacionar a fala anterior em que ele afirma que o pai, Katsutoshi, buscava apaziguar conflitos e esclarecer os entendimentos sobre a relação com a comunidade.

Jigoro Kano sugere que os métodos de treinamento são importantes meios para se alcançar os objetivos propostos. No capítulo 3.4 – *Métodos de treinamento* – foi apresentada a exposição de Kano (1994) no qual se desenvolvem simultaneamente o físico, o intelectual e o moral sugerindo quatro itens: o *randori* (prática livre), o *kata* (formas), o *mondo* (perguntas e respostas) e o *kogi* (leituras). Complementando tal descrição Oimatsu (1984) descreve que os dois primeiros são relacionados diretamente à técnica e a etiqueta no *dojo* e à atitude da prática bem como a vida social, e relacionados diretamente à vida social bem como a uma atitude social. A seguir, Paschoal descreve como era o treinamento e competição na época. Como não era considerada a divisão de peso, a composição física, o biotipo, o condicionamento físico e, conseqüentemente a produção de força, eram elementos menos importantes para se desenvolver. Os eventos então simbolizavam um misto de celebração, desafios, avaliação e de valorização do empenho e da soberania.

então fica aquele monte de grupo na academia tudo separado e anunciavam: “*E agora é Suzano contra Mogi,... Mogi contra Marília*” e era assim. E tinha duas modalidades, era [se esforça- para se lembrar], como é que chama? Era mata-mata? Ah, é *kachinuki*! E outro era... como é que era chamado? Era... por equipe, é! Competição por equipes é. Então cada equipe tinha cinco lutadores mais ou menos. E *kachinuki* você vai competir com até a própria academia se é faixa por faixa “né” como faixa branca, amarela, marrom. Ficavam os adversários tudo um do lado do outro e você vai lutando um por um com eles. Ficava umas cinco seis pessoas mais ou menos e ficavam os dois lados e um vai pegando o outro da frente e se perdia lutava com a outra fileira e assim vai indo. Acabava aqueles cinco ou seis competidores lá você era campeão ou segundo lugar por numero de pessoas que você conseguiu ganhar e assim fazia a pontuação. Agora por equipe você conhece “né”, é como é hoje.

Na competição por equipes, tanto da forma atual, como que ocorria anteriormente são cinco competidores de cada instituição que são escalados para disputar com outros cinco de outra. Porém, recentemente se tem dividido em categorias por peso, mas anteriormente podia-se lutar com qualquer adversário. A intenção disso é afirmar que o judô não depende de produção de força mas sim, utilização dela, independentemente do adversário. Por isso, as competições eram divididas por níveis de experiência tendo as faixas e os *dan's* como referência. A idéia a respeito do efeito desse treinamento na vida cotidiana são descritos na entrevista com Namie, que interpreta e comenta sobre a derrota e a vitória.

É eu acho que o treino diário era mais como *kachinuki* porque ia na academia e pedia pra os companheiros até não agüentar mais e era direto, sem parar e aí ficava mais ou menos dez minutos com cada adversário e levava tombo e derrubava. O treino diário era assim e treinava com umas cinco seis pessoas. Era o fôlego que agente tinha de treinar com cinco seis pessoas, não mais que isso. E a competição era isso organizado só que se você perdia você ficava sentado e no treino era com quantas pessoas quiserem.

Kachinuki não estava descrito entre os métodos de treinamento propostos por Kano.

Na entrevista de Naito se nota a presença constante de seu pai, se remetendo a figura heróica e exemplar, sem que, as custas disso, houvesse o ônus da imagem guerreira. A imagem guerreira de seu pai não estaria envolvida com os resultados esportivos alcançados por ele, nem com sua desempenho acadêmico. A imagem guerreira estaria aliada ao rigor, que se assemelha a de um samurai.

E ele era bem severo, tanto na postura e era rigoroso e até um pouco, vamos dizer assim, grosseiro, “né”! Muitas vezes você vinha com um jeito de sentar e ele te pegava e te puxava na mão mesmo, pra você ficar retinho lá. Então ele era bastante rigoroso nesse ponto

Esta descrição não denigre a imagem que Paschoal tem de seu pai, pois a ele atribui por diversas vezes comportamentos apaziguadores. Além de conflitos, muitos imigrantes teriam vindo ao Brasil com o interesse de retornar ao Japão. Ao criticar o Brasil e a forma de lucrar nele, estes imigrantes não apoiaram diversas atividades e investimentos, o que gerou novos conflitos.

Minha mãe queria voltar, mas meu pai não, tanto é que nos não temos Muitos japoneses têm dois nomes “né”? Um japonês e outro brasileiro, e o meu pai já foi bem diferente. *“Não nós estamos num universo que não tem raça não tem nada, é todo mundo igual.”* Desde daquela época ele, ele [pensamento emotivo] torcia pra isso. Tanto é que o meu nome e dos meus irmãos são “brasileiros” e muita vezes ele orientava esse pessoal que tinha esse pensamento. Ele era apaziguador. Pacificador! Em relação ao restante do pessoal ... ele tinha uma cabeça mais tinha feito universidade dos Estados Unidos, tinha outra cabeça “né”. Então agente via essa ... Talvez dele ter ensinado judô queria que tivessem outra cabeça “né” porque é o esporte. Esporte é que faz isso! Tira aqueles pensamentos negativos e: *“se você tá no Brasil, vamos ser brasileiros. Vamos esquecer. Estamos aqui e temos que trabalhar pra isso”*. Ele era apaziguador! Eu me lembro que fazia reuniões assim ensinando essas coisas.

Tal descrição de Paschoal se assemelha a descrição da Revista Kiai (1998, p. 09), já citado aqui no capítulo sobre o *Judô Brasileiro*, ao afirmar que Naito via o trabalho Yasuishi Ono e Ryuzo Ogawa da Budokan, como a mesma linha de trabalho do *Judo Kodokan* e ao tentar apaziguar os ânimos.

Apaziguador nas atividades e com as pessoas envolvidas com o judô assim como também era apaziguador profissionalmente. Paschoal poderia descrever seu pai como o campeão, o guerreiro, o mestre (*kodansha*) mas, foi enfático ao descrevê-lo principalmente como um líder empreendedor e apaziguador, apaixonado pela nação que o acolheu.

Naito demonstra a utilização do judô como aplicação do princípio do judô para além do *dojo*. Como descrito no capítulo a respeito da proposta *seyrioku zenyo*, - no item “*vida diária*” - para Jigoro Kano, o judô é a aplicação de *seiryoku zenyo* como princípio de suas idéias e da prática de judô para além do *dojo*, sendo este princípio o verdadeiro judô.

É talvez por isso “né” que ele resolveu montar uma academia, pra melhorar a cabeça do povo “né”! É, deve ter sido isso porque ele nunca quis cobrar, não tinha interesse em viver daquilo “né”? E muita gente fazia o contrário: vivia de judô, da mensalidade “né”! Então ele nunca cobrou mensalidade nenhuma, era sempre de graça, então podia ir na academia quando quisesse, não era muito rigoroso nesse ponto, podia ir preto, branco, qualquer um podia ir lá. O pessoal que morava perto e muitos amigos da gente iam lá, que não eram japoneses. Não eram descendentes de japoneses e isso foi aumentando. Você vê que agora os japoneses, os descendentes em quantidade não devem ser muito significativo. Hoje não é! Então foi aumentando a quantidade de pessoas que..começaram a praticar esporte. Não só o judô como outro esporte.

Sethiro Namie

Mestre Sethiro Namie é o único *kodansha* entrevistado, possuindo sua faixa vermelha e branca com o sexto grau desde a década de 70. Essa possibilidade de entrevistar um faixa coral pode ser considerada como uma oportunidade rara. Além de Namie ter iniciado sua prática a muito tempo, ele possui sua identidade associada a componentes originários tanto do judô como também da cultura e da comunidade japonesa que se estabeleceu ao seu redor. A identidade japonesa é relacionada por princípios do judô, tornando mais complexa a análise da identidade a partir do *seiryoko zenyo*.

Na entrevista de Namie se destaca a importância da continuidade das transmissões das tradições, que ele interpreta como *deshi*. Outros destaques são a gratuidade das aulas de judô em uma proposta estatal, rara na época, além de um rigor que ele atribui hora a “cultura” japonesa, hora ao “espírito” do judô, que aqui será analisado por meio do princípio *seiryoku zenyo* e *jita kyoei*.

Sethiro Namie nasceu em Sete Barras, município próximo a cidade de Registro, em 1933. Seu pai possuía uma fábrica de chá preto no Japão e por melhores oportunidades veio para o Brasil aos 26 anos junto com sua esposa e ainda sem filhos. Já no Brasil e com sua produção de chá em pleno desenvolvimento, foi convidado a partir para Mogi das Cruzes para trabalhar com o mesmo produto. A casa em que a família Namie morou por muitos anos é um dos patrimônios arquitetônicos da imigração japonesa de Mogi das Cruzes, conhecida como “Casarão do Chá” e sequer foi mencionada na entrevista. O edifício representativo da imigração japonesa no Brasil foi projetado em 1942, para abrigar a fábrica de chá. Utilizando elementos construtivos ocidentais - telhas marselha, esquadrias, taipa de mão - e soluções formais inspiradas na arquitetura dos castelos e templos do Japão, com a utilização de madeira de eucalipto em

ensambladura, obtém resultado de grande plasticidade, identificado com a cultura japonesa no Brasil³⁶.

Meu pai já era expedicionário (...), serviu como militar lá no Japão e já sabia o quê que era. Perdeu, mas não dava o braço a torcer não! Perder, não perdeu ...é o espírito japonês “né”.

No diálogo Sethiro se referia a seu filho, Paulino Namie, que é o atual professor de judô da academia que se fundiu entre Cocuera, Egoshi e Prefeitura Municipal. Ele era chamado por Sethiro de *deshi*.

O único que continuou foi o Paulino. O difícil é dar continuidade. Bom professor tem, mas não tem filhos, não tem nada. Morre por aí. Isso se chama *deshi*. *Deshi* que é difícil não só filho, mas aluno. Porque, você semeia a semente, depois vai nascendo. Isso se chama *deshi*.

Paulino e Ricardo Namie são os filhos que seguiram o caminho marcial. Ricardo possui outros dois filhos faixas-pretas e outro, mais novo, faixa marrom. Sua fala, após se referir a seus filhos e netos que não continuaram a freqüentar academias, ele faz alusão à agricultura, área em que ele trabalhou por muito tempo, apesar de não ter descrito.

Em alguns momentos da entrevista, apesar de procurar não demonstrar, Namie repete em diferentes momentos suas mágoas com as eleições e com a sociedade contemporânea, na qual diz ele, que não se pode mais confiar, por isso perdeu votos prometidos.

Enquanto o ambiente para filmagem era preparado e Namie se acomodava, o diálogo que antecedia a história de vida foi registrado e é importante descrevê-lo. A fala a seguir se refere à fratura de duas costelas ocorrida em acidente quinze dias antes. Apesar dele não demonstrar dor e sequer demonstrar intenção em falar sobre o assunto, mas foi indagado sobre o assunto antes da entrevista.

³⁶ Fonte: Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural, Artístico e Paisagístico do Município de Mogi das Cruzes.

Cai de um pé de laranja. Aqui em baixo. Faz quinze dias. Doe pra “caramba”. Na hora de dormir que é ... Não tem jeito. Tem que tomar coisa pra dor. Costela é ruim. Quebrou aqui, tudo bem. Fica sofrendo até... dizem que trinta dias. Até cicatrizar e grudar... Só com o tempo.

Seu estilo rigoroso e auto-suficiente contribui com a representação de força, que foi entendida por ele como pertencente aos valores japoneses, como também características próprias de seu pai, orgulhoso.

Deve-se considerar que a abordagem, feita por este autor, é influenciada e influencia as repostas o: Acho que eu não devia ter feito esse acréscimo, porque o Namie acabou falando muito do judô, e eu queria que ele tivesse mais liberdade para falar da vida dele fora do judô. Mas, achei difícil contextualizar e justificar para ele a razão desta pergunta. E era sabido que o judô era a razão de estarmos ali. Iniciar a resposta referindo-se ao judô tanto pode ser em decorrência da minha presença associada a certeza da razão de estarmos ali, que o deixaria capaz até de desconsiderar a pergunta - que baseia o método.

A minha vida, o único esporte que pratiquei foi judô, “né”.. Iniciei com... naquela época... tinha 16 anos, comecei ali. Ali foi embora até..., trancos e barrancos, e foi, até fiquei embaixo de um trator, quebrei a espinha. Quando eu tinha... a cinqüenta anos atrás. O Paulino não tinha nascido ainda. Eu voltei do Hospital das Clínicas depois que ele nasceu.

Esta analogia feita relacionando-se o cotidiano e as vivências no judô com a situação de estar “embaixo de um trator” pode se referir às dificuldades enfrentadas na vida dele. Associar suas experiências no judô a situação de estar em baixo de um trator, após a afirmação de que muitas dificuldades ocorreram. O fato de estar, naquele momento, com três costelas quebradas, pode lembrá-lo daquela situação com o trator.

[No acidente] Fiquei em baixo de um trator que caiu de um barranco de uns três metros. Quebrou a espinha aqui. Naquela época, lá. As chances eram de 99% de ficar paraplégico. Se não fosse o Hospital das Clínicas eu não estava andando.

[Na época] Eu dava aula de judô direto aí. Era em Cocuera, que naquela época, *sensei* era, não tinha Federação Paulista – 72, 73. Aqui tinha judô, *haku yudanshakai*.

A fundação da Federação ocorreu em 1958. Na fala dele, aparece como um marco na prática do judô do distrito agrícola de Cocuera. É possível que ele tenha se equivocado com as datas em 14 anos, que não é muito para quem tem 75. Mas, também é provável que naquele distrito ou mesmo na região, a prática do judô tenha permanecido a mesma de antes da Federação pois, antes já havia a Associação dos Faixas Pretas. Considerando que *haku yudanshakai* denota um caráter nacional, é possível que essa fosse a intenção do grupo, porém houvessem outros grupos envolvidos com o judô. Mas, não comenta se seriam esses outros a Budokan ou outros *yudanshakai's*.

Era uma outra área, tinha Ogawa, pessoal do interior – daqui da central, não da Budokan, aqui era *yudanshakai, haku yudanshakai*. Tinha outro grupo. Depois, mais ou menos 72, 73 [provável equívoco] é que se formou... Porque na minha época o judô pertencia a Federação de Pugilismo porque em São Paulo já tinha Federação Paulista, mas os outros estados não tinham. [refere-se ao período que compreende entre a criação da Federação Paulista, em 1958 e a Confederação Brasileira em 1969]. Depois criaram: Paraná, Rio, Hélio Gracie e aquela turma lá montou a Confederação Brasileira de Judô, que era na época Lucio Franca.

Ao usar a expressão “na minha época” Namie transmite a sensação de quem acreditava ter atuação importante na área e bem como ela fazia parte da vida dele. As sensações são elementos importantes a ser observada ao utilizar o método “história de vida”, segundo Bosi (1994).

Com o final da Segunda Guerra, quando tinha cerca de treze anos, viveu junto com a perseguição aos imigrantes. Essa narração se assemelha à discussão de Paschoal Naito, mas, mesmo assim, merece ser destacada.

Porque depois da Guerra Mundial começou tudo junto, não tinha atividade na colônia japonesa. A primeira coisa, a japonesada não podia reunir, reuniu meia dúzia, ia pra cadeia, prendia tudo. *Nissei* não tinha problema, o que tinha problema é quem nasceu lá no Japão, japonesada, japonês mesmo. Tokkotai é a turma que

ganhou lá no Japão, na verdade perdeu. Só de... acha que o Japão ganhou "né". Tokkotai um matava o outro, loucura! Ganhar e perder, ganhou e perdeu.

Perseguição que, segundo Moraes (2000) ocorreu também entre os próprios imigrantes japoneses, ocorreu não apenas no interior oeste paulista, mas também em Mogi, porém em menor escala. Seu pai sofreu também perseguições, pois não acreditava na vitória japonesa. Perguntado sobre o porquê, segundo sua opinião, o japonês não aceitar a derrota:

Até a segunda Guerra mundial nunca perdeu uma Guerra o Japão, orgulho japonês. Nunca perdeu, com China, com Coréia, com Rússia e andou guerreando ali. Mas, nessa guerra pequena nunca perdeu e brigou com mundo inteiro como é que vai aceitar...

Orgulho presente também em seu pai e, na opinião dele teve e tem o mesmo comportamento orgulhoso como consequência:

Maioria japonês era assim. Quem tinha noção e era mais estudado sabia. Eu já tinha também esse tipo de orgulho sim, japonês não perde Guerra perdeu ué que adianta... Por isso que fala no judô tem que saber perder "né". Eu não gostava de perder de jeito nenhum. Perder é derrota. E o professor dava "craú" depois da competição mandava todo mundo sentar lá e falava um por um, dava lição um por um, "você *perdeu feio e*" não sei o que... em um por um. Ficava mais de uma hora sentado³⁷ e recebendo "aula". Era duro sentado lá, perna dormia tudo.

Apesar de parecer contraditório ser orgulhoso e descrever que um *judoka* precisa aprender a perder. Questionado sobre essa contradição ele responde que se acha orgulhoso e que esse orgulho não é um necessariamente um elemento pertencente aos princípios do judô, ou uma consequência dele: "Depende da educação "né" mas, eu acho [que sou orgulhoso]!"

Comportamento que pode gerar aspectos positivos e negativos, como críticas e elogios.

³⁷ *Zarei*, sentados sobre os calcanhares.

Tanto ele, mestre poderia elogiar ou criticar algum aluno seu como também seria possível o inverso, algum aluno elogiá-lo, agradecê-lo ou criticá-lo. Ao indagar sobre isso, responde ser ele o único emissor das críticas, afinal agia de acordo com as características do judô. s

Elogio é muito pouco, ganhar é normal, se perder é “pau em cima”. Porque espírito de judô é assim não tem jeito. É ali na raça. Perdeu: é falta de treino, não treinou, perdeu.

Sobre a interpretação dele a respeito desse comportamento dele e o entendimento e retribuição dos alunos, Namie responde;

O aluno depois de tantos anos reconhece “né”, na hora sente... A maioria corresponde sim. Todos os *judoka's* saem do *dojo* meu lá, saiu tudo cem por cento homem, integro, estudou, se formou, não tem um marginal. *Judoka* não sai.... Sai educado não sai? Até hoje “né”? Isso depende do mestre! Quem dá aula, que cria isso aqui.

De forma simplória, Namie não atribui a si próprio os resultados que ele próprio esperava. Para ele os resultados depende do mestre, mas esse mestre aparentemente, pode ser entendido como um transmissor de princípios pertencentes ao judô. Por tanto, quem os julga e dá valor é o próprio mestre, contribuindo assim com a formação do individuo. Esse bom comportamento Namie não atribui a si, mas sim ao judô:

Atribui dentro do espírito de judô em si, que é isso aí. Primeiro respeitar o adversário, obrigado “*Sumimassem*”.³⁸ primeira coisa é isso. Apanhou é que faltou ao treino, não tem jeito. Espírito de judô nasceu lá “né”, saiu de lá mesmo do Japão. Mesma coisa o Sumô hoje. Sumô ganha alguém bate palma? Não! Já viu bater palma? Ganhou é normal, fica quieto. Faz *rei*, “agradece” e vai embora não vai? Aquela gritaria não faz não. O espírito já é diferente.

Na de cultura corporal, ou as consideradas atividades atléticas, esse caráter contemporâneo de mudança pode ser denominado como esportivização. Os combates corporais possuem situações que podem parecer paradoxais, pois

³⁸ *Sumimassem*, obrigado da forma mais humilde, desculpas.

envolvem a educação e a paz em oposição a violência e a guerra. As virtudes de um guerreiro foram interpretadas no ocidente como potenciais atléticos envolvidos com o desempenho. Como e quando presenciou essas diferenças:

Mudou quando o judô saiu como esporte normal. Quando o judô saiu pra confederação internacional já mudou tudo. A regra em si mudou, agora voltamos a regra original, não está? Por que *yuko*? Antes não tinha *koka* e nem *yuko*. Eu atuei em *ippon* e acabou não tinha conversa mais, não tinha lateral nem esquerda e nem ninguém.

Namie também demonstra que acompanha a atualidade e parte do judô que ele aprendeu, da forma como aprendeu para comentar a institucionalização e seqüente globalização do judô com a Federação Internacional de Judô.

A visão abrangente dele é aguçada, e não por acaso. Sempre se mostrou também um líder representante da comunidade japonesa da região, principalmente ao se tornar vereador. Ocupou o cargo de vereador durante 24 anos, tendo o seu mandato por cinco gestões³⁹. Alguns mandatos duravam mais de quatro anos na época. Ele também foi suplente e assumiu algum tempo depois de seus colegas, sendo essa sua última atuação em 2004. Grande parte de seus mandatos foi como vereador pelo PL (Partido Liberal), atualmente denominado como PR (Partido da República), mudando-se para o PDT (Partido Democrata Trabalhista) em 2004. Seus comentários demonstram sua tristeza pelo comportamento das pessoas atualmente, dentre elas a sua última candidatura para vereador, frustrada. Sua candidatura e campanhas sempre foram baseadas no apoio de uma comunidade que está em transição, composta por integrantes da colônia japonesa e por adeptos a esse grupo em decorrência da prática do judô. Com a dinâmica das mudanças sociais, Namie se viu sem a identificação com o grupo, o que fez com que ele, não apenas deixasse de ser eleito, como também, o deixasse desconfortado com essa nova situação social.

³⁹ Os nomes dos vereadores que atuaram em Mogi das Cruzes nas respectivas gestões está disponível no *site* da Câmara Municipal de Mogi das Cruzes.

Namie considerava a informação já apontada nesta revisão de literatura a respeito do orgulho japonês em decorrência da história guerreira do país, como também as perseguições aos japoneses durante o período final à Segunda Guerra Mundial. E as conseqüências são percebidas primeiramente na identidade dos imigrantes e seus descendentes, observando-se, segundo Namie “orgulho” japonês e o rigor com que eram tratados o trabalho e o treinamento de judô. Outra forma que se percebe o perfil vitorioso e orgulhoso da cultura japonesa é a disseminação de que toda a cultura japonesa devesse também ser a melhor, o que poderia ser comparado a algum tipo de etnocentrismo, se não fosse a ótima relação que esses representantes tinham com os estrangeiros *gaijins*.

A descrição de Namie sobre o orgulho, comum em muitos japoneses, estar relacionado o espírito japonês pode se envolver com o que se tem divulgado como o “espírito do judô”. Por meio das leituras dos escritos de Jigoro Kano, o espírito do judô se envolve como a subjetividade, com as causas e conseqüências da prática e com as intenções em praticá-lo. Porém, no Brasil, se tem amplamente divulgado que o espírito do judô seriam “regras” de conduta. Essa discussão promove outras duas. A primeira⁴⁰ sugere ser provável que Kano não tenha escrito a divulgada lista de “regras” de conduta denominada “espírito do judô” pois, não há coerência entre o que foi escrito e registrado por Jigoro Kano com grande a maioria das “regras”. A segunda aponta como forte relação entre o pensamento ideológico japonês de combate, esforço e orgulho ao desempenho esportivo, possibilitando que o processo de entendimento do judô como esporte fosse acelerado.

Para Namie, a vitória fazia parte do orgulho japonês. A adequação do judô, enquanto prática cultural japonesa, em esporte contemporâneo, ocidentalizado, com características urbanas e pós-modernas, se dá possivelmente pelas similaridades entre o orgulho, a vaidade, a humildade, valores originários do *bushido*.

⁴⁰ Sugestão do professor Doutor Emerson Franchini

Ainda na entrevista, destacou o fato de três intercâmbios; a vinda de Chiaki Ishii que posteriormente aceitou lutar pelo Brasil; a vinda do mestre Kuroda, por indicação do *Kodokan*; a ida de Goro Saito ao *Kodokan* para realização de um estágio de treinamento custeado pela reunião de professores da academia de Egoshi, provavelmente, segundo ele, auxiliada por membros da *Kodokan* no Brasil, como Naito.

Roberto Moretti

O primeiro entrevistado foi Roberto Moretti, pois sua perspectiva diferenciada por conta da sua origem, *gaijin*, e sua formação profissional, poderia ampliar as possibilidades de análise das demais entrevistas, além de contribuir com maiores informações históricas a respeito do desenvolvimento do judô na região.

Dentre tantos professores que poderiam contribuir com a análise deste estudo, Roberto Moretti foi escolhido por representar a condição híbrida do judô brasileiro. Professor de Educação Física, Moretti se enquadra em todos os critérios aqui estabelecidos para a escolha dos entrevistados: é faixa-preta de terceiro grau (*sandan*) desde a década de 1970, competidor desde a década de 1950, participou do desenvolvimento do judô na região de Mogi das Cruzes tornando-se aluno de Tokuzo Terazaki e companheiro dos introdutores do judô na região, colaborou e dirigiu entidades que se formaram em função do judô regional, até o advento da fundação da Federação Paulista de Judô. Foi professor do Centro de Instrução Benishi Egoshi, após o falecimento do fundador que deu o nome ao Centro.

É contemporâneo dos demais pioneiros do judô na região. Tem opinião crítica e incisiva na relação entre professores e alunos e *nikkey's*⁴¹ e *gaijins*. Pessoa admirável, principalmente por sua atitude como mestre e formador. Ele diz

⁴¹ *Nikkei* é um termo utilizado para se referir a comunidade nipônica, independentemente da geração; *issei's*, *nisse'is*, *sansei's* etc. Neste trecho do texto observa-se que as aulas de judô eram destinadas aos *nikkey's*. A participação de *gaijin's* (não japoneses) nas aulas pode ser compreendida como uma miscigenação cultural e social.

que a história do judô de Mogi das Cruzes se confundia com as origens do judô brasileiro e que tudo isso poderia se perder.

A demonstração pela paixão pelo judô e a importância que ele demonstrava dar às histórias, aos princípios e a racionalidade foram ilustrados pelos objetos que fortalecem as recordações. Entre os objetos que ele já deixara sobre a mesa-de-centro da sala estão documentos, como a apresentação do campeonato comemorativo do cinquentenário da imigração japonesa no Brasil, fotos, livros (todos em escrita japonesa) e diplomas (do Brasil e do Japão), surgem lembranças emocionadas, que também emocionam.

Foram necessários dois encontros para se alcançar as informações e interpretações necessárias para a realização do estudo. O primeiro encontro se iniciou a tarde e se encerrou a noite após cerca de seis horas de gravação. Somente no segundo encontro, ocorrido semanas depois, foi possível intervir nos depoimentos com a questão chave do método, a história de vida. A reação dele foi de surpresa e fuga ao mesmo tempo, pois ele atribuía à visita à história do judô da região. Além disso, ao descrever os principais feitos de sua vida, ele próprio reconhece a importância de seus mestres e companheiros do judô, a quem se dedica a descrever durante sua narrativa, tanto antes como depois do questionamento central sobre sua própria história de vida.

O que deveria ser uma entrevista parece para ele uma conversa, que começa na calçada, em frente a sua casa, já com uma série de informações fundamentais para o estudo. Até a instalação do equipamento (uma filmadora e um gravador de áudio), muitas informalidades ocorreram. Destaque para a uma canção que ele propositalmente ouvia e fez ouvir, ao típico estilo japonês, tocada com banjo - *judo ichidai* (o que o judô ensina), música tema do filme “*Judo for life*”, que fez sucesso em 1940.

Enquanto senta-se ao sofá, entre conversas que o faziam se sentir a vontade para falar de diversos assuntos que sua memória julgou importante. O primeiro assunto demonstra a dimensão nacional das vivências dele, assim como

demonstra a organização do pensamento dele, relacionada a memória e sem uma linearidade, como descrito por Bosi (1994).

Durante a entrevista, a atuação dos mestres Terazaki e Egoshi é destacada por Moretti. Porém, outras personalidades são tratadas com naturalidade ilustrando a relação que teve com importantes mestres do judô brasileiro, como Augusto Cordeiro e George Mehdi, que se hospedou em sua casa – grandes mestres do judô brasileiro e responsáveis pelo desenvolvimento do judô no estado do Rio de Janeiro.

Por não ter uma trajetória semelhante aos outros entrevistados e por ser uma figura singular para a época, todos os fatos narrados por Roberto Moretti merecem atenção, concomitante com sua trajetória no judô.

Roberto Moretti nasceu no dia nove de novembro 1933 em Limeira. Seu pai havia saído de Morretes, cidade paranaense próxima a Curitiba, onde construiu uma fábrica de papel, depois a migrou para Limeira. Como o abastecia a cidade de São Paulo, anos depois mudou para Vila Maria, onde Roberto começou a jogar futebol nos campos de várzea e em um time que se formavam por ali, São Paulo *Rayway*. Como transitava por Mogi das Cruzes para comprar materiais de obra prima, montou a fábrica de papel na mesma cidade, empresa que hoje pertence ao Grupo Votorantim. Até 1945, estudou no Colégio Coração de Jesus com seus dois outros irmãos. O regime de internato não lhe agradava e impedia suas atividades atléticas.

Minha irmã Derna teve uma septicemia e tivemos que ir pra São Paulo, no Hospital do Brás. Então papai veio de carro, com um motorista e veio com um médico junto. E o interessante é que quando ele veio passando em Jundiapéba [distrito de Mogi que faz divisa com Suzano, separados por um rio, que sustentava a Companhia Suzano], tinha o rio Jundiá e tinha uma plantação de pêra. Ela teve que parar ali porque estava com febre, 40°, teve que molhar a toalha, passar no rosto. E meu pai, conversando com minha irmã Derna, falou: “*Derna, você vai ainda, vou fazer uma fábrica de papel aqui nesse morro*”. Como ele tinha falado pra minha irmã a anos depois, comprou o terreno, onde hoje é a Cia. Suzano

Seu pai não foi o único que a dar orgulho, descreve que sua mãe pode ter sido a primeira mulher a trabalhar na indústria como coordenadora e formadora de funcionárias, ao menos ela teria sido na região leste do estado. O depoimento a seguir é feito com alteração no tom de voz.

Disso eu tenho um orgulho tremendo, porque minha mãe foi a primeira a fazer isso. Quando ela conheceu meu pai lá na fábrica da... Klabin, que era perto do Florença, em São Paulo, onde meu pai conheceu minha mãe e foi lá que meu pai montou a primeira máquina de papel, em 1914.

Após a formatura de seus irmãos e já com a fábrica em Mogi das Cruzes, onde Moretti passa a jogar futebol em dois lugares distintos. O primeiro era o time do bairro Santo Ângelo, também várzea. Mas, em alguns momentos aproveitava as oportunidades para jogar com o time mais expressivo da cidade, o União Futebol Clube. Segue a narração de sua decisão entre assistir a aula em seu primeiro dia em Mogi ou jogar futebol

(...) o Ayrton e o Darci; *“Não! Vamos treinar no União porque vai começar o campeonato e você tem que bater uma bola com agente”*. Daí eu pulei o muro. [risos] No primeiro dia de aula, não assisti a aula. No segundo dia a primeira aula foi aula de “inglês”. Daí a Dona Lourdes disse; *“Primeiro dia que você vem e já pulou o muro e fugiu?”*. Então eu era assim. Era meio moleque e briguento

Entre os colegas citados que estudavam com Moretti, um se tornou ilustre nacionalmente: Mauricio de Souza, que desenhava em “quadrinhos” as histórias vividas por seus colegas. Roberto Moretti se tornou o Capitão Moretti. Muitos desenhos eram entregues aos colegas que estavam presentes nas histórias. Anos atrás, sem precisar quando, a editora solicitou a Moretti que emprestasse os desenhos para cópias, e assim ele nunca mais os viu.

A amizade que Moretti manteve com muitos colegas foi fundamental para compreender o mundo que o cercava. Ele narra a presença maciça da colônia japonesa e seus melhores amigos eram dela. Cabe aqui as lembranças dele sobre o clima de tensão no período da Segunda Guerra Mundial aos imigrantes e descendentes japoneses. O que talvez tenha feito se aproximar de muitos *nikkey’s* presentes na sua escola e no judô.

Proximidade entre a comunidade japonesa era também devido a região agrícola que Moretti residia. Não tão próximo do centro da cidade, onde estudava, nem próxima da fábrica de seu pai. Ele era incumbido de levar a refeição a seu pai, a cavalo. Assim amplia os contatos de amizade e passa conviver com diferentes pessoas, conhecer diferentes lugares. Estes são os elementos narrados por ele que possibilitam conhecer a academia de judô e ser aceito pelo grupo. Afinal, a academia em que ele inicia sua prática é próxima a fábrica.

A participação de Moretti no judô não se deu pelas mesmas razões de seus demais colegas. Descendente de italianos, Moretti iniciou por volta dos 14 anos de idade, quando a prática do judô era exclusiva (ou quase) aos *nikkey's*, por serem elas ministradas inteiramente em japonês. Apesar da pouca idade, já era capaz de autonomamente praticar o que lhe atraísse, diferentemente dos seus colegas que descendiam de imigrantes.

Seu envolvimento com as lutas e a inserção no judô dependia de uma condição diferenciada na sociedade, não econômica, mas sim, da forma como ele se relacionava e interpretava as manifestações sociais e culturais.

A luta-livre, por exemplo, é comentada por ele como uma atividade popular e de sucesso na época. E as brigas de rua, comenta ele, eram como atrativos para a juventude. Em ambas, a violência é relativizada, sem que se possa usar o modelo atual como referência.

Os caras vinham de fora mexer com as moças aqui, então você dava cinco minutos pra eles fugirem. Então você pegava no jardim e levava eles em coluna indiana até a estação. E o Everton tinha um negócio gozado; quando ele ia brigar subia na calçada – naquele tempo briga de rua era exercício, não tinha... não sei... hoje você vê esses caras com navalha, revolver... naquele tempo você brigava de mão só por farra, era uma brincadeira, a briga era uma brincadeira. Você brigava e daqui a pouco estavam tomando guaraná no bar todos juntos. E ele tinha uma coisa interessante - eu nem sei por que eu estou falando isso do Everton - ele subia na calçada e descia. Na hora que ele ia descer... o cara ia descer junto e ele dava um chute - que é o *ashi-barai*. Logo de cara pegava o cara assim, né. Depois e aí eu fui ver que tinha sentido o *ashi-barai*. E vivia nessas brigas, e não sei por que, eu quis aprender judô.

Além das motivações que envolviam as lutas e as brigas, seja por proximidade ou por intenção de defesa pessoal, apesar de não ser reconhecida por ele, Moretti demonstrava interesse por combates corporais na leitura de livros e revistas com o assunto. A principal revista semanal da época era a Revista Cruzeiro, constantemente apresentava materiais com o lutador Hélio Grace na em que ele dava aulas de jiu-jitsu, principalmente. Moretti recortava as reportagens e ilustrações das técnicas e chegou a montar uma apostila. Em muitos momentos de sua fala, ele se remete aos lugares e se sente como se, naquele momento, ele estivesse realmente lá.

Um dia eu soube que ia ter uma competição de judô lá no Terazaki, onde era o galinheiro, que tinha feito uma adaptação lá. Eu fui lá e o que me chamou a atenção era que o único *gaijin*, o único brasileiro que tava lutando era o Ivan Siqueira⁴². (...) “pô” brasileiro, tudo ali era brasileiro: descendente de japonês!. Naquele tempo entre cem lutadores, que tivesse 95 eram japoneses. Eu fiquei apaixonado pela coisa (...). Daí eu fiquei meio... gostei da coisa! Daí chegou na segunda-feira, eu vim pra escola e tal, falei com o Teodoro que estudava comigo Ele treinava no Terazaki. Ele falou: “*não dá pra você ir lá, nos somos amigos, mas eu sei que você não gosta (...) do Robertinho [já haviam brigado na rua]*”. Ele não queria me levar de nenhum jeito. Aí cheguei lá, arriei o cavalo e aí fui ... na Companhia Suzano (...), entrei assim, vi que era um galinheiro, vi que tava arrumado (...).

Sua motivação para praticar foi fundamental para que buscasse a academia e suportasse as dificuldades que estavam por vir. Sua iniciação no judô se deu diante de uma provação, diante de um desafio. Ao chegar na academia solicitou ao mestre Terazaki que autorizasse sua entrada na arte marcial. Questionado sobre os interesses e razões, Moretti ilustrou seu conhecimento por leituras, sobre seus colegas já serem praticantes e ter os assistido competir no dia anterior. a resposta do mestre disse mais do que uma negação; foi direta, com um simples sinal com a cabeça, seguida pelo afastamento a passos lentos. Foi o primeiro desafio. Ao montar ao cavalo para se retirar, Terazaki o questionou novamente para sobre suas origens o relacionando à já famosa fábrica. De alguma forma, o

⁴² Ivan Nunes Siqueira foi um dos vereadores que mais gestões permaneceu na Câmara Municipal de Mogi das Cruzes, sempre com quantidades expressivas de votos.

mestre acreditou que não se tratava de qualquer aluno e que este já possuía autonomia para chegar até ali, ao invés de se confortar ou se divertir com outras atividades. Só restava saber se esse interesse perduraria, o que é respondido com a fala que se repetiu em outros momentos da entrevista:

Escuta, você quer aprender a lutar judô até quando?

“Até quando ganhar do senhor”

A resposta pode ser considerada como um aceite ao desafio ou um enfrentamento ao mestre. Na incerteza da interpretação, ele montou ao cavalo preparou-se para partir para sua própria segurança. *“Não, não, pode começar”*. A seleção ainda não estava concluída, pois para ele seus alunos deveriam ter perseverança e autonomia. Afinal, a confiança é necessária ao entregar um bem valorizado por quem fornece e temido por quem observa. Um bem utilizado para o mal.

“E a roupa?”

“Procura saber onde faz. Pode vir.”

Sua primeira vestimenta foi feita com sacos de açúcar, feitos com algodão, que ele pediu para costurar. Outro destaque é a repercussão da sua entrada na arte marcial para seus amigos e familiares. Ao seu pai restou a preocupação com a segurança física de seu filho em praticar uma modalidade de combate, mesmo ele admirando as diversas apresentações de luta. Aos seus amigos e colegas, ao informar sobre seu ingresso no judô, comemoraram e o abraçaram. Colegas que o faziam pertencer a outro grupo, onde as regras e os costumes eram incompatíveis com os valores do grupo judoístico. Aquele grupo tinha por hábito, fumar, o que tornaria sua relação com o mestre mais desafiadora. Ao chegar na academia o mestre Terazaki questionou sobre o odor. Como retaliação, Moretti ficou numa situação incomoda

“Teodoro ensina ele a cair, o ukemi”⁴³ Até hoje meu ukemi é errado, não sou bom, só faço esquerda, a direita é difícil, porque não tinha aquela pedagogia que tem hoje, que a gente tem hoje. E outra, ele tinha uma versão.

⁴³ Sistema de amortecimento de quedas em que as mãos e braços vão ao solo.

A opinião de Moretti sobre a profissionalização é descrita emendando a essa idéia. Opinião com autoridade de quem foi professor de judô antes de se formar em Educação Física.

Os professores daquele tempo davam aula por amor, mas a Educação Física ajudou a desenvolver o treinamento.

Ainda com relação ao punitivo, seu colega Teodoro o arremessava a uma altura próxima do travessão de madeira que sustentava o prédio, o deixando os pés próximo ao lampião. Teodoro também tinha o desafio de errar poucas vezes para não ferir seu colega. Fato que se deu por metade da sessão de treino. Como repouso, ouviu um ríspido “Senta direito” seguido por um: “Bom, Aluno!”

Outra passagem de iniciação e de desafios era a formação de duplas para combate, onde ser menor ou menos experiente não poderia ser pretexto para rejeitá-los

Com *guiaku* [estrangulamentos] desmaiei umas duas três vezes, acordava via estrelinhas, no primeiro dia. Daí ele chegou e falou: “*É assim, o judô é isso. Você vai continuar?*”

Novamente foi indagado sobre sua motivação para a prática, sendo colocada sua permanência em questão. “*Até quando jogar o senhor*”. Com outra aprovação nesse novo desafio, veio a retribuição e o ritual de passagem, como se ele, a partir de então, fosse aceito no grupo.

Daí parou o treino. “*Soromade*”. [final de combate ou de sessão de treino]

Então pediu pra passar lá e trazer uma raquete, uma panela e uma travessa, uns “negocinhos” amarelos e redondinhos, opa, cansado e com fome, era noite, pensei que fosse batata, com lampião. Na hora que eu pus no prato, na hora que eu peguei, era nabo. Até hoje eu não.... Falei:

“Agora você vai ter que comer”

Na hora que eu quis passar pro próximo colega,

“Não! Você vai comer!”

Daí foi, começamos a treinar, foi, foi....

A aceitação de Moretti no grupo não significou sua total autonomia, ao contrário, significou uma maior devoção ao mestre e um maior respeito a hierarquia. Em uma de suas insaciáveis curiosidades e desejos de novos desafios, adentrou no *dojo* de seu amigo e vizinho Roberto Yoshimoto, junto com seus dois irmãos, todos faixas-pretas

Então aos sábados, eu tinha combinado com ele de ir treinar lá, ele estendia uma lona, eles levavam verdura pro Rio, então estendia uma lona e a gente treinava ali e o sensei que falou pra mim: "Não vai lá"

Mas, pô.....Ai eu fui querer saber por que ele não quer que eu vá lá. Daí na primeira que eu treinei com os dois lá, eles não conseguiram me jogar. Daí tava jogando com o Paulo que era o mais velho, e o Paulo tinha *seoi*⁴⁴, e era um baixinho, daí ele foi e começou a me esfregar meu rosto e abaixei assim ele dava *seoi* por ser baixinho, começou a esfregar no encerado, na terra, na terra batida, daí eu fui fazer o *ukemi*, to treinando... ai fiz o *ukemi*, na hora que eu fiz ele forçou, forçou e afundou a clavícula, que dor, fui lá e pedi pra ele....., ele falou: "Não, não podemos levar. Nem fala que você teve aqui."

A descoberta de sua aventura proporcionou uma maior preocupação de sua família e de seu mestre, Terazaki, que havia dito a ele que não fosse a outro local de treino. O mestre, que também era conhecido por suas habilidades e conhecimentos como quiropraxista, colocou o braço dele no lugar.

A obediência que Moretti aprendeu a ter para não contrariar o mestre serviu neste caso, impedindo a autonomia precipitada, mas foi mais marcante quando Terazaki determinou que ele devesse seguir treinando e auxiliando seu colega Egoshi.

Tempos depois, Egoshi faleceu e, entre vários colegas faixas-pretas, solicitou que o único *gaijin*, comandasse o Centro de Instrução do Judô Egoshi. Mesmo assim, Moretti esperava contar com o auxílio dos colegas, entre eles, o mestre Yukichi Kimura, que fundaria o Judô Clube de Mogi das Cruzes. Com o apoio da prefeitura à instituição, Paulino Namie foi convidado para assumir o comando, deixando sua academia tradicional na Sociedade Agrícola de Cocuera com seus outros colegas.

⁴⁴ Abreviação de *seoi-nague*, que significa arremessar sobre o ombro.

A profissionalização do ensino estimulou Moretti a acompanhar a academia apenas como convidado, deixando o comando com o professor de Educação Física. Moretti não frequenta academias de judô desde que seus netos deixaram o judô, por volta de quinze anos atrás. Vive com sua esposa. É aposentado das aulas de educação física e também da indústria. A felicidade que ele demonstra no encontro é proporcional a quantidade de informações que ele transmite: imensas.

A Guerra é constante em sua fala. Não apenas para ter referencia de tempo, como os fatos que ocorreram antes, durante ou após ela, mas ele reflete sobre as conseqüências dela. Ao lembrar-se dela, aparece uma nova interrupção do pensamento, pois a lembrança desse fato fez ele se remeter aos efeitos dela, sentidos por ele e por seus amigos, a exemplo da perseguição, onde ele não descreve como sendo algo analisável, que já foi revisado ou discutido. Na verdade não deveria ser classificada como perseguição, pois ele mesmo não titubeia para classificar o mal estar criado na sociedade a cerca do tratamento dado aos nipo-brasileiros. Os demais entrevistados a tratam com maior ênfase, mas não em maior presença nos fatos.

Além do reconhecimento dos valores do tipo de transmissão que recebeu, em outros momentos Moretti reconhece a importância da Educação Física. Em alguns momentos da entrevista, ele descreve sua didática e sua interpretação de valores como conseqüência dela. Cita uma discussão com outro professor sobre a execução de uma técnica *uchi-mata*⁴⁵ adaptada ao biótipo do aluno. Na interpretação de outro professor, a técnica não estava sendo executada corretamente, demonstrando uma visão positivista, que pode estar associada mais a cultura japonesa do que a tradição do judô.

Segundo o pensamento de Kano, o judô deveria ser uma prática adaptada para que os jovens pudessem praticá-lo sem as restrições que ele teve que superar para praticar *jujutsu* e que “*mesmo uma pessoa fisicamente inferior*

⁴⁵ *Uchi mata* é uma técnica que busca ocupar o centro de gravidade do adversário elevando um perna que abduz a virilha do adversário. É uma das técnicas mais utilizadas no judô de alto nível, de difícil execução e defesa.

poderia, conhecendo o jujutsu, superar um oponente fisicamente superior” (Kano, 1994 p.32).

O fato de Moretti descrever sua trajetória de forma não linear deve ser interpretado dele sobre a importância dos fatos. Mas, deve-se considerar a grande quantidade de informações e reflexões que ele continha, capazes de causar confusão. Como o método história de vida descreve, as repetições e as ênfases que o entrevistado deu, são mais relevantes que os demais fatos narrados. Portanto, aqui se apresentaram somente os fatos enfatizados por ele e que se agruparam na ideia do trabalho.

O cotidiano e os valores na vida dos mestres

A entrevista é um momento único, não só para o entrevistado. Para o entrevistador ela pode apresentar as impressões e a forma de organização do pensamento do entrevistado. Com relação ao posicionamento (papel) dos entrevistados, se poderia esperar nas entrevistas, que eles, na condição de atores, representariam seus personagens e ao mesmo tempo seriam protagonistas em suas narrações. Mas, percebeu-se o contrário. Portanto, para esse estudo, nem todo ator-narrador se considerou protagonista. Porém, percebe-se que a maneira que cada um dos três atores se coloca é diferente, a frente ou atrás de outros fatos ou outras pessoas, que aqui são denominadas como protagonistas. Percebe-se algum entre os entrevistados esteve ou ainda está se descrevendo diante dos fatos de forma mais ou menos centralizadora.

Moretti, apesar de se apresentar como ator em alguns casos, na maioria das vezes se apresentava como apenas narrador. Somente no segundo dia de entrevistas é que foi conveniente questionar sobre sua história de vida. Nessa situação, antes dele se descrever como professor, descreve em sua trajetória, sua família, seus amigos sua época. Naito, ao ser questionado sobre o pai, se coloca na condição de ator principal, colocando a presença de seu pai como pano de fundo. Namie prefere ser objetivo aos seus questionamentos. Não atribui méritos

a si por causas simplórias, como também reconhece que foi figura importante na formação de seus alunos. Para ele, o judô é que forma.

Os três entrevistados descreveram a relação entre a família e o judô. Coincidentemente as os pais se mostraram empreendedores para a região. Ao mesmo tempo em que escolheram a cidade para se desenvolver economicamente, a cidade também lhes deve em parte o seu desenvolvimento.

O pai de Moretti escolhe a região de divisa com Suzano para construir sua empresa de papel e celulose, justamente diante da adversa enfermidade de uma das filhas. Ali se estabelece e dá início a um novo perfil industriário para a cidade e para a região. Namie lembra do rigor e do orgulho de seu pai, se identificando relacionando a sua própria imagem e sua educação isso. Atribui ao judô determinados valores, mas não deixa de relacioná-los e até condicioná-los a educação que se recebe, sendo que para ele ocorre primeiramente em família. Naito, ao ser perguntado sobre sua própria história, contextualiza a história de vida de seu pai, mas a partir da perspectiva dele, diferente da imagem que é destacada na literatura. Uma imagem mais envolvida com valores relacionados a atos simples do que seus feitos mais reconhecidos pela literatura. Portanto, a imagem que Paschoal descreve do esporte, não apenas do judô – afinal, seu pai competiu nos Jogos Olímpicos em outra modalidade, além dos eventos poliesportivos que ele organizava – , é de uma atividade de direcionamento moral e intelectual.

A iniciação compõe uma relação que pode ser estabelecidas entre os entrevistados quanto as provações para a iniciação. Todos foram colocados em prova, como forma de seleção para que a confiança fosse garantida. Namie foi mais simples ao descrever sobre o rigor do mestre, que ele também atribui a si próprio e a seu pai. Não deixou mostras de como foi sua iniciação mas, ao lembrar dela, cita o acidente com o trator. Moretti deu ênfase a seu dialogo com o mestre Terazaki, mostrando que só foi aceito porque não recusou desafios e mostrou-se, ele próprio um desafiador. Naito teve um início como uma consequência de seu pai ser mestre, mas sua fala descreve dois fatos que

merecem ser apontados; a idade de sete anos mínima para a prática do judô pode significar que se esperava que ele iniciasse antes; outro aspecto apontado por Paschoal é as rigidez e cobranças mais amenas de seu pai em comparação a seus irmãos. O rigor também foi ilustrado com sua promoção a faixa-preta, evitada por seu pai.

Percebe-se a preocupação do entrevistado, não apenas em narrar os fatos, mas também contextualizá-los a partir da possibilidade do entrevistador – ou o público leitor da entrevista – não ter conhecimento que ele julgou fundamental para a seqüência dos fatos. Tal apelo, é semelhante entre todos os três entrevistados. O que ilustra a desvalorização da história. Outro fato percebido que ilustra tal fato é o comportamento dos entrevistados, ansiosos em transmitir as informações, a distribuição desorganizada das mesmas, a tentativa de contribuir com detalhes, ainda que a ênfase na análise fosse na interpretação deles.

Entre os três entrevistados, não foi possível destacar alguma informação desconhecida. Ocorreram sim divergências quanto às datas, o que segundo Bosi (1994), não fundamenta o método, bem como a veracidade dos fatos. Em menor escala, divergiram em algumas experiências, ainda que próximos territorialmente, como no caso do *Shindo Renmei* (grupo de imigrantes que não aceitaram a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial), todos os entrevistados destacaram as perseguições aos imigrantes japoneses, em decorrência da Segunda Guerra Mundial, e a seqüente rejeição da derrota japonesa, mas somente Paschoal Naito descreve ter convivido com este grupo na região. Já Namie afirma que este grupo se apresentou somente no interior de central do estado, apesar da animosidade estar presente também ali.

Assim como houve a preocupação com as informações, também houve com a forma de se apresentar à entrevista, com polidez e desapego. Naito e Moretti preferiram trocar de roupa após saber que a entrevista seria filmada. Somente Namie não havia separado materiais e objetos de recordação para apresentar na entrevista. O que talvez seja um desapego. Apesar de Naito ter mostrado um

álbum de fotos tiradas no Japão, seu pai tinha imensa atuação institucional e mesmo assim, não tinha a intenção de guardar e expor os materiais.

Apesar de o judô ser o denominador comum e o tema deste estudo influenciar a narração deles, é preciso destacar que os entrevistados possuem semelhanças além das vivências no judô. No caso dos entrevistados, notou-se uma profunda relação entre os princípios judoísticos e os valores familiares. Não por conta de ter havido algum praticante na família, ou pelo incentivo dado pelos pais, mas por terem sido estes princípios associados aos valores difundidos na família. O que motivaria uma melhor interpretação dos praticantes, assim como sua adesão durante anos de prática e sua seqüente transmissão aos novos aprendizes. Esses valores estariam envolvidos principalmente com a dedicação, persistência, definição de metas pessoais.

As transmissões dos princípios e as valorizações familiares ou esportivas podem ser classificadas como transmissões culturais. E, assim como se dá qualquer fenômeno cultural, está atrelado aos fatos que ocorreram na sociedade. Além das perseguições e o clima tenso de guerra que esse processo se deu é importante destacar uma sensação constante na sociedade, o caráter de mudança dela.

Foi percebido o caráter de mudança no judô atribuído por eles principalmente as mudanças que o mundo viveu nos últimos anos. Esse caráter de mudança com abrangência generalizada pode ser descrito como pós-modernidade, pois envolve áreas que vão além do judô ou da esportivização. Também foi comum perceber o entrevistado remeter-se a este período como o “*tempo dele*”, sem afirmar que este seria “*melhor*” ou “*pior*”, simplesmente identificando e reconhecendo a mudança; o que não significa que ela tenha gerado a sensação de desconforto em algum momento de suas vidas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo percebi que me fazia mais sentido analisar os valores que estiveram presentes na minha formação desde minha infância sem que este estudo se limitasse a alguma experiência pessoal. Experiência que motivou a permanecer com uma intenção de envolver a redação deste estudo interpretando e descrevendo o judô como uma forma de manifestação corporal, caracterizada mais como cultura corporal de movimento do que apenas como uma modalidade de competição. Uma das minhas impressões narradas na introdução descrevia minha trajetória como pertencente a um grupo, e que entre estes semelhantes não me lembrava de ter havido alguma rejeição por preconceito ou por outra razão, senão aquilo que eu realmente pudesse fazer. Percebi novamente tal convívio com os semelhantes, porém desta vez não os conheci no *dojo* e o que nos aproximou não foi a técnica – ou aquilo que eu realmente pudesse fazer, nem aquilo que fiz, pois não sabiam das minhas atuações como *judoka* – mas sim, aquilo que acredito a partir das experiências vividas. Acredito que as experiências prévias por ter ser *judoka* facilitaram o diálogo com os entrevistados, assim como também a análise. A relação que estabeleci com os entrevistados foi, reciprocamente, familiar. Considerando-se que, além de, apenas aparentemente, “conhecê-los”, ambos demonstraram ter-me como um possível continuador dos métodos, das tradições e de suas crenças, ou simplesmente como um *deshi*.

Ao buscar identificar a presença dos princípios do judô na vida cotidiana dos mestres, acabo por perceber que diferentes interpretações dessa prática são possíveis. Pois, para analisar os depoimentos foi necessário, primeiramente, descrever o judô, não apenas da forma como foi elaborado por Jigoro Kano, mas, além disso, buscar identificar as razões que o fizeram chegar até ele.

Após ter percorrido este caminho, considero que a palavra judô sofreu um empobrecimento de seu significado. Entendo que judô não é uma palavra, bem como não se enquadra como modalidade, mas sim uma reunião de significados que, por meio da cunhada palavra *Ju-Do*, e que podem ser explicados a partir do *seiryoku zenyou* e do *jita kyoei*, que por sua vez se originaram da idéia de *ju yoku*

go o *seisu* (suavidade controla a dureza). Nesse sentido, o objetivo deste estudo pode estar relacionado não apenas ao judô para a vida cotidiana, mas como o caminho para a suavidade da vida cotidiana. Princípio que tem como expressão e meio físico para a compreensão dele a prática da utilização da força do adversário, em favor do menos forte. Uma metáfora para a vida, alcançada ao preço de ter sido Kano vítima de violências escolares e, para resolver problemas internos ou externos, buscou a luta. A leitura e a reflexão sobre essa marcialidade me fazem entender que o combate corporal apresenta questões paradigmáticas quanto à violência, pois é constante a presença do respeito ao outro a partir da preocupação do lutador em poder estar na mesma condição que o adversário, portanto, evitando agressões e possibilitando o autoconhecimento. Acredito que este consideração tenha grande utilizada na utilização do judô como forma de educação formal ou não-formal.

A ampliação da utilização do judô tanto em escolas e em academias como também sua exposição em competições esportivas me trazem preocupações a respeito das expectativas do público e do comportamento dos seus instrutores.

Este princípio atualmente tem sido interpretado de forma equivocada e às vezes contrária, de forma autoritária e que propaga a hierarquia como forma de controle e submissão. Onde percebemos a idéia de que a dureza controla a suavidade e, onde fracos ou pobres, para serem transformados em fortes e ricos precisariam passar por provações. Apesar do alcance a este público não ser a meta de Kano, pois para ele a igualdade sempre esteve presente. Se assim fosse, seria esse apenas o caminho para a vitória, valorizado pelo antigo *jujutsu* e que não reflete sobre as conseqüências da luta, somente o resultado, às vezes sobre condições de submissão à ordem do mestre.

Ao descrever os primórdios desse advento, a cultura japonesa precisou ser considerada. Pois muito do que se propaga como princípios pertencentes ao judô e atribuídos à Kano, são equivocadamente atrelados valores da cultura japonesa, que possui formação tão miscigenada quanto a formação da cultura brasileira. São na verdade interesses que envolvem relações de poder. São, muitas vezes,

crenças ou imposições baseadas em interesses; como o orgulho, a disciplina e o rigor, tendo às vezes a marcialidade como pretexto.

Com relação ao judô brasileiro, se tal arte aqui chegasse de forma sistematizada, como um produto, como uma modalidade, talvez não fizesse o mesmo sentido de análise do judô brasileiro. Ele poderia ser mais semelhante ao judô praticado no Japão ou em outros lugares do globo. Desfrutamos de um sucesso atípico, a partir de implementação diante de adversidades, porém sempre com a presença da respeito às diferenças e aproximando-se com as semelhanças.

O judô praticado por pequenos grupos, como o daqui descrito, possibilitou tanto o desenvolvimento dele fazendo uso dos eventos e da comunidade vizinha, como também ele próprio foi utilizado como forma de aproximação e linguagem entre imigrantes japoneses, seus descendentes e outros vizinhos. O judô permitia a transmissão de valores, alguns personificados na cultura japonesa. Interpretado dessa forma o judô é tanto objeto como meio, e os fins podem ser tanto culturais como sociais. Desta forma, o judô é tratado como objeto capitalista, pois a valorização do rendimento pode ser também uma caracterização cultural contemporânea de atribuição e descaracterização de valores em prol do mercado. Enquanto meio de preservação ou ensino cultural – é o caso da educação formal ou não formal, por exemplo –, o judô apenas faz sentido se nele estiverem considerados seus valores e suas tradições. Ainda que diante de necessidades do mercado, a organização do judô local não deixou de se estruturar, mesmo tendo inicialmente o interesse de socialização e de transmissão cultural com sua prática, que ocorriam tanto na introdução dele no Brasil como também moldou as atuais formas de organização.

Nas entrevistas, a discussão inicialmente trataria das informações tiradas nela como dados primários, mas os entrevistados refletem, com certa ênfase, simbolicamente, o que os seus antigos mestres falecidos representaram. Esses antigos mestres trazem elementos e meios que mudam a interpretação do judô e do esporte, ao mesmo tempo em que sintetizam e representam a forma de

organização da sociedade brasileira. Justificando o caminho percorrido na revisão de literatura e principalmente, na necessidade da descrição biográfica dos antigos mestres, mesmo não sendo esta biografia objeto desta investigação.

Fatos vividos por antigos mestres apoiaram o entendimento da narração dos atuais mestres, pois aqueles foram figuras fundamentais em suas vidas. Justificando a razão de serem tratados como mestres, e não apenas *sensei's*. Foram aqueles que ensinaram o caminho para se interpretar a vida. A presença dos antigos mestres nos depoimentos nos remete a uma interpretação mitológica e idealizada da figura mentora, que se assemelha a figura paterna, onde estes que antes eles estavam personificados como filhos, posteriormente passaram – ou ainda passam – ao papel de pais.

Ao ouvir as narrações sobre os antigos mestres percebi que neles havia semelhanças com o meu antigo *sensei*. O que me faz medir sobre a minha representação para outros indivíduos na sociedade contemporânea. A imagem dos antigos mestres, por meio das interpretações dos os atuais mestres, idealizada ou não, ressoou sobre mim mesmo antes de conhecer algo sobre a existência deles.

Cabe ainda a sugestão de novos estudos com reflexões sobre a origem dessa imagem e a relação que ela tem com a transmissão dos princípios do judô. A tradição tem papel fundamental nessas transmissões, mas reflexões precisam ser feitas para além dela. Pois se percebe a existência da imagem idealizada de mestres e do próprio judô onde não houve a transmissão dele como estudado aqui, onde o principal papel coube a imigrantes japoneses, alguns vindos do *Kodokan*. Assim como, em outros lugares, existiram lutadores que não tiveram contato com japoneses, mas representaram a intenção marcial oriental.

As sugestões surgem diante das limitações deste estudo que, apesar de restrito, visualiza a abertura para diversas regiões do Brasil, pois Mogi das Cruzes, além de servir como um estudo de caso, serve como porta de entrada para outras discussões, tanto com relação às origens como também às

perspectivas futuras para essa prática. Com relação à origem, semelhante a ela, outras cidades receberam grande contingente de imigrantes japoneses. Mas muitas desenvolveram o judô de outra forma, principalmente fora do estado de São Paulo. As origens institucionais do judô local demonstram envolvimento com as motivações e os procedimentos das entidades associativas; três temas são abordados por meio do entendimento associativo percebido no meio judoístico a partir das décadas de vinte: (1) o caráter associativo imigrante visualizado nas entidades da época (como o beisebol em 1914; judô e *kendo* em 1933); (2) as divisões ideológicas e políticas por meio do caráter associativo e suas conseqüências (*Shindo Renmei*, em 1945); (3) a utilização da (re)união de grupos com interesse culturais e sociais envolvendo judô. Nessa seqüência, aparentemente a organização institucional do judô sofreu influências dos interesses dos grupos envolvidos.

Com relação às perspectivas, a continuidade parece ameaçada. Das três academias dos mestres entrevistados, apenas ainda existe a academia de Terazaki, mas com pouco reconhecimento diante daquilo que ela representa. Referindo-se a outras academias tradicionais, há a dificuldade em preservá-las tendo adotado o perfil que elas tinham originalmente. Aparentemente, o modelo esportivo é a maior forma de garantir o desenvolvimento das tradicionais academias diante das demandas atuais. Mesmo assim, elas ainda têm como um desafio o modelo dos clubes poliesportivos, geralmente, com arrecadações maiores. Este desafio se torna maior na medida em que as entidades administrativas defendem um interesse de resultados esportivos mercadológicos. Propagando a priorização pelo resultado em detrimento do processo: a competição de ser uma celebração ou uma forma de avaliação.

Este estudo ainda sugere investigações que complementem a sua proposta, por exemplo: motivações para a inserção; a iniciação e seus ritos de passagem; os métodos de instrução; as transições da carreira atlética para a maestria; e as motivações à atuação voluntária ao próximo. Outra forma possível

de analisar a utilização dos princípios do judô e sua valorização seria classificar a vida cotidiana na transferência desses valores para a vida profissional ou familiar.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, B. Evolução da sociedade e do estado no Japão: uma visão abrangente. *Revista USP*. São Paulo, 27, 6-19, setembro-novembro de 1995.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velho*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOSI, E. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.
- CALLEJA, C.C. *Caderno técnico - didático de judô*. Brasil: SEED/Ministério da Educação e Cultura, 1984.
- CALLEJA, C.C. Judô. In: BORSARI, J. R. *Manual de Educação Física*. São Paulo: EPU, 1979.
- CARDIAS, F. *Psicologia das artes marciais e esportes de combate*. In: K. Rubio (org.). *Psicologia do Esporte Aplicada*. Casa do Psicólogo, São Paulo, 2003.
- CARR, K. G. Making way: war, philosophy and sport in japanese judo. *Journal of sport history*, v.20, n.2, p. 167-188, 1993.
- DEZEM, R. *Shindô-Renmei: Terrorismo e Repressão*. Coleção Inventário Deops. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- DRIGO, A. J. História do judô no Brasil: a contribuição dos senseis Uadi Mubarac (8º dan) e Luis Tambucci (9º dan). Monografia (Conclusão de Curso de Bacharel em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro: UNESP/RC, 1999.
- FABRE, L. C. Boxe. *Esporte e jornalismo*, Tambucci, P. L. et al. (org.), São Paulo: CEPEUSP, 1997.

- FELICE, O. S. *Luta olímpica*. Esporte e jornalismo, Tambucci, P.L.et al. (org.),São Paulo, CEPEUSP, 1997. p. 278.
- FRANCHINI, E. *As modalidades de combate nos Jogos Olímpicos modernos*. In: Seminars Spain-Brazil The Olympic values as a research object in the area of education and culture in Spain and Brazil. MORAGAS, M., DACOSTA, L. Centre d'Estudis Olímpics UAB, Editora Gama Filho, Spain-Brazil, 2006,p. 716-724.
- FRANCHINI, E. DORNELLES, A. Judô. In: Lamartine Pereira DaCosta (ORG.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Confef, 2006.
- FRANCHINI, E.; DaCOSTA, L. P. Fundamentos do judô aplicados à educação olímpica e ao desenvolvimento do Fair Play. IN: Turini, M; DaCosta, L. P. *Coletânea de textos em estudos olímpicos*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, p.355-372, 2002.
- FRANCHINI, E.; VECCHIO, F. B. Tradição e modernidade no judô: histórico e implicações. In: Katia Rubio; Alberto Reppold Filho; Roberto Maluf Mesquita; Nelson Todt. (Org.). *Ética e compromisso social nos Estudos Olímpicos*. 1ª ed. Porto Alegre: Editora PUC-RS, 2007, v. 1, p. 121-145.
- GRINBERG, I. *História de Mogi das Cruzes: do começo até 1954*. São Paulo: Saraiva, 1961.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- KANO, J. *Kodokan Judo*. Kodansha International, Tokyo, 1994.
- KANO, J. *Mind over muscle; writings from the foudet of judo*. Compiled by Naoki MURATA, Kodansha, Tokyo, 2006.
- KASHIWAZAKI, K. *Judo*. Comunicação apresentada no 170ª International Seminar of Budo Culture, International Budo University, Katsuura, Japão, 2005.

- KIAI. *Edição comemorativa dos quarenta anos da Federação Paulista de Judô*, São Paulo: Sportpress, 1998.
- KUPER, A. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru-São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.
- LEONE, S., FIAMINI, C., PIRES, D., ZARBIETTI, G. *Memórias de Suzano: histórias e fotos de todos os tempos, do vilarejo à cidade grande*. 1ª edição, Editora Diário do Alto Tietê: Suzano, 2009.
- LOUKA, A., COOK, H. Memories of the great masters: Minoru Mochizuki. *Dragon Times*, n.13, p.25-28, 1998.
- MAEKAWA, M. Jigoro Kano's thoughts on judo. *Bulletin of the Association for the Scientific Studies on Judô. Kodokan*, Report V, Tokyo, 1978.
- MORAES, M. S. *História da Imigração japonesa em Mogi das Cruzes*. Mogi das Cruzes: Editora Moginews, 2008.
- MORAIS, F. *Corações Sujos - a história da Shindo Renmei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NUNES, A. V. A dimensão social do doping. In Katia RUBIO (org.) *Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social*. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 191-214.
- OCADA, F. K. Uma reconstrução da memória da imigração japonesa no Brasil, *Teoria e Pesquisa Revista de Ciências Sociais*, v. 1, n. 41, 2006.
- OIMATSU S. The way of seiryoku zenyo-jita kyoei and its instruction. *The Bulletin for the Scientific Study of Kodokan Judo*. Volume VI, 1984.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: O. M. Von Simon (org.) *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice Editora Revista dos Tribunais, 1988.

- RUBIO, K. A história de vida como método e instrumento para a apreensão do imaginário esportivo contemporâneo. *Motus Corporis*. Rio de Janeiro, Vol. 11, n. 01, 09-21, 2003.
- RUBIO, K. *Medalhistas olímpicos brasileiros*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2006.
- RUBIO, K. *O atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- SOUZA, E. F. História de vida: a memória resgatada através da atividade corporal. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 27-41, 1997.
- SUGAI, V. L. *O caminho do guerreiro*, Volume I, São Paulo: Editora Gente, 2000.
- _____, V. L. *O caminho do guerreiro*. Volume II, São Paulo: Editora Gente, 2000.
- SUZUKI, E. *O pai da educação integral e o universo do Judô*. São Paulo: Editora do Escritor, 1986.
- VÁRIOS AUTORES. *Uma Epopéia Moderna – 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, vários autores, Editora Hucitec e Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, São Paulo: 1992.
- VIRGÍLIO, S. *A arte do judô*. Campinas, Papyrus, 1986.
- VIRGÍLIO, S. *Personagens e histórias do judô brasileiro*. Campinas: Editora Átomo, 2002.
- WATSON, B. *The father of judo, a biography of Jigoro Kano*. Kodansha, 2000.
- YAMASHIRO, J. *A história da cultura japonesa*. São Paulo: IBRASA, 1986.
- YAMASHIRO, J. *Japão: Passado e Presente*. São Paulo: IBRASA, 1977.
- YOFFIE, D.B., KWAK, M. *Estratégias de judô: transformando a força de seus concorrentes em vantagens para você*. Negócio Editora, 2002.

Fontes eletrônicas

ADAMS, A., *Dynamic Judo, Jigoro Kano*. Judoinfo. 1970, disponível em <http://www.judoinfo.com/kano4.htm>, acessado em 10 de novembro de 2009.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BOXES, disponível em <http://www.cbboxe.com.br/aconfed-historia.htm>, acessado em 10 de novembro de 2009.

CONSELHO MUNICIPAL DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL, ARTÍSTICO E PAISAGÍSTICO DO MUNICÍPIO DE MOGI DAS CRUZES, disponível em <http://www.comphap.pmmc.com.br/link/roteiro/predios.htm>, acessado em 10 de novembro de 2009.

EVANGELISTA, R. Corações Sujos - a história da *Shindo Renmei*. *Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, (s/n), 2000. disponível em <http://www.comciencia.br/resenhas/coracoes.htm>, acessado em 10 de novembro de 2009.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ, *Evolução cronológica do judô*, In: História do judô, disponível em www.fpj.com.br/historia/hitoria.htm, acessado em 10 de novembro de 2009.

FUNDAÇÃO JAPÃO, disponível em http://www.fjisp.org.br/guia/cap13_b.htm, acessado em 10 de novembro de 2009.

IMIGRAÇÃO JAPONESA, In: Imigração japonesa no Brasil: Nossa história, disponível em <http://www.imigracaojaponesa.com.br/nossahistoria3.html> acessado em 10 de novembro de 2009.

IMIGRAÇÃO JAPONESA:

<http://www.imigracaojaponesa.com.br/nossahistoria3.html>. acessado em 10 de novembro de 2009

INTERNATIONAL JUDO FEDERATION. Disponível em <http://www.ijf.org>, acessado em 10 de fevereiro de 2007

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Disponível em <http://www.ioc.org>, acessado em 20 de setembro de 2006.

JAPAN OLYMPIC COMMITTEE. Disponível em <http://www.joc.jp>, acessado em 10 de fevereiro de 2007.

MEDEIROS, R. H. B. *A história do judô; a chegada do Judô no Brasil* - Conde Koma, disponível em <http://www.judobrasil.com.br/historia3.htm>, acessado em 10 de novembro de 2009.

MOGI DAS CRUZES, Câmara Municipal, http://www.cmmc.com.br/camara/presidentes_vereadores.htm acessado em 10 de novembro de 2009

MOGI DAS CRUZES, *Prefeitura Municipal*, disponível em <http://www.pmmc.com.br/Cidade/localizacao.php> acessado em 10 de novembro de 2009.

MOGINEWS, *Caderno Especial: Imigração Japonesa*, disponível em <http://www.moginews.com.br/especiais/imigrantes/06.html>, acessado em 10 de novembro de 2009.

SVINTH, J. R. Judo, the Olympics, and Television. *Journal of combative sport*, 2001. Disponível em http://ejmas.com/jcs/jcsart_svinth1_0201.htm, acessado em 10 de novembro de 2009.

WANDERLEY, Paulo Fernando Tenório. *O judô no Rio de Janeiro: origem e trajetória Histórico do judô no Rio de Janeiro*, 2001, disponível em www.judorio.org.br/figue_ligado/historico/hist_judo_rj.doc, acessado em 10 de novembro de 2009.

YAMASHIRO, J. Os quatro da década de 30. In: Cultura Japonesa - Comunicação – texto de José Yamashiro, disponível em http://www.fjsp.org.br/guia/cap13_b.htm, acessado em 16 de novembro de 2009.

YURA, D. Meta é criar complexo poliesportivo. *Diário de Suzano*, Caderno “Cidades”,. Matéria publicada na edição número 7410, disponível em <http://www.diariodesuzano.com.br/main3/conteudo.php?cod=9641>, acessado em 10 de novembro de 2009.

ANEXOS

Termo de consentimento livre e esclarecido

Título da Pesquisa: *Princípios e valorização do judô na vida cotidiana de mestres da região de Mogi das Cruzes*

Eu, _____ RG _____,
residente a Rua _____,
abaixo assinado dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário da pesquisa supracitada, sob a responsabilidade do pesquisador GILMAR BARBOSA DE SOUZA, aluno do curso de mestrado em Educação Física, e sua orientadora Dra KATIA RUBIO da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- O objetivo do presente estudo, que é parte da dissertação de mestrado da instituição citada é verificar a presença de princípios e valorização do judô na vida cotidiana do entrevistado;
- Os resultados deste estudo poderão fazer parte de artigos científicos publicados, desde que mencionada à origem;
- Durante o estudo será feita a aplicação da entrevista pelo método “história de vida” tendo as entrevistas registradas em vídeo;
- Declaro que obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- Autorizo a publicação de meu nome e das informações contidas na entrevista;
- Os meus dados pessoais serão mantidos em sigilo, exceto nome, e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, exposto acima, incluída sua publicação na literatura especializada;
- Este termo de consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Data: ___/___/___

Voluntário: _____

Pesquisador: _____

Souza, Gilmar Barbosa de
Princípios e valorização do judô na vida cotidiana de
mestres da região de Mogi das Cruzes / Gilmar Barbosa de
Souza. – São Paulo : [s.n.], 2010.
vii, 135p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte
da Universidade de São Paulo.
Orientadora: Profa. Dra. Katia Rabio.

1. Judô 2. História do esporte I. Título.